

Como tudo começou

*A história e 35 histórias
dos 35 anos
da Oficina de Criação Literária
da PUCRS*

*Organização de Luís Roberto Amabile,
Fred Linardi e Gabriela Richinitti*

Como tudo começou

*A história e 35 histórias
dos 35 anos
da Oficina de Criação Literária
da PUCRS*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

Chanceler

Dom Jaime Spengler

Reitor

Evilázio Teixeira

Vice-Reitor

Jaderson Costa da Costa

CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Carla Denise Bonan

Editor-Chefe

Luciano Aronne de Abreu

Adelar Fochezatto

Antonio Carlos Hohlfeldt

Cláudia Musa Fay

Gleny T. Duro Guimarães

Helder Gordim da Silveira

Lívia Haygert Pithan

Lucia Maria Martins Giraffa

Maria Eunice Moreira

Maria Martha Campos

Norman Roland Madarasz

Walter F. de Azevedo Jr.

Como tudo começou

*A história e 35 histórias
dos 35 anos
da Oficina de Criação Literária
da PUCRS*

Organização de *Luís Roberto Amabile,*
Fred Linardi e Gabriela Richinitti

 **ediPUCRS**

PORTO ALEGRE
2020

© EDIPUCRS 2020

PROJETO GRÁFICO EDITORIAL E CAPA THIARA SPETH

DIAGRAMAÇÃO THIARA SPETH

REVISÃO DE TEXTO PATRÍCIA ARAGÃO

Edição revisada segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Este livro conta com um ambiente virtual, em que você terá acesso gratuito a conteúdos exclusivos.

Acesse o *QR Code* e confira!



Editora Universitária da PUCRS

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 33
Caixa Postal 1429 – CEP 90619-900
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone/fax: (51) 3320 3711
E-mail: edipucrs@pucrs.br
Site: www.pucrs.br/edipucrs

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C735 Como tudo começou : a história e 35 histórias dos 35 anos da Oficina de Criação Literária da PUCRS / organizadores Luís Roberto Amabile, Fred Linardi, Gabriela Richinitti. – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2020.
186 p.

ISBN 978-65-5623-076-4

1. Criação literária e artística. 2. Escrita criativa. 3. PUCRS – Oficina de Criação Literária. 4. Literatura. I. Amabile, Luís Roberto. II. Linardi, Fred. III. Richinitti, Gabriela.

CDD 23. ed. 808.3

Anamaria Ferreira – CRB-10/1494
Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial, bem como a inclusão de qualquer parte desta obra em qualquer sistema de processamento de dados. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração. A violação dos direitos autorais é punível como crime (art. 184 e parágrafos, do *Código Penal*), com pena de prisão e multa, conjuntamente com busca e apreensão e indenizações diversas (arts. 101 a 110 da Lei 9.610, de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

Quando estavam *começando* suas carreiras, os autores aqui reunidos passaram pela Oficina de Criação Literária da PUCRS, que *começou* há trinta e cinco anos.

Este livro retrata esses *começos*.

Aos organizadores, além de contar a história da Oficina, coube a difícil tarefa de reunir uma amostra – muitas outras seriam possíveis – da amplitude e diversidade de escritores talentosos que ajudaram a construí-la.

Porto Alegre, primavera de 2020.

Sumário

A HISTÓRIA	11
Escrita Criativa, a aventura começa	13
<i>Luís Roberto Amabile</i>	
O abreviador de caminhos	25
<i>Fred Linardi</i>	
A trigésima sexta história	39
<i>Gabriela Richinitti</i>	
35 HISTÓRIAS	51
Na casa do pai	53
<i>Jaime Cimenti</i>	
Primavera	56
<i>Caio Riter</i>	
Vitória	59
<i>Jerônimo Teixeira</i>	
O Forte está vazio	60
<i>Amilcar Bettega</i>	
<i>Volver al Sur</i>	64
<i>Cintia Moscovich</i>	
Morando em casa	69
<i>Michel Laub</i>	
Eu, você	74
<i>Daniel Pellizzari</i>	

Frutificar	78
<i>Monique Revillion</i>	
Pequeno inventário de coisas inúteis	82
<i>Leticia Wierzchowski</i>	
Memórias quebradas	85
<i>Helena Terra</i>	
Saga	88
<i>José Francisco Botelho</i>	
Avrívlas bolkvötska djüd	91
<i>Clarah Averbuck</i>	
A simples presença	94
<i>Daniel Galera</i>	
Aquilo que se esconde por trás de olhos vazios	98
<i>Gustavo Melo Czekster</i>	
Na mosca	104
<i>Laís Chaffe</i>	
Feliz aniversário	107
<i>Carlos André Moreira</i>	
Consciência limpa	110
<i>Cíntia Lacroix</i>	
Um anfíbio na sala	114
<i>Carol Bensimon</i>	
Greco e Helena: trigésima nona parte	118
<i>Paulo Scott</i>	
Reencontro	123
<i>Cris Lisbôa</i>	
Arabesco	125
<i>Robertson Frizero</i>	

Piloto	130
<i>Ana Santos</i>	
Sobre robôs	132
<i>Gabriela Silva</i>	
Eram quatro (ou "Ensaio sobre Victor e/ou medula óssea") ..	134
<i>Luisa Geisler</i>	
Sissione	139
<i>Marana Borges</i>	
Outubro, 26	141
<i>Emir Rossoni</i>	
O assessor	148
<i>Guilherme Azambuja Castro</i>	
Fim da linha	155
<i>Daniel Gruber</i>	
Valsa vento	158
<i>Marcela Dantés</i>	
Dançando ballet com Zelda Fitzgerald	161
<i>Débora Ferraz</i>	
Sete	169
<i>Irka Barrios</i>	
A noite não tem fim para as crianças	174
<i>Luiza Mussnich</i>	
Desce logo	178
<i>Karen Garbo</i>	
Ainda renascem os dentes	183
<i>Michel de Oliveira</i>	
Cão	186
<i>Tobias Carvalho</i>	

A história

—

Escrita Criativa, a aventura começa

Luís Roberto Amabile*

1. Uma inspiração

Dias desses assisti ao documentário *Lumière, a aventura começa* (2016). Fiquei encantado. Um filme amoroso em relação ao cinema, em que a narração e a música (do compositor romântico Camille Saint-Saëns) casam com perfeição às primeiras imagens em movimento captadas.

Lumière, a aventura começa (2016) aborda a origem da sétima arte, quando, em março de 1895, os irmãos Louis e Auguste Lumière usaram pela primeira vez o cinematógrafo, o revolucionário aparelho por eles desenvolvido.

A narração é de Thierry Frémaux, especialista no assunto e diretor-geral do Festival de Cannes. Para o crítico Sergio Rizzo (2017), trata-se de “uma abordagem amistosa e detalhada do que correspondeu, de fato, a uma estupenda aventura”. Em tal contexto,

Frémaux faz o papel do professor familiarizado (e, evidentemente, apaixonado) de tal forma pelo seu tema que, enquanto descortina mistérios e peculiaridades [...], leva o espectador até muito perto dos irmãos que, parece coisa de roteirista ruim, carregavam o destino

no sobrenome: Lumière, em francês, significa luz — o que move o cinema (RIZZO, 2017).¹

Neste texto almejo um resultado semelhante no que diz respeito à Escrita Criativa no Brasil. Revisitar as origens. Descortinar mistérios e peculiaridades. Para tanto, pesquisei em livros, arquivos documentais, sites, entrevistas. E conversei com a maioria dos envolvidos, com quem tenho o privilégio de conviver.

Ressalto que tudo está embrulhado numa narrativa, esse elo entre a inatingível realidade e o imaginário. Pois se a Escrita Criativa, como explica Stephen Koch (2009),² busca desencadear o espírito inventivo e o faz com base em estímulos fornecidos por um professor/ministrante para que os alunos/participantes produzam textos, considero minha pesquisa como um estímulo e, a partir disso, este artigo se configura também como um exercício de Escrita Criativa.

2. Uma ideia

A aventura começa em Porto Alegre, num dia de primavera, setembro ou outubro de 1984. Estamos no Centro Municipal de Cultura, na esquina entre as avenidas Érico Veríssimo e Ipiranga. Fim de tarde. Lá pelas seis horas. Um jovem de cerca de trinta anos pede para falar com o diretor do local.

“Tem hora marcada?”

¹ RIZZO, Sérgio. Crítica: *Lumière: a aventura começa*. *O Globo*, 13 dez. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rioshow/critica-lumiere-aventura-comeca-22188951>. Acesso em: 07 jul. 2020.

² KOCH, Stephen. *Oficina de escritores: um manual para a arte da ficção*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Não tinha, nem conhecia pessoalmente o diretor. Mas queria lhe fazer uma sugestão.

O jovem era Jaime Cimenti e gostava de escrever. Já havia publicado contos no “Caderno de Sábado”, do *Correio do Povo*. Também havia morado nos Estados Unidos. Estudou na Notre Dame High School, em Utica, estado de Nova Iorque. Lá se oferecia uma disciplina chamada *Short Story* e Jaime soube de outras oficinas, inclusive em universidades. E achava que se poderia fazer o mesmo Brasil.

Naquele fim de tarde, enquanto o sol se punha no Guaíba ali perto, ele contou tudo isso ao diretor, um homem à beira dos quarenta anos, nem alto nem baixo, que se veste de modo formal e usa bigode e cavanhaque. É advogado, professor universitário, músico. Mas o que importa mesmo é que escreve. Tem cinco romances publicados. Ganhou prêmios. Está escrevendo o sexto. Chama-se, claro, Luiz Antonio de Assis Brasil.

“Gostei muito da ideia”, respondeu Assis Brasil. “Mas agora preciso ir para a PUC dar aula. Podemos marcar uma reunião para outro dia?”

Marcaram para uma manhã da semana seguinte, ali mesmo. Conversam e Assis Brasil anota tudo cuidadosamente. Falam não só de criação literária, mas também de criação artística em geral. Concordam que, assim como o escultor ou o pintor, o escritor também não nasce pronto. Além da vocação, é preciso aprimorar a técnica.

“Buenas, eu tive de aprender por conta a técnica do diálogo e gastei bom tempo nisso”, diz Assis Brasil.

“Uma oficina poderia encurtar caminhos”, diz Jaime Cimenti.

“Pois sabes, é algo a se pensar. De qualquer forma, vou encaminhar o material para a assessoria”.

3. Um diálogo

A ideia ficou fomentando na cabeça de Luiz Antonio de Assis Brasil. Informou-se mais sobre o assunto. Viu que no exterior era comum a existência de oficinas literárias. No meio acadêmico, as oficinas deram origem a um campo de estudos nos Estados Unidos, na década de 1930-40: a Escrita Criativa, que floresceu após a II Guerra. E naquele momento, em meados da década de 1980, quase todas as universidades norte-americanas e muitas europeias possuíam seus programas de *Creative Writing*. Além disso, em países da América Latina, como México e Argentina, crescia o número de oficinas de criação, mesmo sem vínculo acadêmico.

Mas seria possível mesmo ensinar a escrever?

“Eu aprendi a escrever lendo”, ele pensou, numa tarde do começo do outono de 1985 em sua casa, entre livros de arte e autores preferidos, como Eça de Queirós, Flaubert, Stendhal, Carpentier e Thomas Mann. Autores que ele dissecou no intuito de descobrir como armaram as obras. Lia *O Vermelho e o Negro*, por exemplo, e se perguntava como Stendhal fez isto ou aquilo. Assim aprendia, na base do autodidatismo. Ia atrás e chegava a determinadas conclusões. “E nada substituirá a leitura constante de obras literárias, a principal fonte para a formação de um ficcionista”, achava. E que a coisa em si, aquela chama que é a criação, esta não se transmite, pode ser estimulada, talvez, através da leitura. Mas o artesanato, o *mudus*, se pode passar.³

³ Essas ponderações de Assis Brasil estão numa entrevista a Cida Golim e Ivo Bender. Ver: ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Paciente aprendizagem da arte de escrever: entrevista com Assis Brasil. [Entrevista cedida a] Cida Golim e Ivo Bender. *Autores Gaúchos*. Porto Alegre: IEL, 1987. v. 18. Disponível em: <http://www.laab.com.br/bio.html>. Acesso em: 07 jul. 2020.

Estava decidido, a oficina era uma iniciativa que valia a pena tentar. E na universidade. Faltava propor à PUC.

Poderia não ser simples ganhar o apoio institucional. Apesar de autor de uma obra já consolidada, o que lhe habilitava a ministrar uma oficina, Assis Brasil ainda não era professor da Faculdade de Letras. À época, ministrava a disciplina Introdução à Ciência do Direito. Confiava, porém, no discernimento do então pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, o Irmão Elvo Clemente.

Uma daquelas pessoas que “tem a capacidade de acender alguma luz no cérebro dos outros [...] ítalo-brasileiro apaixonado por literatura”, como o definiu Juremir Machado (2012),⁴ o Ir. Elvo Clemente foi fundador do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da PUCRS.⁵ Era também um apaixonado pelos novos métodos de ensino: “Sempre que uma novidade sobre a educação aparecia, examinava-a e pesquisava-se por meios de leitura sobre a pedagogia”.⁶

Tentemos, pois, visualizar a cena.

Assis Brasil fala num tom comedido, muito civilizado, característico seu, há uma doçura e ao mesmo tempo uma objetividade em sua voz. Explica que as oficinas eram atividade consagrada ao redor do mundo, principalmente nos países de língua inglesa.

⁴ DA SILVA, Juremir Machado. Uma geração de mestres. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 11 mar. 2012. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=117&Numero=163&Caderno=0&Editoria=120&Noticia=401304>. Acesso em: 07 jul. 2020.

⁵ Sob a denominação de Curso de Pós-Graduação em Letras, o PPGL iniciou suas atividades com a coordenação do Ir. Elvo Clemente, que exerceu essa função no período de 1969 até 1976.

⁶ JÚNIOR, João Dornelles. Irmão Elvo Clemente: um apaixonado pela arte de ensinar. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; HACKMANN, Berenice Gonçalves. *Identidade e vida de educadores rio-grandenses: narrativas na primeira pessoa (e em muitas outras)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 133.

O Ir. Elvo em silêncio.

“No Brasil, porém, ainda é algo novo”, diz Assis Brasil. Cyro dos Anjos havia feito uma, em 1962, na Universidade de Brasília. A Judith Grossmann, em 1966, na Universidade Federal da Bahia. O Silvano Santiago e o Affonso Romano de Santa Anna, em 1975, no Rio...

E o Ir. Elvo em silêncio.

Assis Brasil continua. Afirma que as oficinas ajudavam a renovar e ampliar a gama de escritores em atividade, oferecendo maior conhecimento e domínio de técnicas ficcionais aos interessados na atividade...

Então o Ir. Elvo o interrompe. Uma pergunta: “Isso é mesmo uma coisa nova por aqui?”

“S... Sim...”.

“Pois então eu aprovo.”

E podemos ler o pensamento de Assis Brasil a respeito do Ir. Elvo: “Grande homem”.

4. Uma experiência

A Oficina de Criação Literária foi instituída em 1985 no âmbito do PPGL. De início, teria um semestre. Para ver como era. Assis Brasil está ciente de que sua perspectiva será a de um ficcionista falando para outros possíveis ficcionistas. Mas o que falará?

Talvez valha dizer que ele planeja todos os seus trabalhos, sejam o cotidiano de um cargo público, as aulas ou os livros, com rigor. Não seria diferente em relação à oficina. Podemos dizer que segue o exemplo do Ir. Elvo ao se deparar com uma novidade em educação: “examinava-a e pesquisava-se por meios de leitura sobre a pedagogia”.

Assis Brasil lê tudo que consegue encontrar sobre o assunto, o que não é tanto como gostaria, uma vez que quase toda a biblio-

grafia é estrangeira e, em tempos anteriores à internet, complicada de se obter. Ainda assim, ele chega a uma proposta de trabalho:

A dar instrumentos em termos de linguagem e estrutura narrativa ao escritor para que ele possa escrever melhor. Trabalhamos diálogos, criação do personagem, uso dos tempos verbais, como se faz uma descrição, como se monta um conto, o que funciona mais dentro da ficção, os recursos que o escritor pode utilizar, em outras palavras os “truques” da escrita de prosa da ficção. Fundamentalmente é isto, porque a inspiração, a capacidade inventiva depende de cada um.⁷

Sabe, de seus anos como professor de Direito, que nas relações em sala de aula desenvolve-se uma cooperação atenta e permanente, trocando experiência e saberes. Também sabe que, por mais que planeje, porém, vai aprender a ministrar aulas de criação literária durante as próprias aulas. Afinal, a oficina é uma experiência nova não apenas para os alunos. “Vou dar-lhes o que posso, e espero que eles me recompensem com sua vitalidade e interesse”,⁸ pensa.

⁷ Essa “proposta de trabalho” foi retirada de uma entrevista a Carmem Lucca. Ver: ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Cães de província por conta de Assis Brasil. [Entrevista cedida a] Carmem Lucca. *Porto Alegre*, Porto Alegre, v. 86, out. 24, p. 24. Disponível em: <http://www.laab.com.br/bio.html>. Acesso em: 07 jul. 2018.

⁸ A frase consta em: ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Prefácio. In: LAMAS, Berenice Sica; HINTZ, Marli, Marlene Hintz. *Oficina de criação literária: um olhar de viés*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

5. Uma cena

Uma outra maneira de se referir a uma oficina de criação literária é chamá-la “laboratório de texto”. Por definição, um laboratório é um local onde ocorrem experimentos que levam a transformações. Ora, o que se pretende fazer com os participantes de uma oficina literária é colocá-los em contato com a experimentação narrativa.

A expressão “laboratório de textos” talvez evitasse a cena presenciada pela professora Maria Eunice Moreira⁹ no primeiro semestre de 1985. As inscrições para a turma inicial da oficina estão abertas na secretaria do prédio 8 da PUCRS – o mesmo local até hoje. Uma mulher se aproxima. “Era uma senhora – a clientela era mais madura”, relata Maria Eunice.¹⁰ A senhora, porém, tem uma dúvida:

“Precisa vir de macacão, já que se trata de uma oficina?”

Imaginemos o silêncio. Para que a senhora diga que está brincando. Mas ela não diz. Perguntou a sério.

Imaginemos também o olhar incrédulo da secretária e o da professora. E que uma delas explica que o objetivo é formar futuros escritores e discutir a técnica narrativa e que, não, para isso não precisa ir de macacão.¹¹

A cena ilustra alguns fatos. Naquela primeira vez, não houve seleção, e os dezoito primeiros alunos eram curiosos do assunto, alguns, inclusive, com pouca leitura. Digamos que eram “pessoas mais

⁹ Professora titular da Escola de Humanidades/Letras da PUCRS, Maria Eunice Moreira é uma das mais reconhecidas pesquisadoras brasileiras em História da Literatura.

¹⁰ Em entrevista para mim.

¹¹ Mas também podemos pensar que a expressão “laboratório de texto” poderia gerar outra pergunta da mesma participante: “Mas precisa vir de jaleco?”.

maduras que queriam melhorar o texto”.¹² Isso mudou, conforme explica o mestre ministrante: “Aos poucos, a idade foi baixando muito [...] E a outra coisa que mudou foi o sentido de profissionalismo: ‘Eu quero ser escritor! Vou abrir mão de tudo, eu quero ser’”.¹³

6. Um registro

Como dissemos, à época da criação da oficina, Assis Brasil escrevia seu sexto romance, que viria a se chamar *O homem amoroso*,¹⁴ publicado em 1986. No acervo por ele doado, em 2010, ao Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS, constam os cadernos de anotações da obra. Nos cadernos, além de notas do processo criativo, também irrompe o cotidiano. Por esse registro, a aventura da Escrita Criativa no Brasil torna-se realidade no dia 29 de agosto de 1985, data do primeiro encontro do que se tornaria a oficina literária mais prestigiada do país. O evento ocorreu numa das salas do final do corredor do terceiro andar do prédio 8. Em seu caderno de anotações, Assis Brasil esboçou o perfil dos alunos. E planejou ao final da primeira aula lhes dar a tarefa de ler o conto *A missa do galo*, de Machado de Assis.

¹² Disponível em: <https://blog.saraiva.com.br/luiz-antonio-de-assis-brasil-mestre-da-escrita/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ Para ser mais exato, trata-se de uma novela literária de caráter autobiográfico. O enredo revela os bastidores de uma orquestra. O personagem central é um violoncelista à beira dos quarenta anos, que enfrenta uma crise em suas relações familiares e profissionais.

= 29.8.85 +

Vera Aguiar abriu o curso.

CURSO

Beith - jorabino - método para ensinar.
Regina - " - método para ensinar.
Janeiro - Conto - escritor.
Tulio - letra (leitor) - poesia (que fez romance).
Temudo - jorabino e apromini -
Patricio - jorabino - guia de ensino - explicar
 coisas as ideias no papel.
Janice - jorabino - poesia - aprendeu a escrever.
Beatriz - método: literatura infantil -
Marta - letra - método tem literatura - técnicas.
Marta - feira literária, Memórias, literatura
 do Rio Grande do Sul, Cultura Literária.
Maria Hilda - f. de texto - ensino de adolescentes.
Valeria - trabalho de mundo da letra para o
 mundo do papel.
Veda - forma de letra, aprender a ensinar.
Tina - ensinar literatura, um livro de cada.
Maria - f. de texto - ensinar muito.
Patricio - guia de ensino.

Todo falaram Eno escreve -
 Mas tem medo.

O culto de falame

17. Silviana - de 14 anos - M. ensino + modo.
 livro de letras.

18. Flamanda - 1º ano letra - Ana. Lencina.
 poema

Pedi para ler a "Mina do Galo" de
 Machado de Assis. Para e próximo
 aula.

CONVENIO

- Srs. Anton Jacinto, IEL"
 - 2.4 - leitura de alguns textos // tempo
 - 3.1 - Colaboro é Editora em comun. com IEL
 3.3 - IEL / Sines / SEC
 4.11 - atividade a partir de literatura, estudo
 crítico, depoimento etc.

Consta também que a professora Vera Aguiar abriu o curso, representando a coordenadora do PPGL à época, professora Regina Zilberman. Trinta e cinco anos depois, Vera ainda se lembra daquele dia. A fala durou entre 30 a 40 minutos. A professora começou abordando a vocação da área de Teoria Literária do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, que enfatiza a pesquisa sobre a natureza da literatura. Lembrou que para existir literatura, conforme Antonio Candido, é necessário haver autor-obra-público. E que na PUCRS havia linhas de pesquisa que abordavam a obra e o leitor. “Falei um pouco sobre elas e, então, introduzi a importância da oficina, que vinha completar o

tripé do fenômeno literário”,¹⁵ recorda Vera,¹⁶ que daí em diante reforçou o papel do autor, a necessidade de formação através do exercício e do diálogo, a importância do ato criador para a união dos três eixos da literatura.

Ouvindo as palavras de Vera Aguiar, estava Jaime Cimenti. O deflagrador da iniciativa foi um dos primeiros alunos. O que ele se lembra daquele dia?

“Na primeira aula, o Assis pediu que, diante da página em branco, descrevêssemos os motivos pelos quais não conseguíamos escrever”, conta Jaime.¹⁷

Depois, ao longo daquele semestre, o ministrante aplicou exercícios de criação. E os participantes escreveram. Quando terminou, o grupo pediu mais um semestre. E outros também queriam. Então Assis Brasil sentiu que, de fato, a oficina iria funcionar. Desde então ele dedica parte de seu tempo a ensinar técnicas do ofício da escrita. E assim liberta talentos.

7. Um case

A fala da professora Vera Aguiar revelou-se premonitória. A PUCRS e outras universidades brasileiras reforçaram cada vez mais “a importância do ato criador para a união dos três eixos da literatura”. Na PUCRS, trata-se de um *case*. Em 2006, o PPGL propôs um mestrado em Escrita Criativa, destinando-se três vagas dentro da

¹⁵ Em entrevista para mim.

¹⁶ A professora Vera Aguiar aposentou-se em 2014 e ainda hoje é uma das maiores especialistas do país em Literatura Infantil e a formação do leitor.

¹⁷ Escritor e jornalista, Jaime Cimenti é colunista de livros do *Jornal do Comércio* e autor de livros de contos como *Lâminas paralelas*. E ressalta o quanto o saldo daquele fim de tarde em que procurou Assis Brasil é, sem dúvida, positivo: “Ter dado modestos subsídios para a criação da oficina é bom e gratificante”.

área de concentração Teoria da Literatura aos que pretendessem elaborar um trabalho de criação literária como parte principal da dissertação – a parte complementar seria um ensaio sobre o processo criativo. Em 2012 a Escrita Criativa alçou-se ao estatuto de área de concentração, com opções de mestrado e doutorado, sempre muito concorridas. Em 2015 a PUCRS também lançou com sucesso a graduação em Escrita Criativa.

A Escrita Criativa, essa estúpida aventura.

* **Luís Roberto Amabile** é escritor e professor da Escola de Humanidades da PUCRS, doutor em Teoria da Literatura (2017) e em Escrita Criativa (2019). Colaborou com Luiz Antonio de Assis Brasil em *Escrever ficção* (2019). É autor, entre outros, dos livros de contos *O amor é um lugar estranho* (2012, finalista do Prêmio Açorianos), *O livro dos cachorros* (2015, vencedor da chamada para publicação do IEL/RS) e *O lado que não era visível para quem estava na estrada* (2020).

Participou da Oficina de Criação Literária da PUCRS em 2010.

O abreviador de caminhos

Fred Linardi*

“O que vocês estão fazendo aqui? Já sabem tudo o que eu vou dizer...”, o professor lança a pergunta com um sorriso e voz suave para mim e outra colega ao entrar no Laboratório 2, no prédio 8 do campus da PUCRS, onde vai começar mais um ano da Oficina de Criação Literária. É 2018 e, como alunos da pós-graduação em Escrita Criativa, nós dois já cursamos ao longo de um semestre do ano anterior a sua disciplina sobre a escrita do romance. Lá, tivemos contato com os caminhos e descaminhos da escrita de ficção, envolvendo os personagens centrais, os periféricos e as tramas que os enlaçam aos acontecimentos.

O professor mantém o sorriso discreto em saudação aos dezesseis alunos, muitos dos quais o veem pessoalmente pela primeira vez, e pede para que o auxiliem fechando as frestas das cortinas blackout para interromper os poucos raios de sol que ainda rasgam o breu da sala. Assim, a luz não estoura a visão do professor, permitindo-lhe nos enxergar sem desconforto, mas também para que a lousa eletrônica e suas projeções fiquem mais nítidas para nós.

Diante de cada assento, temos um computador que dará suporte para as dezenas de exercícios de escrita ao longo do ano, quando o silêncio da sala será preenchido apenas pelos disparos de batidas nas teclas que, multiplicadas por todos nós, soarão como uma melodia frenética para quem porventura observe de fora. Mas esse plec-plec-plec acontecerá após uma aula de exemplos e notas sobre a construção de uma narrativa eficaz. Para isso, o mestre nos trará um tema, uma proposta, uma provocação para a escrita e, então, os alunos estarão diante de tentativas para uma nova história. Muitas delas não passarão de um exercício de sala de aula; outras, rascunhos para contos ou romances que, dali meses ou anos, estarão nas prateleiras de livrarias, ou de centenas de casas, ou na lista de premiações, ou numa tímida nota de jornal sobre mais um escritor brasileiro traduzido para o espanhol, para o inglês, o francês, o norueguês, o árabe...

Ele sempre vai direto ao ponto. Não quer que percamos tempo com equívocos que atrasam a escrita dos desavisados. Logo neste primeiro dia de aula, já anuncia que boas histórias dependem de bons personagens. Sem eles, não há acontecimento que sustente uma ficção longa, por mais incrível que ela prometa ser.

Quando se observa a trajetória da Oficina de Criação Literária da PUCRS, ministrada há quase 35 anos pelo mesmo professor, também é possível dizer que personagem e história se mesclam. Ele, o professor, é Luiz Antonio de Assis Brasil, escritor, autor de dezenove romances – alguns deles publicados em outros países como Portugal, Espanha, França, Alemanha e Japão – e ministrante dessa oficina, à qual muitos se referem como “a oficina do Assis Brasil”.

O que estamos fazendo aqui?

Eu e minha amiga da pós-graduação queremos ter um contato mais longo com os tais caminhos da escrita ficcional, escreven-

do mais textos a serem lidos e comentados pelo próprio Assis. Quanto aos novos colegas, vieram em busca desse mesmo conhecimento comprovado pela qualidade de sua obra, que já lhe rendeu grandes Prêmios literários, tais como o Oceanos, o Prêmio Machado de Assis, o Prêmio Instituto Nacional do Livro, além de outros nacionais e internacionais. Sabem também que vários egressos da oficina garantiram outras grandes premiações, além de importantes destaques como a presença na edição dos vinte “melhores jovens escritores brasileiros”, elencados pela *Revista Granta*. Sumarizando (para usar um termo bastante usado na oficina), todos estamos aqui para ouvi-lo.

É Assis quem apresentará a importância da questão essencial do personagem, as possibilidades de se alternar as cenas com sumários, os diálogos, as descrições e a medida ideal da escrita. “Vejam bem...”, ele nos diz com o indicador apontado para cima: “Eu não estou lidando com amadores. Vocês já sabem escrever, ou não estariam aqui”.

De fato, a Oficina de Criação Literária se tornou cada vez mais concorrida, não apenas pelo limitado número de vagas abertas somente uma vez por ano, mas também por ter reunido uma demanda de alunos cada vez mais instrumentalizados em termos literários. São mais de cem candidatos que tentam se encaixar entre as menos de vinte vagas – um número razoável para que a aulas fluam nas discussões, produções, leituras e devolutivas do professor. Para a seleção, porém, Assis encontrou uma maneira de garantir sua tranquilidade: deixou de ser o avaliador dos candidatos, chamando para isso um júri de escritores e professores de Escrita Criativa da PUCRS. Foi o jeito de ficar em paz diante de mensagens esperançosas de conhecidos avisando que estavam na seleção, aguardando uma forcinha para entrar. Mas este critério

nunca foi o que norteou suas escolhas, ao mesmo tempo em que nem sempre é compreendido pelos que almejam. Hoje tudo o que ele faz é encaminhar os envelopes de fichas de inscrições, cartas de intenções e contos, contos e mais contos... para um trio de professores que encaram horas de leituras cuidadosas ao longo dos janeiros infernais de Porto Alegre.

Em março, ainda sob o calor pegajoso da cidade, os aprovados encaram as primeiras aulas da oficina mais longeva e tradicional do país. Se há mais trinta anos alguém imaginou ser necessário vestir um macacão, por se tratar de uma *oficina*, hoje este e outros imaginários em torno dessas aulas de escrita criativa já caíram por terra. Com a voz quase baixa e um olhar tímido, Assis Brasil nos alcança com seu sorriso e uma tranquilidade de quem nunca perde a paciência. É notável também a elegância no vestir dos ternos de cores sóbrias, lenço de seda e, quase invariavelmente, meias de cores fortes e alegres por dentro do sapato social. “Depois de uma certa idade, a gente precisa se vestir bem. Se não, as pessoas nos veem como velhos e malvestidos. Assim, a gente continua velho, mas elegante”, ele dirá outro dia, quando um colega elogia o seu terno.

Mas neste primeiro dia de aula, Assis quer nos conhecer melhor. Já teve um breve contato com as fichas de inscrições dos aprovados. Reconheceu alguns que já estudam na PUCRS, mas também outros que estão chegando à casa agora, sejam naturais de Porto Alegre, sejam do interior. Também há aqueles vindos de outras regiões do Brasil. Alguns deles planejaram viagens de bate-volta semanais – de carro, ônibus ou avião, a depender da distância – outros encontraram um meio para viver em Porto Alegre ao longo de um ano, dispostos a darem os primeiros passos numa nova perspectiva de carreira, adotando a cidade como

sua nova morada. A realidade em comum é que alguns desses alunos estão deixando para trás pessoas queridas, uma rotina mais confortável, ou até mesmo a segurança de um emprego. Apostam neste sonho de viver da escrita, em suas diversas maneiras possíveis ou impossíveis.

Assis Brasil sente o peso da responsabilidade. E se o plano desses alunos não der certo? Até hoje, depois do primeiro dia da aula, vai dormir preocupado pensando que precisa fazer esse ano letivo valer para essas pessoas. Ao longo das décadas, porém, o mestre aprendeu a deixar tal peso um pouco mais leve. Lembra-se da época das primeiras edições da oficina – quando o projeto foi se mostrando cada vez mais consistente e atrair mais e mais pessoas –, de compartilhar essa angústia com a esposa Valesca, que lhe dizia o certo nem sempre visível: siga do jeito que você já sabe fazer; afinal, não é à toa que tantos alunos seguem procurando suas aulas.

Motivando-o, Valesca fazia as vezes do próprio Assis, dizendo o mesmo que os alunos dele vivem escutando ao longo das aulas, no momento em que analisam o trecho exemplar de uma ficção: “Estão vendo como funciona? Vejam bem: vocês já conhecem isso, já sabem escrever. É que nem sempre é fácil reconhecer o que faz um texto ser bom, o que faz com que a narrativa funcione.” Sabe que os alunos chegam à oficina com uma boa carga de leitura, com uma produção de textos iniciada – ou até com algum livro publicado –, mas vão reconhecer de maneira técnica ao longo do ano cada um dos elementos que constroem uma boa ficção. São momentos tão simples quanto epifânicos estes em que os alunos se dão conta de si mesmos. Então, Assis reitera: “Agora é só praticar o que vocês já sabem”.

Assim se dá o trabalho que ele mesmo tem aprendido a fazer ao longo destas três décadas e meia, um modo que desmistifica

o olhar raso que algumas pessoas têm em relação às oficinas de Escrita Criativa. Uma das impressões que os críticos à ideia de oficina de criação têm é a de que as aulas moldam o escritor. “Quem pensa assim é porque nunca viu de perto”, sintetiza Assis Brasil, considerando também que pouco tenham lido os escritores que passaram pelas oficinas. Basta ver as dezenas de publicações que eles somam e identificar cada qual com seu estilo e gênero literário.

Por esse mesmo motivo, tampouco concorda com o termo “forjador de escritores” já dirigido a ele, mas na tentativa de elevá-lo a um nível mítico, tal qual as hipérboles que vez e outra acompanham as coisas da literatura. Assis prefere o sopro brando à forja fervente: “Eu seria alguém como um facilitador, um abreviador de caminhos”. Reconhece que sua própria trajetória como escritor teria conquistado os patamares qualitativos de maneira mais rápida se os escritores a quem tanto admirava também tivessem tido a ideia ou a iniciativa de serem professores de escrita.

Quanto ao tempo, Assis o tem como ouro em pó dentro de uma amпуlheta em fluxo constante. É tão assertivo quanto sereno. Onde há Assis Brasil, existe a grande chance de se escutar ou de se ler *Ars longa, vita brevis*. A frase está num quadro em seu gabinete, na estante do escritório em sua casa, na assinatura do e-mail, na imagem do WhatsApp, assim como num slide de alguma de suas aulas. “A vida é breve e a arte é longa. É simples assim. Escrevemos porque queremos deixar algo de nossa breve existência aqui.”

Com isso, o professor nos traz o desconcerto das verdades, mas logo relembra a razão de estarmos ali, e nos motiva: “Se quiserem escrever um livro que dure muitos anos, fiquem atentos à forma que levou alguns destes livros da bibliografia serem relidos até hoje. A cada releitura, é como se estivéssemos lendo

uma nova história”. A ironia fina vem em seguida, quando nos traz mais exemplos bem-sucedidos e diz: “Aí está a diferença entre um livro que guardamos sempre conosco e aqueles que doamos para a biblioteca da escola”.

A máxima *Arte longa, vida breve* ressoa ao longo das aulas, mesmo quando não é mais dita, pois Assis segue com a constante missão de encurtar caminhos. Expõe os passos da construção de uma narrativa longa, as etapas de um planejamento que nos poupará recomeçar os capítulos inúmeras vezes, ou perder o fio da meada, ou desistir e deixar o projeto esquecido para sempre. Por fim, pondera. “Vejam bem: este é o *meu* modo de fazer e posso garantir que dá certo. Mas se vocês gostarem de outro jeito mais arriscado, tudo bem. Vocês têm tempo, eu não tenho mais tanto.”

O fato é que não houve alguém lhe mostrando o caminho mais curto quando o jovem Assis aspirava a se tornar um escritor profissional. Sua “oficina de escrita” acabou sendo os próprios livros, lidos com o máximo de atenção possível, relidos com o olhar de quem pretende aprender ou, como ele gosta de dizer: uma leitura comprometida. Lembra-se do livro *Os sinos da agonia*, de Autran Dourado, com suas mudanças de focalizador. Assis se dividia entre o prazer da leitura e o desvelamento da forte estrutura por trás da história. Voltava a ler, então identificando as engrenagens que compunham aquela narrativa.

A intimidade com as leituras favorecia esse desafio desde quando ainda era um menino frequentando as aulas do Colégio Anchieta, que exigia a leitura de obras no idioma original. Leu Milton em inglês, Flaubert em francês e Cervantes em espanhol. De acordo com o programa de leituras do colégio, o jovem Luiz alimentou-se com a farta leitura desses e outros mestres das letras, mas só até o século 19. Encantado por aqueles clássicos, fez deles tanto sua

escola inicial quanto uma paixão para a qual, décadas depois, precisou olhar também com olhos mais lúcidos. Percebeu que, tendo apenas aqueles livros como modelos, sua escrita não dialogava o bastante com a contemporaneidade. Fugindo daquele tom que já se tornara conservador, encontrou os contemporâneos na medida em que passou a direcionar sua carreira inicial no Direito para os estudos literários em si e, afinal, trabalhar sua própria ficção.

Quando mergulhou nos contemporâneos, percebeu que deveria tê-lo feito antes. Quem sabe, assim, tivesse alçado mais rápido os seus primeiros voos na escrita. Mas os “ses” na vida de um escritor funcionam melhor na construção de uma história ficcional. No que diz respeito à sua trajetória biográfica como professor de escritores, algo certo que ele traz é que conseguiu harmonizar as duas atividades como escritor, construindo em torno delas a sua carreira. Reconhece a importância de ter tido as portas abertas para novas ideias, quando aquela história de Escrita Criativa era para ele mesmo algo muito nebuloso de definir. Mas sabia que era bom, vide as experiências de outros países como os Estados Unidos e a França.

Depois, como professor, teve que descobrir a sua própria didática. Sabia que se tratava de criar provocações para a criação de narrativas, trazendo seus elementos estruturais – personagem, tempo, espaço, focalização. Qualquer que fosse a teoria, que ela estivesse voltada à estrutura textual e não à análise teórica, ideológica ou filosófica sobre uma história. Sem radicalismos, tomou emprestada a proposta do estruturalismo francês, que sistematizava a crítica em torno do objeto fundamental da literatura: o texto em si. A partir dos primeiros estímulos em aula, seguiu colhendo o retorno dos alunos, aproveitando as ideias que sempre um ou outro tinha para colaborar. Assim, ampliava o conteúdo e as experiências vivenciadas no ato de escrever.

A preocupação que teve desde o início era a de respeitar a voz do aluno como escritor. Isso envolve saber separar o estilo do texto das questões referentes à técnica. Portanto, foi buscar livros e artigos sobre a criação literária. Para as diferentes propostas narrativas, lembra que se norteou com um artigo de Norman Friedman, sobre o ponto de vista na ficção, que hoje segue como uma das referências para escritores. Encomendou livros, alguns deles importados, que foram chegando ainda nos planejamentos das aulas, outros já depois de meio semestre encaminhado. Dentre os poucos nacionais, encontra-se ainda na biblioteca de seu escritório uma pérola de Autran Dourado discorrendo sobre a criação literária, chamada *A poética do romance – matéria de carpintaria*. Foi o momento de reler o escritor explicando as formas do romance, as mesmas que Assis teve que descobrir por si só até então.

Ao final de 1985, o curso semestral que havia começado com sessenta matriculados (muitos deles incidentais) concluiu-se com apenas dezesseis. Aquele número de formados era a quantidade ideal para uma turma seguinte. Assis conversou com a professora Regina Zimmermann, que coordenava a pós-graduação, e estabeleceram esse como a média ideal de alunos e, a partir de então, os inscritos passariam por uma seleção que mediria não estritamente um talento comprovado, mas uma certa vocação inicial, assim como a clareza sobre o conteúdo e o objetivo das aulas.

De lá para cá, a essência permaneceu a mesma, mas alguns meios e dinâmicas de aprendizado mudaram muito. Os alunos escreviam a próprio punho, fosse em aula ou em casa, e compartilhavam as leituras no próprio gogó, o que nem sempre vinha em boa dicção ou fluidez. Por vezes, muitos alunos não ouviam o texto direito e, mesmo quando escutavam tudo certo, não era possível visualizar aspectos físicos dos contos, como as mudanças ou quebras de

parágrafos e espaços em branco. Anos depois, a popularização do xerox facilitou para que todos tivessem os textos em mãos, passando a lutar agora com a decifração das letras e garranchos dos colegas. Depois, quando as salas se informatizaram, foi concedido o laboratório com os equipamentos de projeção.

Quanto ao perfil dos alunos, Assis foi observando a diminuição média das idades, indicando que a escrita passou a ser pensada pelos candidatos ao curso como um trabalho em que se vale investir o quanto antes. Outro aspecto que se renovou, e que não deixa de ser relacionado a este, foi a disposição natural dos alunos. A ambição de fazer da escrita um ofício tornou-se cada vez mais nítida. Ao final, é comum que as aulas sirvam também para que os aprendizes estabeleçam vínculos entre si. Então, de um dia para outro, alguém cujos textos ficavam destinados à gaveta ou apenas para os familiares passa a ter mais de dez novos leitores. Seus contos rendem análises, comentários, sugestões e críticas não só do mestre, mas de outros escritores-leitores cada vez mais capacitados. Não é raro que as afinidades estendam a experiência das aulas para encontros autônomos de discussão de seus escritos, ou dos livros de seus autores admirados, organizando saraus e, com o tempo, propondo suas próprias oficinas literárias.

Numa de suas aulas, Assis introduz o conceito do narrador onisciente contemporâneo, trazendo exemplos práticos de escritores como Ian McEwan – sempre presente na bibliografia de suas aulas – e o apresenta como um recurso muito eficaz na narrativa ficcional. “Quando eu comecei as minhas oficinas, vários alunos traziam textos com esse recurso que, na época, eu achava completamente desnecessário, eu dizia que estragava a narrativa. Imaginem só... Espero não ter arruinado a carreira literária de

ninguém.” A lembrança disso traz o que ele vê hoje como um antigo olhar dogmático que ele carregava naquele início, por mais cuidado que tivesse com o material dos alunos. Ao longo do tempo, passou a ampliar essa lente, implicar menos com as múltiplas possibilidades de técnicas narrativas. E, se uma narrativa permite diversos pontos de vista, por que o personagem central, sendo ele um professor e escritor, não pode mudar o seu próprio? Foi assim também com o uso das reiteraões da linguagem, as próprias palavras repetidas – algo frequente na literatura americana, esta que é tão admirada pelo próprio Assis. A partir de todos os alunos que já se sentaram diante dele, Assis Brasil concebeu o personagem Thiago e suas recorrentes dúvidas como aprendiz a escritor, em *Escrever ficção*. O livro, escrito com colaboração de Luís Roberto Amabile, foi lançado em 2019, compilando o conteúdo das oficinas de modo praticamente integral.

A disposição a mudar o olhar e se adaptar mostrou-se necessária neste ano de 2020, em que a oficina chega ao seu trigésimo quinto aniversário. Na semana em que as aulas estavam para começar, o mundo se fechou em cuidado à gripe que veio em escalas pandêmicas. O isolamento físico se impôs como um elemento redefinidor do nosso tempo e do nosso espaço. Com mais de quarenta anos de docência, Assis se viu diante de alunos através da tela do computador. Dois anos depois de eu ter me sentado diante dele como aluno, agora conversamos sobre essa história – munidos de tecnologia, imagem digital e fones de ouvido –, com a impressão de que aquele passado tenha ficado um pouco mais distante.

É impossível iniciar qualquer conversa sem refletir sobre a inédita condição imposta nesta realidade presente. Mas antes de responder a qualquer pergunta, Assis me avisa que talvez seja interrompido por uma encomenda que está para chegar e, então, diz sempre ter

sido resiliente e, portanto, de fácil adaptação. “O único passado que me interessa é de cem anos adiante. De cem anos para cá, não me importo.” Relembro de certa vez em que ele disse em aula: “Não entendo as pessoas que dizem ‘*ah, no meu tempo não era assim...*’ e me pergunto: como assim *no meu tempo*? O seu tempo é este de agora!”. Assis relembra que sempre foi ligado em tecnologia e, entre os escritores gaúchos, calcula que foi o primeiro a usar computador, chegou a ajudar alguns colegas a lidar com teclados e telas quando as máquinas de escrever já ficaram naquele mesmo passado recente que Assis não faz questão de se apegar.

Assim, a presença dos alunos, mesmo que de maneira virtual, preenche seus dias da mesma forma que antes. É claro que os altos e baixos de um isolamento cuja data para encerrar é incerta o afligem de vez em quando. Mas existem prazos mais urgentes para se preocupar. A leitura dos contos dos alunos, o preparo de conteúdo para as aulas da graduação e da pós-graduação. As leituras essenciais para suas atualizações como pesquisador, assim como a orientação de quase uma dezena de alunos. “Acho que sou o único escritor do mundo que orienta oito romances ao mesmo tempo”, calcula com orgulho, lembrando que ainda é preciso encontrar tempo para as leituras dos romances publicados que estão na sua fila, e para a própria escrita. “Todos os dias eu escrevo. Isso não quer dizer que a novela avança. Mas é assim que acontece na escrita.”

Assis calcula também que encontrou o caminho ideal para um escritor que vive num país de poucos leitores, onde a sobrevivência estritamente a partir da venda de livros é impossível. “O mais favorável é que o escritor siga na carreira acadêmica, pois existe um momento para a reflexão e pesquisa daquilo que você faz. A aula acaba sendo a ponta do iceberg. O preparo dela envolve pesquisa, um conhecimento aprofundado – tudo o que faz o escritor.

O escritor é um ser caseiro, que precisa estar no escritório. Então, dá para juntar as duas coisas com harmonia. Tive a felicidade de ter uma carreira acadêmica que envolve apenas criação literária”, conclui Assis, reconhecendo o importante suporte institucional que teve da PUCRS nessas décadas e imaginando o quão difícil seria se tivesse que promover, organizar e administrar tudo isso sozinho ao longo dessa trajetória. Teve também a vantagem natural de, ao longo de boa parte da vida, ter conseguido dormir pouco – cerca de quatro a cinco horas por noite –, o que facilitava o rendimento do dia. Acordava bem cedo e se voltava à escrita. Depois, ao longo da jornada como professor, surpreendia-se – e ainda se surpreende – com soluções reveladas durante um comentário sobre o texto de um aluno ou durante uma orientação. A ideia a qual tanto buscava para sua narrativa vinha durante uma explanação.

Algo que alimenta seu entusiasmo é o de estar na frente dos alunos e encarar algum desafio, se superar para dar uma boa aula, acolhê-los da maneira que pode. “Por vezes eu noto que os alunos levam muito a sério as coisas que eu digo e isso, intrinsecamente, tem uma contradição – pois o escritor é o sujeito que tem mais dúvidas. Como é que ele vai ensinar os outros? Acho que a única maneira possível é ensinar as dúvidas – também, junto com algumas certezas. As minhas próprias certezas são provisórias e duram até o momento em que vou buscar novas respostas, me abastecendo com novos livros, como esses de criação literária que tenho na biblioteca.”

Ao final da última aula do primeiro semestre de graduação, as quais também pude acompanhar ao longo destes estranhos meses de 2020, Assis agradece pelo comprometimento de todos ao longo daquele período difícil, encorajando-os para seguirem com aquela postura profissional diante da escrita: leitores comprometidos,

escritores sem a ingenuidade dos iniciantes. E tal ingenuidade não se trata de aspectos ligados à escrita em si. Assis se refere a algo (talvez uma das poucas coisas) que lhe tiram a paciência: as pessoas que têm certeza de tudo. “Não tenho paciência para aqueles que sabem de tudo. Geralmente estes são os amadores. Portanto, sigam com a postura profissional: a dos escritores e escritoras que buscam sempre conhecer, que sabem que esse caminho do aprendizado, da curiosidade, não acaba nunca.”

E assim o mestre tem dedicado sua energia para a escrita e para as aulas. Depois que encerra o dia, essa mesma energia continua. Se a aula foi à noite, como acontece na graduação, o sono custa mais a chegar, brigando com a adrenalina. Na manhã seguinte, sai com Valesca para caminhar na rua, por enquanto ainda de máscara e distante de qualquer outra pessoa que porventura apareça no caminho já refrescado pelos ventos do Rio Guaíba, logo ao lado, em meados deste outono porto-alegrense.

* **Fred Linardi** é escritor e jornalista, especialista em jornalismo literário pela ABJL, mestre e doutorando em Escrita Criativa pela PUCRS. Foi contemplado nos concursos Nacional de Contos Josué Guimarães e Paulo Leminski (2018). Venceu o Prêmio Cidade de Manaus (2019) na categoria Jornalismo Literário. É autor do livro infantil *Biscoitos* (2019), do catálogo da Editora Biografias & Profecias, pela qual também publicou e editou uma série de livros biográficos. Participou da Oficina de Criação Literária da PUCRS em 2018.

A trigésima sexta história

Gabriela Richinitti*

Trinta e cinco anos não cabem em um livro. As incontáveis narrativas pessoais e literárias que compõem a história da Oficina de Criação Literária da PUCRS – ou Oficina do Assis, como é carinhosamente conhecida – constituem uma coletânea imaterial cujos capítulos cada aluno e ex-aluno carrega. Durante a organização desta obra junto à EDIPUCRS, vimo-nos diante da difícil tarefa de eleger trinta e cinco contos que refletissem a amplitude e a diversidade dos talentos que passaram pelo curso, ministrado desde 1985. Como resultado, aqui se encontram nomes consolidados na literatura nacional e internacional, cujos textos, de temáticas e estilos tão variados, têm um fator comum: foram produzidos no início de carreiras de sucesso, por escritores que estudaram os mecanismos da ficção nas aulas do Professor Assis Brasil.

Mas o que essas aulas oferecem de tão especial?

Em 2016, quando vi meu nome entre os aprovados para os dois semestres letivos da Oficina, não sabia muito bem o que esperar. Como uma boa aspirante a escritora porto-alegrense, eu já ouvira falar sobre a Oficina do Professor Assis Brasil e já lera, inclusive, excelentes autores que haviam passado por ela. Até aquele mo-

mento, meu aprendizado se dera de maneira autodidata – como, aliás, imagino que ocorra à maior parte dos escritores. É no hábito da leitura que se tomam as primeiras lições; a elas se seguem as tentativas de reproduzir aquilo que se observa na arquitetura das boas histórias. Soma-se a isso a angústia de não saber mensurar o valor literário do próprio trabalho e a necessidade de submetê-lo ao julgamento de amigos e familiares nem sempre qualificados para a missão – seja porque não têm muita intimidade com a literatura, seja porque são demasiadamente próximos do autor. Do primeiro esboço à última obra publicada, a vida do ficcionista exige a persistência de seus mais inexoráveis heróis. O resultado do processo é sempre incerto, de tal forma que o escritor aprende a conviver com a suspeita de estar carregando a pedra de Sísifo ao cume da montanha. Em algum momento, ela rolará às suas costas, e será necessário começar do princípio, renunciar à árdua escalada já feita, abandonar um projeto em que se depositou tanta expectativa e esforço. Aqueles a quem a escrita não parece um destino inescapável deixam a pedra pelo caminho. É o mais fácil, sem dúvidas.

Há, porém, uma razão pela qual outros tantos insistem em continuar. Eventualmente, alguns – nem sempre os melhores, talvez os mais persistentes – conseguem carregar a pedra até o alto e são reconhecidos pelo público, pela crítica ou pelas premiações (às vezes, pelos três). Criar um microcosmo fictício que, no interregno da leitura, será habitado por pessoas reais – centenas, milhares, quem sabe milhões delas – é uma realização grandiosa, com algum teor divino; confere ao autor um pouco de imortalidade, outro pouco de onipotência, ao menos dentro dos limites de sua criação. Com ares de importância, leitores discutirão as razões e os destinos de personagens forradas com o conteúdo

humano que o escritor recolheu junto ao mundo que o cercava. Tudo isso é gratificante e recompensa o esforço da subida – ao menos é o que pensam os escritores. O que uma oficina literária faz é oferecer ferramentas para facilitar essa escalada, indicando atalhos e alertando sobre as áreas de turbulência, onde os tropeços são mais comuns. Daí que o ministrante seja um escritor que já desbravou esse terreno e o conhece suficientemente bem para conduzir o aprendizado.

Recorro a experiências e impressões pessoais com o intuito de que elas capturem, ainda que de modo oblíquo, um pouco da percepção de outros tantos que passaram pela Oficina. Foi lá que, pela primeira vez, confrontei um fato inconveniente: o suposto talento natural com as palavras talvez não bastasse para engendrar um romance instigante, povoado por personagens que carregassem nos contornos da ficção o peso da humanidade. Havia mais a aprender na mecânica interna das grandes obras, sistemas complexos que Assis Brasil ia desenredando, instruindo-nos a ler como escritores: conscientes das estratégias sob os enredos que parecem avançar pelo impulso de forças implacáveis. A personagem, ensinou-nos o Professor-escritor, encontra-se no epicentro da narrativa: é preciso que até mesmo fenômenos aleatórios, como um raio, pareçam advir de sua existência. Penso que, talvez, essa harmonia entre devaneio e racionalidade seja a mistura essencial da escrita: a inspiração que se consuma mediante o trabalho, a arquitetura lógica de uma quimera.

Chamou-me a atenção, desde o princípio, o termo “oficina”, que remetia a um desses lugares onde se fabricam máquinas. Seria possível fabricar um escritor? E toda aquela história de dom inato, de místico pendor para a arte? Se escrever fosse acessível a toda a população alfabetizada, bastando um curso

com boa didática, parte da bruma que envolve o fazer artístico estaria definitivamente dissipada.

Logo me dei conta de que não era o escritor que se criava, mas o texto: as ferramentas que limam o objeto literário podem ser adquiridas e aprimoradas, embora as mãos que as manipulam variem muito em sensibilidade, capricho e força. Nenhuma técnica, oficina ou manual de escrita jamais será capaz de homogeneizar a literatura, pois o fator humano que lhe é intrínseco não se deixa adestrar. Pode-se ensinar vocabulário, arco dramático e foco narrativo, mas não se pode ensinar alguém a perceber a realidade de determinada maneira. E a ficção é, sempre, um olhar sobre uma possibilidade de mundo.

Quando essa ideia romântica do escritor predestinado se esfacela, percebemos que escrever é também um ofício que exige muito estudo e dedicação. Convencer o leitor da verdade literária de cada conto ou romance exige uma expertise que pode ser aprendida com a oficina do tempo, do erro e da repetição. A experiência literária e a didática de um professor-escritor como Assis Brasil, contudo, adianta esse processo ao oferecer não as respostas corretas – que, nessa ciência inexata, sequer existem –, mas as perguntas. O escritor iniciante tem a oportunidade rara de se deparar com uma série de questões que, cedo ou tarde, se imporiam sobre seu trabalho.

Essas lições poderiam constar em um manual de escrita – como, de fato, constam. Em 2019, o *Escrever ficção* reuniu o conteúdo tradicionalmente ministrado na Oficina. São páginas valiosas, que expandem e qualificam os conhecimentos acerca do ofício da escrita; o que elas não podem entregar é o convívio presencial da sala de aula, a troca com pessoas que possuem objetivos e interesses comuns. Fazer parte de um grupo voltado para a

literatura e habitar um microcosmo onde tudo converge para o trabalho artístico é uma oportunidade extraordinária. Submeter escritos autorais a discussões qualificadas permite que se atinja, em algumas tardes, o que dias de esforço solitário por vezes não permitem atingir.

Digna de nota também é a generosidade com que Assis Brasil transmite seu conhecimento. Poucas pessoas conseguem reunir uma escrita profícua a uma didática primorosa, moldada por décadas de experiência e humildade – esse ingrediente secreto que permite ao sábio alcançar sempre um patamar acima de si mesmo. A soberba engessa o aprendizado e condena à obsolescência. No avesso disso, Assis Brasil jamais deixou de se atualizar, andando no compasso da estética contemporânea e revendo suas próprias crenças acerca desse instituto volátil a que chamamos boa literatura.

Símbolo disso é a utilização dos recursos oferecidos pela tecnologia. Hoje, os exercícios enviados por e-mail pelos alunos vêm comentados em caneta digital; ao contrário do que ocorria há alguns anos, quando os trabalhos tinham de ser impressos, o dispêndio de papel é mínimo. As análises do Professor são diligentes e sinceras, sem jamais abandonar a sensibilidade. Ele sabe que, na Oficina, há sonhos e projetos em jogo. Pessoas de todas as partes do Brasil – e, por vezes, de outras nacionalidades – desembarcam em Porto Alegre para estudar Escrita Criativa. Assim, as palavras de incentivo e as congratulações sempre ocupam os lugares que lhes cabem, convivendo com as indicações daquilo que merece ser revisto. Aliás, algo que aprendi com a Oficina é que nenhum trabalho – nem mesmo o artístico, nutrido pelo manancial sagrado da inspiração – é irretocável. Embora a escrita seja uma atividade essencialmente solitária, ela necessita de um leitor; primeiro, aquele hipotético, o destinatário invisível das palavras.

Depois, o leitor concreto, que apontará as fragilidades do texto: o que restou incompreensível (e que, na cabeça do autor, estava dado), as incongruências, as passagens inverossímeis, quem sabe até uma nova sugestão de título. De qualquer forma, o escritor deve estar aberto às considerações que vêm de fora. Como Assis Brasil costuma dizer em aula, ouvir a opinião dos outros não é sinal de humildade, mas de inteligência. A menos, é claro, que se pretenda fazer uma obra hermética, para não ser lida, desfrutada ou compreendida – nesse caso, o melhor mesmo é passar longe de qualquer espécie de oficina.

Se o escritor, contudo, quiser tomar consciência de suas escolhas e do efeito que eles podem causar no receptor, a participação em uma oficina pode ajudar, sobretudo ao oferecer primeiros leitores. Muitas vezes, achamos algum livro tedioso, mas não sabemos por qual razão ou em que ponto a premissa se perdeu. O olhar técnico e exigente – sem jamais deixar de ser generoso – de um bom professor de escrita ou mesmo dos colegas pode apontar uma série de problemas nem sempre difíceis de resolver. Por exemplo, um parágrafo nebuloso ou um começo muito lento; o leitor não se prestará a voltar três vezes em um trecho para entender o que está sendo dito e não irá tolerar cinquenta páginas tépidas à espera do conflito do romance. Quem escreve deve reconhecer esses problemas justamente para evitá-los – ou, ao menos, para subvertê-los, pois em literatura nada é realmente proibido.

Há uma série de fatores de mau prognóstico literário que se repetem nas histórias frustradas; é por isso que se aprende mais com os livros ruins do que com os bons. Não raro, o próprio Assis Brasil projeta nas aulas trechos de má prosa, instigando os alunos a perceberem quais elementos lhes causam a sensação de uma ideia pobremente executada. Muitas premissas instigantes

se desvirtuam em desenvolvimentos imaturos, ao passo que enredos simplórios se agigantam em mãos hábeis – boa parte desse fenômeno deve-se à densidade das personagens e à maneira como elas se relacionam com os acontecimentos, mesmo os mais prosaicos. Existe uma porção de histórias cujas sinopses poderiam reduzir-se a uma frase pouco interessante – e que, no entanto, prosperam pelo tratamento que lhes dá o autor. Não é a escolha de um tema inusitado que sustenta o interesse do leitor, mas o conteúdo humano de que se nutre a narrativa e as emoções que ela suscita.

Instigadas por Assis Brasil, essas reflexões literárias grassam pelo laboratório criativo, produzindo frutos como os trinta e cinco contos que compõem esta coletânea. A maior parte deles foi retirada de alguma das tradicionais antologias que as turmas de cada ano organizam ao final do curso; as raras exceções vêm de autores que, por qualquer razão, não constam nessas publicações, mas que concluíram a Oficina e injetaram algo desse aprendizado aos seus trabalhos.

As antologias, aliás, constituem um dos grandes patrimônios da Oficina; todo ano, tradicionalmente, uma nova obra reúne os talentos recém-saídos do curso. A primeira publicação, sabemos, não coincidiu com aquela primeira turma de 1985; alguns anos se passaram até que surgisse a ideia, que logo se consolidou, em 1988, perdurando até os dias de hoje. Mais de trinta edições das antologias foram publicadas sob a denominação genérica de *Contos de oficina*, depois se começou a atribuir títulos mais atraentes ao mercado editorial. Há, inclusive, mais antologias do que anos de Oficina, pois a várias turmas não bastou uma só edição para compreender a verve de dois semestres. Ademais, as aulas promovem o encontro de pessoas com interesses afins, costurando

laços que, não raro, se mantêm através do tempo – amizades que geram novos projetos e movimentam a cena literária da cidade.

Para acompanhar o arco da história, cuidamos de selecionar um texto representativo daquele ano de 1985 em que tudo começou, antes mesmo de haver antologias. Dessa forma, Jaime Cimenti abre a seção ficcional deste livro. No outro extremo, fomos em busca de um trabalho produzido no decorrer das aulas de 2020 – pela primeira vez ministradas a distância, por conta da pandemia do coronavírus –, que nos foi enviado por Tobias Carvalho.

Quanto aos textos selecionados, cronologicamente dispostos nas páginas que seguem, é interessante observar as mudanças temáticas e estilísticas que se operam ao longo dos anos, no compasso de uma sociedade em perene transformação. A sensibilidade de cada época e de cada autor traz à tona questões diversas – os abusos domésticos, a loucura, o enfrentamento da cidade por uma pessoa com deficiência, a pobreza. Algumas questões, entretanto, repetem-se e perpassam todos os textos, sem significar, por isso, falta de originalidade; são componentes intrinsecamente humanos, conflitos que nos habitam e que não se apresentam com tanta variedade quanto gostaríamos de acreditar. Essa matéria interior – ou *questão essencial*, para utilizar a terminologia do Professor Assis Brasil – é o que produz os movimentos internos dos indivíduos e, portanto, das personagens, essas pessoas de papel que se parecem tanto conosco.

Enquanto matéria imutável da existência, as questões essenciais conferem atemporalidade às boas histórias. Isso se observa nos contos mais antigos, que, apesar da passagem do tempo, não perdem o sentido ou o poder de causar-nos fascínio, horror ou inquietação. Quanto aos mais recentes, nos quais vibram as tintas frenéticas da contemporaneidade, variam entre a continuidade do

projeto estético de seus predecessores e a ruptura com as tradições, jogando com a linguagem ou com as próprias circunstâncias da civilização onde nasceram.

Esses trinta e cinco autores, ao longo de trinta e cinco anos, tiveram seus caminhos literários influenciados por Assis Brasil. É possível que alguns tenham subvertido as lições do mestre, assim como ele próprio soube renunciar aos dogmas que o tempo tratou de relativizar. Novos conceitos e novas estéticas ingressaram pelo hall de entrada e pela porta dos fundos de uma área do conhecimento que ainda tateia à procura de seus contornos: a escrita criativa. O narrador onisciente contemporâneo vem enriquecer o texto com informações que não passaram pelo prisma subjetivo de nenhuma personagem – se o autor perdeu a aura divina que um dia deteve, o narrador conquistou poderes deísticos. O texto se estilhaça para acompanhar a polifonia de sons, cenas, vozes, corpos e verdades em conflito que dão forma às metrópoles. Discursos de naturezas várias se entrecruzam no palco babélico da narrativa. A literatura se transforma. Nem para pior, nem para melhor: para sua própria renovação. “Se assim não fosse, estaríamos ainda narrando com a linguagem das lendas egípcias”, escreve Assis Brasil.¹⁸ E é verdade. São as palavras de um professor que soube permanecer sem estagnar; que instruiu sucessivas gerações sem cultivar somente o passado – embora resgatando a imortalidade dos grandes escritores, para que os novos artistas aprendam também com eles.

A tectônica da epistemologia desloca as convicções literárias; de suas frinchas emerge a originalidade, magma incandescente

¹⁸ ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Escrever ficção: um manual de criação literária*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 237. Colaboração de Luís Roberto Amabile.

que, aos poucos, esfria e assenta em novo standard. Acompanhar esse movimento – vagaroso enquanto acontece, súbito quando percebido – exige um conhecimento ao mesmo tempo vasto e minucioso, uma visão em escala amplíssima e minúscula. A mágica das coletâneas está em encerrar, entre capa e contracapa, uma história a mais. Este livro, portanto, contém trinta e cinco narrativas de autores muito diversos. Em seu subtexto, corre a trigésima sexta: a história da Oficina do Assis. Obra inacabada, que vai se escrevendo em vida e literatura.

* **Gabriela Richinitti** nasceu em Lajeado, no Rio Grande do Sul, em 1993. Graduiu-se em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É mestre e doutoranda em Letras – Escrita Criativa pela PUCRS. Possui contos e poemas publicados em diversas coletâneas.

Participou da Oficina de Criação Literária da PUCRS em 2016.

35 histórias

—

Na casa do pai

Jaime Cimenti*

Durante muito tempo, não tive coragem de entrar na casa do meu pai. Visitava-a obsessivamente em pensamento e ela aparecia em sonhos. Quando o advogado telefonou solicitando os documentos que lá se encontravam, pensei em delegar a tarefa a um de meus irmãos, mas decidi ir.

Ao chegar titubeei, fiquei do outro lado da rua, observando as telhas esverdeadas pelo limo, as cores desbotadas das paredes, as janelas feito olhos fechados e um ar de abandono. Quase dei meia volta.

Atravessei a rua. A ferrugem do portão de ferro salpicou minha mão. Mandaria pintá-lo. Arranquei algumas ervas daninhas do canteiro, arranhando os dedos na terra ressequida. Na soleira juntei envelopes e jornais amarelecidos. Respirei fundo, armei-me de coragem, girei a chave. A porta estalou quando a empurrei.

Respirei um ar mofado. Acendi a luz para dissolver as sombras. Melhor atravessar a sala, apanhar os papéis na escrivaninha e ir embora o mais rápido possível, pensei. As declarações de rendimentos, carteiras de identidade, certidões de nascimento e casamento, escrituras e talões de cheques estavam na gaveta maior, organizados. O saldo da conta corrente mencionado no canhoto do talão coincidia com o valor lançado no último extrato bancário enviado pelo correio. Era mesmo meticuloso, o velho.

Na outra gaveta os óculos, as duas alianças sobrepostas e a carteira de dinheiro, na qual havia algumas notas e fotografias de minha mãe, minha e de meus irmãos. Coloquei tudo no envelope que trouxera e pensei que ele tinha organizado tudo antes do que tinha planejado.

Eu precisava relaxar, permitir que as batidas do coração retornassem ao compasso e ajudar minha pressão a voltar ao nível normal. Sequei as gotas de suor da testa, acomodei-me na poltrona predileta de papai, que ficava em frente àquela onde eu sempre me sentava quando conversávamos nos finais de tarde. Pedi forças a Deus.

Assim que me senti mais aliviado fui até a cozinha. Enquanto bebia o copo de água, olhava o fogão. Lembrei a última refeição que lhe preparei. Frango com massa, o que ele mais gostava. Comemos em silêncio, um silêncio cômodo, de velhos amigos. Ele não se queixava da bengala, dos óculos, da viuvez e do peso dos setenta e cinco anos. O olhar, porém, denunciava um desencanto profundo, que se encontrava com o desencanto dos meus olhos.

Não, eu não aguentaria ficar ali parado com o copo vazio na mão, buscando respostas que não viriam. Rumei para a sala, tomei o envelope que deixara sobre a mesa, mas uma força estranha me fez subir os degraus da escada que conduzia aos quartos. A porta do seu quarto estava fechada, exatamente como no dia fatídico. Abri lentamente. A cama estava arrumada. O tapete no lugar. As venezianas permitiam a passagem de uma réstia de luz. Os armários estavam fechados, no tampo da mesa de cabeceira apenas uma imagem de santo coberta pela poeira.

Mas, naquela manhã fria, o ambiente era de filme de terror. Meu pai estava caído no chão, sapatos lustrados, terno e gravata, cabelos penteados com brilhantina, a compostura habitual. Ao levantá-lo manchei-me com o sangue que empapava os cabelos

brancos da t mpora direita. No assoalho estava o revólver. Nenhum bilhete, nenhuma explicação, nada absoluto até hoje.

Deitei na cama, chorei compulsivamente banhando a parte da colcha que cobria o travesseiro. Tão logo reuni forças abri a gaveta do criado-mudo e retirei o revólver calibre 38, pousando-o   altura do coração. Meu corpo e a arma tremiam. Acariciava o cano gelado com a palma da mão enquanto o indicador da outra brincava no gatilho. No tambor havia apenas um espaço aberto. Apenas a bala mortal havia sido detonada. Minha mão esquerda apertou a arma contra o peito e o indicador firmou-se no gatilho. Se ele tinha tomado a decisão fatal, por que não eu? Não era como ele?

Naquele momento que era para ser terminal, ouvi soar a campainha. Voltei a mim. Desci a escada. Abri a porta. Era o vizinho. Me vira entrar. Queria saber como eu estava, se precisava de alguma coisa. Sua voz me pareceu distante, como a de uma ligação telef nica ruim. Por sorte a visita foi breve. Sa  depressa com o envelope na mão e o revólver no bolso interno do paletó, bem junto ao coração.

* **Jaime Cimenti**   escritor, cronista, jornalista e procurador aposentado do Ministério Público do Trabalho, nasceu em Bento Gonçalves. Autor dos livros de contos *Lâminas Paralelas* (1992) e *O nome da relação* (2006), participou de várias antologias, recebeu pr mios, como o ARI e o Felipe D' Oliveira. Desde 1994 assina cr nicas e colunas no *Jornal do Comércio* e já teve trabalhos publicados na *Playboy*, *Correio do Povo* e *Zero Hora*, entre outros. É casado com Helena e pai de Laura e Marina.

Jaime Cimenti participou das duas edições da Oficina de Criação Literária da PUCRS (1985 e 1986).

Primavera

Caio Riter*

1952/Abril

Entro em casa correndo. Na cozinha, meu pai sacode um troço esquisito para minha mãe. Ao me ver na porta, mamãe manda que ele pare. Meu pai guarda a coisa dentro da calça, aproxima-se de mim e bate em meu rosto.

– Isto é para você não ficar olhando o que não deve.

Corro para o quarto. Meu choro é só incompreensão.

1962/Maio

Em silêncio, escuto. Meu pai fala alto, conta suas piadas sujas, ri e fuma o charuto fedorento, enquanto meu noivo o incentiva. *Conta outra, sogro.* Mamãe, às vezes, vem à sala. Não fala nada, apenas recolhe as garrafas vazias. A cabeça baixa não se ergue para me olhar. Caso fizesse, leria em meus olhos o desejo de fuga.

– Mais cerveja, velha. – Meu pai pede aos gritos. Dá um tapa na bunda de mamãe. Depois, volta-se para meu noivo e aconselha: – Rédea curta, Alfredo. Mulher se trata como cavalo. Um afago aqui, um beijinho ali e um bom tapa na cara, se ela se fresquear. – Olha para mim. Baixo os olhos.

No mês que vem, me caso.

1965/Junho

Não gosto do cheiro de Alfredo. Não gosto de sua fala mansa, quando se roça em mim. Sinto nojo do corpo dele dentro do meu, mas sou sua esposa e cumpro com minhas obrigações. Quando estava grávida é que era bom, ele se aliviava com as outras na rua. Viver era mais fácil.

1972/Julho

Toda vez que ele me toca, fico mais pequena. Seu fedor me contamina, faz com que me sinta suja. Ele vem, me agarra, resfolega e cavouca dentro de mim feito um cachorro que busca no lixo sabe-se lá o quê.

Coleciono vidros de perfumes, só eles para disfarçarem o cheiro de Alfredo. Me banho com eles, esfrego o corpo com eles; sinto prazer com eles. Prefiro as essências mais exóticas.

1980/Agosto

Batem na porta, mas não abro. Deve ser Laura. Às vezes, acho que minha filha pensa que sou louca. Talvez porque eu goste de ficar trancada no quarto. Só eu e meus perfumes.

1986/Setembro

Laura entra no quarto. Tenta abrir a janela.

– Não quero luz – digo, e finjo calma. Seus olhos claros sobressaem-se no rosto branco e triste.

– Oi, mãe – Laura me cumprimenta, sorri.

Me ajeito sobre os travesseiros. Sinto pena dela, mas permaneço imóvel, não falo mais nada.

– Oi, mãe, sou eu, a Laura – diz ela – sua filha, tudo bem?

– Não tenho filhos – minto, num resmungo. Se pensarem que enlouqueci, talvez tenha sossego. Pode ser que me esqueçam ou me levem desta casa.

Por trás de minha filha, o rosto gordo de Alfredo aparece e me avalia.

– Como ela está? – ele pergunta. Fala baixo.

– Não me reconheceu. – Laura sai do quarto. Sua tristeza me comove.

Alfredo me olha, encosta a porta, se aproxima, me chama pelo nome. “Oi, sou eu”, diz ele. Procura não fazer barulho e, antes de abrir a braguilha, confere se a porta está fechada. E faz aquela coisa nojenta, e diz coisas nojentas.

Olho para o outro lado, minto para mim mesma que eu não sou eu. E ele se vai e eu fico só. Mais uma vez.

Sobre a cômoda, o vidro de almíscar está quase cheio. Abro. Passo no pescoço, atrás das orelhas, nos seios flácidos, nas coxas. Inspiro o perfume e vem a vontade.

Bebo.

Bebo até a última gota. Um ardor gostoso na garganta me impulsiona a beber o conteúdo dos outros frascos. Bebo tudo, até me deixar cair sobre a cama. Meu corpo se torna todo ele perfumado. Por dentro também. É Primavera, eu sinto.

* **Caio Riter** é professor, mestre, doutor em Literatura Brasileira e tem pós-doutorado em Escrita Criativa. Autor de vários livros, com os quais recebeu algumas distinções literárias, como o Prêmio Açorianos, o Barco a Vapor, o Orígenes Lessa, o Ofélia Fontes, o AGES: Livro do Ano e Selo Altamente Recomendável, entre outros. “Primavera” foi publicado em *Contos de oficina* 7 (1991).

Vitória

Jerônimo Teixeira*

A porrada veio nem se sabe de onde. Potente, ela o faz voar – cai de costas na calçada, a tampinha de garrafa ainda firme na mão. É só a cara, só ela existe agora, latejando, o nariz que sangra. O resto do mundo parece ter apagado.

– Vai arranhar a bunda da tua mãe, moleque sem-vergonha!

Recupera a visão, devagar. Enxerga o agressor, seguro por amigos, “é coisa de criança, deixa o guri”. Vira o rosto, com dor. Vê o carro vermelho, traços finos na pintura da porta.

JOÃO PAU

Arrasta-se até lá, encosta a cabeça pesada no pneu dianteiro. Ergue a tampinha, estica o braço para alcançar o lugar certo: o LO, falta o LO.

Atrás dele, os amigos soltam o dono do carro.

* **Jerônimo Teixeira** nasceu em Montenegro, Rio Grande do Sul, em 1968. É jornalista e mestre em Letras. É autor de *Drummond cordial* (2005), *As horas podres* (2007), *Antes do circo* (2008) e *Os dias da crise* (2019).

“Vitória” foi publicado em *Contos de oficina 8* (1992).

O Forte está vazio

Amilcar Bettega*

Já era manhã feita, quando a voz grossa e desconhecida se fez clara e quase tão real quanto o soldadinho de camisa azul que gastava tardes inteiras a defender o Forte do ataque apache. Poderia ser aquele sonho último – o que prende à cama quando o sol já vai alto –, não fosse a insistência com que tornava a voz, entre gracejos discretos e a fala da mãe. O menino abriu os olhos e correu à porta, observou a figura do homem que nunca vira: pernas cruzadas, uma xícara de café na mão, o chapéu sobre o joelho. O rosto era enorme, os olhos fundos, um bigode fininho no contorno do lábio superior. Sem perceber, ele imaginou-se no futuro: talvez um homem igual àquele. Voltou para a cama que dividia com a mãe e pensou nas perguntas sem respostas da sua vida diferente, nos únicos diálogos possíveis: se não com ela, só mesmo com o Comandante do Forte.

A mãe entrou mudada, deu-lhe um beijo na testa e foi logo dizendo que não podia um homenzinho daquele tamanho dormir tanto assim. Ela abriu a janela e respirou fundo. À tarde, até cantou.

No outro dia não bastava observar de longe. A porta, o menino transpôs. Teve os olhos fundos em cima de si e, automático, desviou o olhar – ato vergonhoso que a indagação do seu nome ofereceu a chance de corrigir. Olhos nos olhos, apresentou-se. Esticado o

braço, sentiu a mãozinha nadar naquela outra, imensa, grossa, pesada, quente. A mãe fez um riso mudo, a cabeça inclinada para o lado. A tarde reservava um gosto original, um passeio a três. Mais ainda: entre a casa e o rio, a cidade atravessada passo a passo, em formação completa; até na frente da casa do Zeca, eles cruzariam. O Comandante não foi, tampouco ataque índio houve. O menino rolou na grama, subiu em árvore e tomou banho de rio. Falou só com a mãe – para pedir o bolinho de milho que ela trazia na bolsa. De resto, apenas escutou a voz diferente. Uma horinha chegou bem perto e tocou o músculo daquele braço. Era rijo como um moirão.

Naquela noite, da cama da mãe ele foi para o sofá da sala – estava ficando grandinho, ela lhe dissera. Não questionara. Há muito aceitava que as coisas fossem assim, como Deus queria, e Deus queria botar nos olhos dela aquele brilho de bolita nova. Na cidade falavam de um tal “forasteiro”, ouvira quando entrava na padaria, mas o seu João cutucara o outro que se encontrava de costas e dissera que o tempo estava para chuva. Em casa, perguntou – a quem deveria – sobre o significado da dita palavra, ouviu o mesmo que ouvia há anos. Uma só resposta servia a várias perguntas. Diante de tamanho oceano evasivo, restava resignação. Se não possuía aqueles ensinamentos tão importantes para um homem, seguia mesmo os maternos, afinal mãe nenhuma no mundo desejaria o mal do filho.

Certa manhã não quis tomar café na mesa. Abancou-se na poltrona – pernas cruzadas, xícara na mão – e abriu o jornal com ares de interesse, como se adivinhasse o que dizia naquele amontoado de letrinhas. O homem, sentado na outra poltrona, sorriu para a mãe. O menino tomou o café ali, diante dos dois.

As tardes ainda eram passadas no quarto, ele orquestrava tanto as investidas dos índios quanto a defesa do Forte; de vez em quando

ouvira a voz grossa na sala. Não lembrava com quem aprender o brinquedo. Os soldadinhos, os índios, os cavalos, as guaritas, as muralhas em madeira resinada, tudo isso já habitava uma caixa velha quando ele se apercebeu do quarto onde dormia. O espaço repartido no armário de peroba-rosa, as escovas espalhadas sobre o mármore do toucador, um cabide onde descansavam apenas xales e vestidos, a cama única. Foi sob o leito que descobriu a caixa, em pura ânsia investigatória. Ninguém ergueu a tampa para ele, sorrindo-lhe. Ele próprio tirou as peças, arranjou casas e guaritas, dispôs o muramento em deduzido quadrado, separou os brancos de peles-vermelhas e começou uma história. Uma história pela metade. E ali carecia de nomes e rostos, assim como lá na sala faltava aquela foto que vira na casa do Zeca: os noivos no sofá, muita gente sentada ao lado. Faltavam também os cinzeiros, o porta-chapéu. E o escabelo? Pois, no meio desse grande vazio, aquele homem chegara, sentara na poltrona e lera o vespertino local: a xícara do café na mão. Assim fez, dia após dia, até a tarde em que o menino vem à porta e o vê em pé. À frente do homem, a mãe fala abafado, cabeça baixa. Sobre o sofá, uma revista dobrada e o chapéu. E ao lado, encostada ao pano encardido da poltrona: a mala.

O menino sente um grito crescendo por dentro, uma sílaba, a primeira palavra de uma criança. Com o instinto e o ardor de todos os índios da América atirando-se às muralhas do Forte, ele parte em corrida muda, agarra-se às pernas do homem e começa a chorar.

***Amilcar Bettega** nasceu em São Gabriel (RS), em 1964. É autor de *O voo da trapezista* (contos, 1994, Prêmio Açorianos), *Deixe o quarto como está* (contos, 2002, Prêmio Açorianos e Menção especial

do Prémio Casa de las Américas), *Os lados do círculo* (contos, 2004, Prémio Portugal Telecom), *Barreira* (romance, 2013, finalista do Prémio São Paulo de Literatura) e *Prosa pequena* (contos, 2019). Seu trabalho está publicado em países como Portugal, Espanha, Itália, França, EUA, Luxemburgo, Suécia e Bulgária. Também atua como tradutor e professor de Escrita Criativa.

“O Forte está vazio” foi publicado em *Contos de oficina 10* (1993).

Volver al Sur

Cintia Moscovich*

O preto é uma das cores que fazem falta ao cego. A outra é o vermelho. De modo que “le rouge et le noir” são as cores que eles não têm. Para Jorge, que desde pequeno se acostumara a dormir no escuro, foi bastante incômodo, por muito tempo, ter de dormir nesse mundo de neblina esverdeada ou azulada e vagamente luminosa que é o mundo do cego. Preferiria poder recostar-se na penumbra, apoiar-se na escuridão. O mundo do cego não é a noite, como se supõe.

Naquela manhã, serviu-se de café e de um pedaço de pão com manteiga. Decidiu que a louça, a do desjejum e a do jantar da noite anterior, ficaria a encargo da senhora da limpeza. Tateou o chapéu de feltro no cabide junto à porta, vestiu o sobretudo de lã e, com a bengala à frente do corpo, rabiscou o caminho até os degraus da escada, numa linha mais ou menos reta. A senhora da limpeza cruzou por ele, desculpando-se pelo atraso.

Nem bem caminhara meia quadra, ouviu o bonde estrugindo os trilhos. Subiu, deu *buenos días* para o condutor e se sentou no banco junto à porta vazada. Preparou-se para descer na esquina de Las Heras com Pueyrredón; sabia o tempo exato do percurso e, portanto, dispensou a obsessiva e diária piedade que o cobrador insistia em lhe impingir.

Na calçada, apalpou o bolso interno do sobretudo. Àquela hora, permitia-se o primeiro cigarro do dia. Deixara-os sobre a mesa de cabeceira e, decerto, a empregada desfrutaria do esquecimento. O quiosque ficava do lado oposto da avenida, em diagonal perfeita com a biblioteca. Ouviu que outro bonde se aproximava e já ras-cava, distanciando-se. A bengala assinalou o meio-fio e, cuidando o degrau, deu um primeiro passo no leito da Pueyrredón.

Uma compressão aguda iniciou-se no cotovelo direito e o quadril estourou em fogo. A cabeça fez sucessivos movimentos de translação sobre o eixo do corpo, enquanto o rosto recebia ásperas pontadas. O horizonte confundira-se e, quando finalmente os vultos voltaram ao prumo, percebeu a mão vazia da bengala. Um gosto cálido e espesso preencheu o oco da boca. Embora também os sons se houvessem transformado em vultos, identificou o grito armado a seu redor.

O brilho cintilante voltava a incomodá-lo como nos tempos em que o lento crepúsculo da cegueira tivera início. Tentou mover-se, poderia dar volta com o tronco e esquivar-se do clarão verde-azulado. O corpo ignorou a vontade. As pernas e os braços grudavam-se ao contato de alguma superfície apenas suposta. A força que empurrava a cabeça contra os ombros exercia uma absurda pressão na parte posterior do pescoço. Talvez como efeito do esforço para esquivar-se da neblina colorida, um zumbido brincava de um ouvido a outro, insistente e agudo. A boca ressentia-se da saliva que havia secado por completo. A língua, sim, esta podia mover. Alegrou-se com a descoberta e passeou pela mucosa escarpada, trilhando a pista dos molares. Agitou-se quando deu pela falta de um dos caninos. Abruptamente, o único músculo que parecia obedecê-lo foi imobilizado por uma pinça frienta. O zumbido aumentou em ritmo e volume frenéticos e, não

lhe bastasse tal desconforto, percebeu a extremidade cilíndrica que arranhava o palato, esgueirando-se goela abaixo, provocando reflexos de vômito. Uma lufada encheu os pulmões, ampliando o tórax de forma descomunal. Na volta, o ar sibilou pela boca e pelas narinas num atrito angustiado. Inspirações e expirações sucessivas aconteceram até que se habituou à respiração que não era a sua. As pálpebras pareciam transparentes e a claridade perpassava as retinas, indo espinhar a porção do cérebro junto à nuca. O mundo permanecia em silêncio.

Talvez tivesse adormecido, não podia precisar. Aliás, não podia precisar se era noite ou dia. Arbitrou que era dia, não se passara muito tempo desde que partira de Montserrat em direção à biblioteca, o motorneiro, o cobrador, os ruídos nervosos do Norte, os cigarros. Sim, morria por um cigarro, o volume lépido, o aroma perfumado. A nuvem luminescente não amainara. Uma dor fincou o braço direito, penetrando até a articulação do cotovelo. Se pudesse, teria gritado, mas o cilindro que lhe varava a garganta impedia qualquer gemido. Tentou, em vão, queixar-se à silhueta borrada que se debruçava sobre ele. O vulto se desmanchou com rapidez. Mãos avulsas ampararam-lhe pelas costas e deram volta em seu corpo. O nariz aplastou-se contra o tecido de algodão e o cilindro moveu-se em agonia. As omoplatas partiram-se, os nervos tremaram em alarme. O diafragma contraiu-se numa câibra demorada e a sensação de asfixia fez com que ansiasse pela respiração que não era a sua. O zumbido voltou a migrar de ouvido a ouvido. Vieram mais mãos avulsas e deram-lhe volta. A cânula foi retirada e, sem que pudesse desfrutar do alívio, já voltava a senti-la em choque contra os dentes, raspando a língua, ofendendo o estreito espaço em que se metia. Um espasmo agitou o peito e o ar voltou a inflá-lo. Um frio de metal cingiu os pulsos. Era noite ou era dia? Era noite.

Talvez muito tempo se houvesse passado. Dias, sim, resolveu que dias se haviam passado. Nas manhãs, o clarão se transformava em breve sombra e, assim, podia dormir; à noite, a energia de um sol azul-verdecento concentrava-se sobre o seu rosto e um ritual de torturas tinha lugar. Ambos os braços sofriam a perfuração de dores e ardências, o ar – quando não lhe era negado – impunha-se aos pulmões de maneira feérica, a cabeça era comprimida por força colossal, as cãibras espraiavam-se pelas pernas e o corpo era revolvido por mãos de ninguém. Além dessas aflições, nas últimas noites tinha a sensação de que lhe tracionavam os membros, na intenção de arrancar a cabeça do tronco e dele separarem os braços e as pernas. Passou a odiar as horas que pertenciam às noites, a antecipar as misérias que lhe davam a dor como a única sensação possível. Passou a odiar, sobretudo, a inexpressão do sofrimento a que era obrigado. Queria poder emitir alguma pequena interjeição, um gemido que fosse. Como era possível que não pudesse partilhar a desumanidade a que fora arrojado?

Mas agora era manhã e a névoa, amena. Os horrores da noite anterior haviam passado. Esperava que o tempo, marcado pelos movimentos da respiração, se escoasse. A lembrança da noite que viria causava calafrios.

– O senhor me pode escutar?

A voz veio em tom alto e claro, como não escutava desde que colocara o pé direito no leito da Pueyrredón. A vida próxima encheu-o de alento. Sim, respondeu, e escutar-se fez com que a própria humanidade voltasse a integrá-lo. Não se apercebera que a língua ganhara mobilidade e, tampouco, que o frio que lhe atava os pulsos se havia ido. Moveu os braços e desejou enxergar as mãos. Levou-as próximas ao rosto e viu dois vultos vermelhos. Ou seriam marrons? Outras mãos, avulsas, alçaram-no pelas

axilas. Que ele se acalmasse, repetia a mesma voz; agora estava tudo bem, o perigo havia passado.

– O senhor quase morreu.

Morrer? As misérias físicas e a incessante previsão das noites ruins não o tinham deixado pensar em algo tão abstrato como a morte. A figura indistinta do médico recomendou um pouco de paciência. Mais alguns dias e já poderia voltar para casa. Jorge permaneceu sentado. Morrer?

Uma moça de voz amorosa ajudou-o a vestir-se, enquanto comentava alguma coisa sobre o tempo. Sentou o paciente numa cadeira e, quando se abaixou para calçar-lhe os sapatos, ele viu o vulto negro dos cabelos. Ou seria cinza? Jorge recebeu a bengala e caminhou ao lado da moça até a saída. Insistiu com ela que pegaria o bonde.

Tomou assento junto à porta vazada. Não estava habituado ao trajeto e, portanto, rogou pelo aviso caridoso do cobrador. O rapaz concordou e pediu as moedas da tarifa. Jorge afundou a mão no bolso interno do sobretudo e percebeu, junto à niqueleira, o maço de cigarros.

Quando chegou em casa, foi até a cozinha. Na pia, amontoada, a louça do desjejum e a do jantar da noite anterior.

* **Cíntia Moscovich** é escritora, jornalista e mestre em Teoria Literária. Nascida em 1958 em Porto Alegre, publicou, entre outros, *Reino das Cebolas* (contos, 1996, finalista do Jabuti), *Dois iguais – Manual de amores e equívocos assemelhados* (romel, 1998) e *Anotações durante o incêndio* (contos, 2000), ambos vencedores do Prêmio Açorianos, e *Essa coisa brilhante que é a chuva* (contos, 2012), ganhador do Portugal Telecom e do Prêmio Clarice Lispector, da Fundação Biblioteca Nacional.

“Volver al sur” foi publicado na antologia *Contos de oficina 17* (1996).

Morando em casa

Michel Laub*

Feijão, tomilho, batatinha, hortelã, coentro, basílico, cebola, agrião. A minha horta, a minha comida. Quando o pesadelo tiver fim, não será mais preciso ir até o mercado comprar nada. Tudo vai estar plantado na terra preta onde afundarei as mãos, no húmus e na proteína que me trarão a paz.

Semana passada fui ver o engenheiro agrônomo. Achei que merecia: secar as folhas desta árvore plantada bem no meio do quintal. Eu já havia tentado Diuron, Tordon e DDT. Até ácido joguei, mas não acontecia nada. As folhas, que deveriam cair, amanheciam cada dia mais verdes. O tronco, que deveria ceder, continuava forte como uma montanha. Os galhos, que me disseram serem os primeiros afetados pela ação do veneno, estão aí até hoje, e o pior nem é isto. O pior são os meninos, que construíram um forte apache aproveitando a força do pé de carvalho e grudaram figurinhas do General Custer nas paredes e janelas da casa, onde passam o dia brincando com arco e flecha e revólver de papelão. Gritam, gritam, gritam sem parar – mas isso não fica assim.

Mais um cachorro sumiu na vizinhança. Desta vez foi o Reitor, vira-latas daquela velha da ladeira. Saiu de manhã e não voltou até agora. Foi o vigário, é o que dizem – desde que se mudou para

esta paróquia, os cachorros começaram a desaparecer. Começou com o Messias, criado pelo verdureiro. Era um bicho desses fiéis, capazes de ficar latindo junto ao dono morto até que a carrocinha venha recolhê-lo. Nunca mais. O verdureiro vive a se lamuriar, é um homem muito só, não tem filhos ou parentes e descobriu cedo que a esposa dormia com o rapaz do mercadinho. Foi um escândalo na época, desde então ele nunca mais quis ninguém, nem os amigos nem mulher nenhuma, só o Messias, de dia e de noite, andando com ele para cima e para baixo, de um jeito que as pessoas adoravam não sei por quê.

Depois foi Lex Lutor, cachorro do açougue. Diziam que o açougueiro o transformou em um dos embutidos pendurados sobre a geladeira. Esta versão não foi longe: desapareceram também o Maimônedes, o Fausto – do César, filho do César da farmácia –, o Rex Rainha e tantos outros, a cada semana, enquanto o vigário, coitado do vigário, segue rezando missas como que aceitando a culpa.

Não tenho cachorro, nunca tive bicho algum. Prefiro a companhia das plantas, silêncio e paz. Custam tão pouco, pedem tão pouco de mim. Só preciso regá-las todos os dias e colocar música às tardes. As avencas preferem Liszt, as quatro samambaias algo mais calmo, mas, no geral, pode-se colocar qualquer coisa: Bach, Albinoni, Prokofiev. Minha sala parece uma floresta, há de tudo no jardim também. Só falta a minha horta, com meu feijãozinho, temperinhos e alhozinho-poró, que vou colocar bem onde está a árvore na qual os meninos construíram o forte apache. *Isso não fica assim.* São os filhos do pessoal da vizinhança, o chefe deles é o neto de uma das velhas da liga das carolas. Quando desapareceu o Au-Au – o cachorro dele –, correu no bairro a versão de que o bichinho foi bastante maltratado antes de virar sabão.

Desde que o Reitor se foi, o Vigário está trancado em casa. Coitado do Vigário. A velha, dona do cachorro, anda em prantos. Não vai durar muito. Com esta idade, também, já não serve para coisa alguma. Se eu pudesse, mandava para longe os velhos e as crianças do bairro, faria uma limpa. Não ia sobrar quase ninguém, é verdade, por aqui só existem velhos e crianças, mas seria bom poder andar pelas ruas sozinho. Cada vez que esbarro em alguém conhecido, é como se estivessem colocando minhas têmporas em uma prensa de ferro.

O César, filho do César da farmácia, sempre se oferecia para embrulhar os remédios que eu comprava: “Faço isso pelo senhor”, “Não me custa nada”, “Não se abale”, “Não se incomode”. Tarraxas eram apertadas no meu cérebro. Passei a evitar a farmácia.

Não gosto de conversar, fazer comentários sobre o tempo nem ouvir e olhar e sentir as mãos dessas criaturas a tocar os meus ombros. Dona Candinha, a tricoteira que nunca mais apareceu (o neto vive como um moribundo, não tem ideia do fim que a vovó levou), insistia em me parar na rua para perguntar sobre minhas carrasqueiras, meimendros e estramônios.

Quando fui ver o engenheiro agrônomo, na loja em que trabalha, fui recebido por um vendedor. “Posso ajudar?” Estacas, pregos, ganchos amarrados a cordas em máxima tensão na minha cabeça. “Eu gostaria de falar com o Sr. Gonçalves.” Vendiam de tudo por lá: alpiste, gatos em gaiola, hamsters, erva-mate, aquários, material de pesca. “O engenheiro agrônomo?” Mais uma volta no parafuso, torque aumentado, chave inglesa engatada na lateral de uma porca quadrangular. “É, o Sr. Gonçalves.” Ele deu as costas e saiu. Apareceu, pouco depois, com um velhote de boina e chinelo de dedo. “Sim?” Duas placas de ferro esfregando-se

uma na outra. “Preciso de um veneno para matar uma árvore.” “Árvore? Que tipo de árvore? Figueira, Jacarandá, Cinamomo? Acácia, Flamboyant, Extremosa, Ipê?” Barulho, surdoruído, li-malhadeaçomaçaricobritadeira. “Senhor?” Broca, lixa d’água em reboco de parede, espátula metálica em superfície de alumínio. “Um pé de carvalho”, quase desmaiei para responder. “Tenho aqui o necessário”, ele disse.

Fico sempre olhando para a rua. O vidro é muito grosso, difícil ouvir os barulhos que vêm de fora. Não há muita gente por aqui. Nesta manhã, por exemplo, só vi o Caim Sacoleiro. É um velhinho que caminha o tempo todo em silêncio, carregando nas costas um saco onde coloca restos de lixo catados por aí. É raro o caminhão de limpeza passar, ele aparece uma vez por semana, por isso ninguém se queixa do Caim. Ele coloca o lixo na própria casa, não dá nem para abrir a porta de tanto papel e resto de comida que há lá dentro, o cheiro de podre e a quantidade de ratos e baratas que passeiam pela sala, banheiros e cozinha é de se espantar. Ficou assim desde que perdeu a filha. Encontram-na no matagal lá para os lados da Companhia Elétrica, tinha doze anos a menina, ninguém a reconheceu quando acharam o corpo. Até hoje sonho com ela, vejo o rosto dela, ouço os gritos, mas não é todos os dias: só quando vou dormir com dor de cabeça, essas dores que começaram antes do vigário vir para cá, do sumiço da velhinha dos estramônios, dos moleques que apareceram na minha árvore.

* **Michel Laub** nasceu em Porto Alegre e hoje vive em São Paulo. Publicou oito romances: *Música Anterior* (2001), *Longe da água* (2004), *O segundo tempo* (2006), *O gato diz adeus* (2009), *Diário*

da queda (2011, com direitos vendidos para o cinema), *A maçã envenenada* (2013) e *O Tribunal da quinta-feira* (2016, também vendido para o cinema) e *Solução de dois estados* (2020). É um dos integrantes da edição *Os melhores jovens escritores brasileiros*, da revista inglesa *Granta* (2012). Recebeu os Prêmios JQ – Wingate (Inglaterra, 2015), Transfuge (França, 2014), Jabuti (segundo lugar, 2014), Copa de Literatura Brasileira (2013), Bravo Prime (2011), Bienal de Brasília (2012) e Érico Veríssimo (2001). Seus livros foram traduzidos em 13 países e 10 idiomas.

“Morando em casa” foi publicado em *Contos de oficina 17* (1996).

Eu, você

Daniel Pellizzari*

Com um gesto estudado eu uso o cartão magnético para traçar mais uma serpente branca sobre o espelho e digo esta aqui é sua e você ri e tira os cachos oxigenados da frente dos olhos, esparramada nas almofadas de minha cama. Pergunto se você já cansou do tarô e você diz não, pode continuar, estou achando tão interessante, as cartas que você usa são diferentes das que eu conheço, e então eu pergunto quais são as que você conhece e você diz que não sabe o nome, quem tira as cartas para você é uma vizinha, e eu ligo a nota cuidadosamente enrolada que você coloca no nariz e cheira o pó de uma vez só, não sem antes me sorrir, e eu sem jeito desvio o olhar para o arcano XII, O Enforcado. Você pergunta como podem chamá-lo de enforcado se está pendurado pelos pés e eu rio e tomo um gole da vodca e quero saber se você realmente quer ouvir a explicação, e você diz não, deixa pra lá, e eu é, deixa pra lá. Você pergunta o que eu faço da vida e eu digo que atualmente nada, meu pai me deixou uma herança razoável e ultimamente só me dedico a gastá-la e você arqueia a sobrancelha esquerda e vejo uma linha se formar em sua testa, e digo que sou poeta. Uma das minhas poesias, você quer escutar e se ajoelha na minha frente, não consigo parar de olhar para suas botas e as coxas e você

pede mais uma vez quer ouvir minhas poesias e eu fico envergonhado com sua excitação, não sei se causada pela curiosidade ou pela cocaína ou pelas duas, só sei que me constrange. Você insiste e sorri e eu desligo a televisão e começo a falar a única que tenho na memória, você escuta com atenção, parece uma garotinha de cinco anos escutando um conto de fadas, termino com eu sei, sim eu sei, você dançará em minha sepultura e você diz que é triste e me diz que prefere coisas mais alegres e eu digo que isso é tudo que eu consigo fazer. Tadinho, você diz, e então não fala mais nada e eu escuto o barulho da chuva que se inicia, é tão bonito, e pergunto se você disse isso porque minhas poesias são ruins ou porque o que escrevo é triste, e você ri mas não fala nada, só passa as costas das mãos pelo nariz que começava a escorrer e depois pergunta se eu sou pisciano. Não, sou Câncer, eu digo, e você bate palmas e diz quase acertei, pelo menos é do mesmo elemento, e eu pergunto se você entende de astrologia e você diz que não muito, mas já leu um pouquinho sobre o assunto, sabe coisas como os elementos terra fogo água e ar e também como usar uma tabelinha para ver o ascendente, o meu é Sagitário, eu digo e você pergunta se eu posso esticar mais uma carreira, claro, mas quero saber seu signo, você diz Escorpião, eu sabia, eu sinto o cheiro de vocês. Qual é o cheiro de Escorpião, você quer saber e eu digo que não sei explicar, só sei sentir, e você fica me olhando esmagar as pedrinhas uma a uma, com cuidado. Enquanto você cheira com gula eu sinto outro cheiro que também é seu, mas não é de Escorpião, é tão bom, esse pó é tão bom, você diz e eu digo eu sei, olha só, é um pouco amarelado, e você morde os lábios. Tiro a carteira de cigarros do bolso da jaqueta e pego um, você também quer, então dou este e pego outro, fico procurando meu isqueiro e não

acho, você me estende o seu e ficamos emprestando fumaça ao ambiente. Eu pergunto se você é feliz e você me olha como se eu tivesse te apontado uma arma, como assim, você quer saber, e eu digo ora, só perguntei se você é feliz, e você pergunta onde tem um cinzeiro no quarto, eu aponto para o criado mudo e você coloca o cinzeiro de metal no meio da cama, ao lado do espelhinho, e diz que gostaria de ter mais dinheiro, mas que sim, se considera feliz. Eu apago o cigarro queimado até a metade e pergunto por que você se considera feliz, vejo que você não entende, eu repito a pergunta e você tira a jaqueta de couro, vejo a respiração rápida em seu peito, o coração batendo como louco, e você pergunta se eu não vou tirar a roupa de uma vez, eu digo não e você me olha de um jeito ainda mais estranho. Não pensei nisso quando trouxe você até aqui, eu digo, sabe, é que fiquei com pena de te ver plantada no meio da Getúlio Vargas, a noite está tão fria e eu vi que ia chover, você ali com essa roupa tão curta, me deu vontade de te trazer para um lugar melhor. Você dá uma gargalhada e toma um gole da vodca, eu digo de novo que fiquei com pena e você se irrita, ninguém tem que sentir porra nenhuma de pena, é minha profissão, e eu peço desculpas e você pede desculpas e passa a mão no meu rosto e pergunta mais uma vez se eu não vou tirar a roupa e eu digo de novo que não, e você diz que eu vou ter que pagar de qualquer forma, eu digo eu sei, eu sei, dinheiro não é problema, você ri e balança a cabeça, está achando que sou louco eu sei, queria ter coragem para dizer que até gostaria de tirar a roupa e te comer mas meu pau já não levanta há algum tempo, eu digo que tenho prazer só de conversar contigo, e você canta sexo verbal não faz meu estilo, palavras são erros e os erros são seus, e eu lembro que esse cara já morreu e sinto um formigamento nos olhos que

me faz cheirar a primeira carreira da noite, você pede que eu faça mais uma e fica beijando meu pescoço dizendo que quer que eu tire a roupa, que eu sou tão legal e pareço tão sozinho e que você treparia comigo até de graça, eu te empurro com força e digo mas eu tô pagando, eu tô pagando, então não toca em mim, só cala a boca e me ouve, eu só quero que você me ouça.

* **Daniel Pellizzari** nasceu em 1974, em Manaus. É escritor, tradutor e editor. Em 2001, foi um dos fundadores da editora Livros do Mal, pela qual lançou seus primeiros livros de contos. Publicou também os romances *Dedo negro com unha* (2005) e *Digam a Satã que o recado foi entendido* (2013). Em 2012, lançou em seu site, em formato e-book, a antologia *Melhor seria nunca ter existido* pela Livros do Mal 2.0. Traduziu obras de autores como William Burroughs, David Mitchell e David Foster Wallace.

“Eu, você” foi publicado em *Contos de oficina 18* (1997).

Frutificar

Monique Revillion*

*Abacateiro, acataremos teu ato
nós também somos do mato, como o pato e o leão
aguardaremos, brincaremos no regato
até que nos tragam frutos, teu amor, teu coração...
abacateiro, serás meu parceiro solitário
nesse itinerário de leveza pelo ar...*

Gilberto Gil

A saudade maior era do abacateiro de frutos gordos e da farra dos mandruvás listrados, quando a farra não era deles, a nos queimar o pescoço naqueles dias de sol e nenhuma culpa. Enquanto o motorista reclamava do trânsito parado, observava sem pressa a cidade transformada, maior, mais densa e cruel, que o progresso é um pouco disso tudo, que crescer dói e qualquer adulto conhece a dor desta metamorfose desprovida de qualquer beleza ou poesia.

Ainda procurava algum olhar de carinho nas fisionomias das calçadas, como procurar na indiferença do saguão do aeroporto, e mesmo no rosto suado do motorista distraído. Aceitou, por fim, a certeza definitiva de que era agora um desconhecido na cidade que o criara. O cinema fechado foi um sintoma de sua própria decadência, o primeiro beijo dando espaço para uma fast-emoção qualquer, descartável como todo o resto.

– Rua Santo Antônio, na altura da Avenida Maranhão, saboreou com gozo a sonoridade daquelas palavras, e completou – pela Avenida Independência, por favor.

O motorista espiou estranhando o trajeto. Mas o recém-chegado não se importava em fazer o caminho mais longo, queria tempo e a familiaridade das ruas enquanto fazia sua trajetória. Afrouxou a gravata e recostou-se no banco, olhos fixos na paisagem que passava, camadas sobrepostas de lembranças e melancolia. A escola, a padaria, o posto de gasolina e até a mercearia, reformada, ainda estavam lá, símbolos de um cotidiano distante, reconfortantes na monotonia, segurança para prever qualquer amanhã.

Nunca previra tão longe, é verdade. Naquela época o futuro era um pouco mais que o almoço de domingo. Algumas ousadias na terça-feira, casar na quarta, filhos na quinta, passeio no sábado e, no domingo, o eco de nossas certezas em gerações de cumplicidade. Do filho tinha uma foto na carteira e a última carta enviada de Londres. O curso estava ótimo, arrumara uma namorada espanhola e sentia falta do calor tropical. Mais um ano e começar a carreira, brilhante, a julgar pelas propostas que começava a receber. Avisava que a mãe estaria com ele no mês que vem, Maria Lúcia queria conhecer seu apartamento novo em Selchea, agora se recuperava de estresse na casa de amigas em Angra dos Reis. Pela primeira vez, pensou na ex-mulher sem qualquer rancor, nenhuma curiosidade, os laços foram se diluindo nos silêncios desinteressados, na falta dos carinhos mudos do dia a dia, até perceberem que nada mais os mantinha unidos.

O carro parou num sobressalto, e o motorista agradeceu com um meio sorriso a gorjeta enquanto fazia arrancar o motor barulhento. A vizinhança estava recolhida a esta hora, donas de casa nas lides do almoço, entretidas a perfumar a rua de sálvia

e hortelã. A casa sobressai no quarteirão de residências antigas mas bem cuidadas. O abandono era visível em todos os detalhes da fachada mal conservada.

Entrou sem se prender em nenhum detalhe especial das paredes descascadas, atravessando sem traumas os espaços. Alguns fantasmas lhe sorriram, mas voltaria depois para esta conversa tantas vezes adiada. A atmosfera densa e úmida criara sombras de mofo no piso de parquet geométrico, nas janelas pesadas de madeira extinta, no balcão da cozinha enferrujado. Queria chegar ao pátio e ao abacateiro, aos verdes campos de batalhas épicas, da conquista da lua e das fazendas de formigas. Duas trancas e a liberdade aspirada em profundos goles, a vertigem do sol a zunir nos ouvidos, percepção de menino retornando aos poucos.

Enfim enxergou as folhas e os frutos ainda pequenos para esta época. Sobrevivente solitário do jardim sufocado sob pedras de basalto, conservava as marcas do balanço de corda e pneu, dos pregos da escada provisória para o mirante do Capitão. Havia existido alguma felicidade, sabia que sim. Deitado sob sua sombra, nas folhas acumuladas de estações passadas, encolheu no tempo elegante, e chorou, limpando as camadas de gelo da retina. O tempo, que perseguia, tornou-se inútil, enquanto despia uma a uma as fibras remanescentes. O primeiro voo foi desajeitado e tímido, mas logo compreendeu os prazeres da leveza e do ar.

As cartas subsequentes não acharam o destinatário. Os vizinhos e a polícia encontraram a porta destrancada, a maleta fechada com dinheiro, telefone, documentos. Na agenda, terreno ocupado em minifúndios de obrigações e compromissos, no dia em que completara cinquenta e seis anos, uma única anotação:

Dia dois de outubro: visitar o abacateiro.
Este, por sinal, deu frutos excelentes naquele ano.

* **Monique Revillion**, autora de dois livros de contos: *Teresa, que esperava as uvas* (2006), vencedor do Prêmio Açorianos, e *O Deus dos insetos* (2013).

“Frutificar” foi publicado em *Contos de oficina 18* (1997).

Pequeno inventário de coisas inúteis

Letícia Wierzchowski*

Meu bem, não se assuste. Em cima da cômoda do porta-retratos onde você sorri naquela viagem que fizemos ao Chile ano passado quando éramos felizes, está a chave que lhe deixo. Meu bem, não se assuste, não morri. Parti, deixando as contas pagas, o gás desligado e todos os pertences inúteis desses anos em que sobrevivemos juntos.

Pegue a chave, meu bem, e atravesse o jardim. Ignore o cachorro, os jasmims e a raiva. Depois, destranque a despensa. O interruptor fica à esquerda da porta, regule-o para a penumbra, que as despedidas não gostam de luz. Bem à frente, meu bem, atrás do pinheiro dos natais passados, está o faqueiro que sua mãe nos deixou. Faça um jantar à nossa memória, os talheres de peixe estão sob as colheres de prata, no compartimento inferior. Agora erga o rosto: sobre a sua cabeça, no armário aéreo de fórmica, ficou escondida a minha grinalda. Terceira porta, cuidado com as baratas. Use-a, se possível, na nossa audiência final. Me faça isso, meu bem. Seja engraçado no fim.

Agora, vire seu corpo pra direita. Cuidado, não derrube a pilha de nadas, velhas cadeiras de lona, e a espada daquele bisavô que

lutou na Revolução. Aí, escondida sob um lençol, está a *Medusa* de pedra que você teimou em colocar no jardim. Lembra? Em todo caso, deixe-a coberta. Ela repousa sobre os poemas do Drummond que estão dentro da caixa pedestal dos livros nunca lidos. Que pouca cultura a nossa, meu bem... Mas, abra a caixa. Embaixo da pilha de prousts e millers, entre as páginas de um vinícius, habita sua única carta de amor. Não se envergonhe pela fraqueza das suas rimas. Já me fizeram chorar...

E música, meu bem, que na vida tudo há de ter trilha sonora. No armário às suas costas, os velhos discos ocupam a última prateleira, atrás daquela jangada horrorosa que minha mãe trouxe do Ceará. Caetano, caymmi e chico; a elis eu levei comigo, mas posso gravar pra você. Agora, meu bem, duas prateleiras acima: nesta caixa forrada de papel azul, ao lado das suas luvas de boxe, moram as fotografias do nada que a gente fez. E fique com meu vestido da primeira comunhão, num saco plástico sob aquele pulôver amarelo que sua avozinha Luiza tricotou.

Agora, meu bem, pegue uma sacola dessas que estão penduradas no gancho atrás da porta. Nela, acomode tudo com jeito. Depois, acalme as baratas e os ratos. Vá apagando com cuidado a luz, que aí dentro ainda há muito passado. Na última gaveta, antes que eu me esqueça, no canto do armário de parede inteira, fica um vidro de cianureto e, ao lado, dentro do estojo de couro, a pistola que você herdou do seu pai. Assim não diga, meu bem, que não lhe deixei escolha. Apenas, por favor, não vá se acabar no tapete persa da sala, herança dos bons tempos da minha família. Se for o caso, embaixo da pia, dentro do armarinho da cozinha, há uma toalha plástica. No mais, cuide-se, meu bem, e mande notícias. Ou não...

* **Leticia Wierzchowski** nasceu em 1972, em Porto Alegre. É autora de, entre outros, *A casa das sete mulheres* (2002), adaptado pela Rede Globo para uma minissérie, *Cristal Polônês* (2003), *Um farol no pampa* (2004), *Uma ponte para Terebin* (2006), *Desaparição* (2019) e *Todas as coisas querem ser outras coisas* (2006) – este último de literatura infantil e finalista do Prêmio Jabuti. Sua obra foi publicada em países como Espanha, Itália, Grécia e Portugal.

“Pequeno inventário de coisas inúteis” foi publicado em *Contos de oficina 20* (1998).

Memórias quebradas

Helena Terra*

No início era o nada. Ou muito pouco. Maria, diferente da Virgem e de todas as meninas de seu bairro, não desfilava virtudes, não se submetia a sonhos nem procurava por respostas. Sua existência, aprisionada em um corpo quase invisível, apenas se arrastava. Diante do eco de outras vozes, Maria nunca ouvia o ressoar interno da própria vibração. Em raras ocasiões, notava um discreto visitante em seus pensamentos, mas ela não o deixava entrar. A lei era a da eternidade e, se a prisão íntima em que vivia era imóvel, ela permaneceria fiel e vazia em seus limites, até o quebrar-se da regra. Andaria, calada, de casa para a escola e da escola para casa e obedeceria aos comandos do cotidiano sem discutir. Seria o nada ou o muito pouco estabelecidos e, de sua alma, não surgiriam mais que ínfimas projeções.

Depois, veio um impulso: o desejo de amputar suas bonecas, de separar-lhes os membros e, principalmente, as cabeças. A ideia pareceu-lhe perversa. Um desafio povoado de encantamento e prazer. E foi trancada em seu quarto, decorado feito uma caixinha de música, que Maria abriu-se para os sucessivos atos que dali para frente iria encenar. Nesse dia, cachos loiros e olhos de vidro azuis perderam-se em meio a dedos ágeis. Os movimentos foram tantos e tão eficientes que, na hora do jantar, Maria mal

comeu. Hipnotizada pela sensação e pela mecânica do trucidamento, seguiu brincando com a galinha assada servida pela mãe, desfiando a carne branca e apertando os ossos delicados.

Então, surgiu o inesperado. Maria caiu na armadilha do é preciso ser múltiplo. Convenceu-se de que para ser um, para estar inteira, teria de ter ao seu lado mais partes, talvez mais alguém. Alguém que traduzisse o que ela sentia para aquilo que ela gostaria que fosse sentido. Esquecer parte de si, abandonar os seres inanimados e sair em busca de sua sorte teriam de dominar a pauta dos delírios. Decidida, Maria deu passos em direção à nova conquista. Cortou os longos cabelos, guardou as memórias quebradas sob a cama e entregou-se a prazeres de outros gêneros: aos beijos, mãos e toques de qualquer colega. Ela, agora, confundia-se com obstinação e libido, enquanto uma fúria cortante tatuava-se no suor de sua pele e na saliva de sua boca.

Até que, de repente, apesar do ritmo e da convivência com outras criaturas, Maria viu-se, outra vez, exilada, única. Submissa ao sentido de ausência e de solidão, passou a definir seu caráter pela recusa, perdendo, em seu riso e olhos, a idade. Pela primeira vez em anos, ela solidarizava-se consigo mesma. Sem furor ou desordem, encarava o odioso fingimento que havia ocupado seu coração. Pensou em transformar-se em uma santa desesperada, em cortar a garganta e banhar-se em sangue. No entanto, as hipóteses ferozes apenas a levaram ao silêncio. Era nele que ela desataria os laços obscuros de uma lista antiga de imperfeições, e o passado, finalmente, voltaria, devolvendo Maria a Maria.

* **Helena Terra** é natural de Vacaria, Rio Grande do Sul, Brasil. É escritora, autora do romance *A condição indestrutível de ter sido*

(2013), jornalista, ilustradora e coordenadora do grupo de leitura A literatura tem nome de mulher. Em 2020 lançou, em parceria com Heitor Schmidt, a novela *Bem que eu gostaria de saber o que é o amor*. “Memórias quebradas” foi publicado em *Contos de oficina 23* (1999).

Saga

José Francisco Botelho*

O homem está sentado frente à escrivaninha, sob o bruxulear do abajur, e acaba de completar a última página. Depõe a caneta tinteiro sobre o tampo de madeira, ergue o rosto e permanece imóvel, olhos abstraídos nas estantes que forram a parede. Todavia, não pode divisar as sombrias lombadas, nem as porcelanas de silhueta lasciva; sua vista se desagrega, e todas as formas ao redor parecem diluir-se em manchas sonolentas. Já não reconhece o lugar; logo, porém, lembra-se de que ali esteve durante anos ou décadas, mergulhado num transe ininterrupto. Só agora, com o desvanecer da febre, compreende que uma vida se passou: diante dele, naquela folha de papel-creme, está demarcado o Fim. Nunca mais escreverá uma linha. Na medida em que sua visão se obscurece, ele tenta recuperar, na sincopada memória, o momento em que pressentiu, pela primeira vez, aquele velado mistério, aquela presença ou aquele frêmito, que de alguma forma o conduziu até a página derradeira.

Nos últimos anos, poucas vezes abandonou a Biblioteca. Alimentava-se parcamente, e suas horas de sono resumiam-se a intervalos afogueados, entre a composição de uma e outra estrofe. Ao redor, costumava gravitar uma sombra atenciosa e anônima, que talvez fosse sua mãe, esposa ou irmã – sempre preocupada

em trazer-lhe um bule de café e ajeitar-lhe as cobertas sobre a cama. Mas aquele pobre espectro já nada significava para ele; há muito deixara de interessar-se pelas pessoas reais, tanto a mente saturava-se de decassílabos, rapsódias e ditirambos. Houve uma época, é certo, em que chegara mesmo a sair à rua; e outra, ainda mais remota, em que caminhava diariamente entre as alamedas do liceu, escutando ao fundo o rumorejar de vozes e risadas. Seu fascínio, naqueles dias, ainda não se convertera em frenesi. Durante as horas de folga, enlevava-se entre versos dos Eddas Antigos ou da Epopeia de Gilgamesh; fazia-o, todavia, com calmo deslumbre, sem jamais prorromper na ânsia que, mais tarde, haveria de possuí-lo.

A ideia de compor seu próprio Canto havia surgido muito antes, em uma tarde da adolescência. Estava no alpendre da fazenda, e sobre seus joelhos jazia um poderoso volume, encadernado em veludo púrpura. Abriu-o ao léu e, de súbito, deparou-se com aquela frase: *...assim ardiam as incontáveis fogueiras diante de Ílion, entre os negros navios e o rio Xantos*. Seus sentidos afundaram num perplexo encantamento. Não descobrira nada de inusitado, pelo contrário, era como se encontrasse alguma coisa já conhecida, mas há muito mergulhada nas imprecisões da memória. Soube, naquele instante, qual seria seu destino. Todavia, a gênese, a vertente, o princípio, remontava a dias ainda mais obscuros.

Ele era um menino, e acompanhava o pai num passeio até o horto. Lá, haviam parado à sombra dos eucaliptos. Era muito cedo: o sol estendia manchas úmidas na grama esmaecida e, em torno às árvores, a terra fora revirada. Ele agachou-se junto a um tronco e remexeu nos torrões esfarelados. Sentindo o calor da manhã em sua nuca, levantou o rosto e teve sua primeira visão do Infinito: lá em cima, entre os galhos imóveis, a luz adensava-se no ar molhado, e um pássaro acabara de pousar.

* **José Francisco Botelho** nasceu em Bagé (RS), em 1980. É tradutor, jornalista, mestre em Letras pela UFRGS, autor do livro de contos *A árvore que falava aramaico* (2003), finalista do Prêmio Açorianos, e *Cavalos de Cronos* (2018), este vencedor do Açorianos. Ocupou-se da tradução de *Os contos da Cantuária*, de Geoffrey Chaucer, indicada ao Prêmio Jabuti.

“Saga” foi publicado em *Contos de oficina 23* (1999).

Avrívlas bolkrovötska djüd

Clarah Averbuck*

Não podia ser verdade. Não podia estar acontecendo de novo. Se olhava no espelho do banheiro, sem acreditar. Era ridículo demais. Não era o tipo de coisa que acontecia com adultos. Não, não era. Mas ele era um adulto, e estava acontecendo. Não via seu tórax. Sentia, estava tudo ali, mas não conseguia ver.

Era pequeno da primeira vez que aconteceu. Odiava fígado. Seu estômago se revoltava quando imaginava aquela carne pastosa sendo digerida. Sentia engulhos cada vez que o cheiro forte adentrava suas narinas, e mesmo assim sua mãe insistia em cozinhar aquela gororoba ao menos uma vez por semana, dizendo que era muito importante para seu crescimento. Pedro Ivo sempre dava um jeito de ludibriar a mãe, fosse sentando à frente da televisão e dando os fígados discretamente para Rufus, seu cão, fosse fingindo que se servia da odiosa carne enquanto atrolhava o prato com batatas, fosse jogando toda a golesma pela janela do apartamento. O fato é que nunca comia. Nunquinha. Até o almoço na casa da tia Paca. Um grande almoço, com todas aquelas tias e primas que ele nunca conseguiu decorar o nome; eram todas parecidas, loiras e tagarelas, e não cansavam de apertar suas bochechas e exaltar sua

capacidade de crescer mais e mais a cada ano. O que esperavam? Que ele fosse um pigmeu e permanecesse com um metro e meio pra sempre? Gente chata. E como falavam alto! E riam alto! E eram altas! Impressionante como uma família podia ser tão grande e ter tão poucos homens. Talvez por isso a mulherada gastasse seu tempo cozinhando e falando bobagem. Muita bobagem. E arrumando mesas cheias de flores e badulaques inúteis. Com um lugarzinho megaespecial para o prato principal, que era, naquele dia... fígado. Fí-ga-do. Sentiu o clássico frio na barriga quando a cobrinha de fumaça deslizou pra dentro de seu nariz. Ouviu a mãe ou a tia ou a prima ou a outra prima chamando pra almoçar. Pensou seriamente em fugir pro Alaska, correndo e gritando. Será que tinha fígado no Alaska? Fugir. Fugir! Tudo menos fígado! Como iria se livrar da geleca? Sentou-se na mesa, tentando arquitetar um plano de última hora. Se sentia minúsculo, entre todas aquelas mulheres que agora pareciam gigantescas, desconhecidas, deformadas. Estava tonto. As risadas ecoavam em sua cabeça, o cheiro ecoava em seu estômago, o cachorro latia e as flores da mesa faziam seu nariz coçar. – Querido, dê cá seu pratinho – disse tia Paca, aquela gorda que usava colares exagerados e o pior perfume do velho oeste – tia fez fígado especialmente pra você. E ele deu. Deu o prato. Com vontade de gritar que odiava fígado e as flores e a tia e as primas e que aquele perfume era nojento e que ele só queria brócolis. Mas não disse nada. Ficou quieto. E comeu. Comeu tudo, enquanto o mulherio achava uma gracinha. Se sentia vomitando pra dentro. Quis gritar, não gritou. Apenas comeu.

Quando passou pelo espelho da sala, levou um susto: seu pescoço não estava mais lá. É. Seu pescoço havia sumido. Apavorado, apalpou os ombros, a face, a nuca. Estavam lá, podia senti-los, mas não os via no espelho. Achou melhor ir brincar com seus

Comandos em Ação e esquecer. Pescoços não desaparecem, logo, devia ser defeito no espelho.

– Tudo bem, Pedro? – disse Diana, do lado de fora do banheiro. Continuava catatônico, apalpando-se e tentando entender. Na verdade, já havia entendido, só não queria aceitar. Tudo bem, até que era plausível achar que partes do corpo sumiam cada vez que não as usava como queria aos dez, onze anos. Mas agora tinha vinte e sete e essas coisas tinham parado de acontecer. Ah, tudo bem o catzo. Por causa disso, foi obrigado a frequentar aquela psicóloga múmia durante anos – o que causara grandes crises, pois, cada vez que saía do consultório convencido de que partes do corpo não sumiam e se olhava no reflexo da porta, não via a própria cabeça –, sem contar os olhares de pena dirigidos pela mãe e resto da família, como se ele fosse um manco. Anos aguentando esse inferno, pra isso? Não. Inâf. É. Na verdade, era tudo psicológico. Nada que uma aguinha gelada no rosto não resolvesse. Chuá. Aguinha gelada no rosto. Se olhou no espelho. Tudo na mesma. Pedro Ivo suspirou, deu dois tapinhas nas bochechas, tap-tap, é isso aí, e saiu do banheiro. Na sala, Diana esperava sentada na mesa, com seu melhor sorrisinho de primeiro encontro. Sobre a mesa, um prato transparente fumegava, espalhando uma nuvem de fígado pelo ar.

* **Clarah Averbuk** (Porto Alegre, 1979) é escritora e professora de Escrita. Autora de *Máquina de Pinball* (2002), *Das coisas esquecidas atrás da estante* (2003), *Vida de gato* (2004), *Nossa Senhora da Pequena Morte* (2008, em coautoria com Eva Uviedo), *Cidade grande no escuro* (2012), *Eu quero ser eu* (2014), *Toureando o diabo* (2016, em coautoria com Eva Uviedo) – alguns deles adaptados para o cinema e o teatro. Colaborou com jornais, revistas e portais, e foi uma das criadoras do site *Lugar de Mulher*.

“*Avrúlas bolkvötska djüd*” foi publicado em *Contos de oficina 24* (2000).

A simples presença

Daniel Galera*

Ele está sentado com as costas apoiadas no muro, cigarro aceso na mão esquerda, e a fumaça é a única coisa que se move na noite fria. Há uma certa tensão no céu, prenunciando a chegada do amanhecer. Ele não traga a fumaça – solta pela boca e inspira pelo nariz. Então escuta o uivo pelo qual aguardava. O cão está atrás do muro. Ainda está ali atrás.

Há dois meses foi que ele ouviu o choro do cão pela primeira vez. Caminhava bêbado pelas quadras que separam a parada de ônibus da sua casa, era uma madrugada bem assim como essa. Ele voltava de uma festa, já era inverno, o frio queimava o rosto e cada passo dado era uma luta contra o cansaço. Mesmo caminhando, tinha de repente a sensação de acordar de um sono profundo, seria possível que dormia ao caminhar? E subitamente escutou os uivos, vindos de trás do muro ao longo do qual passava. Parou. Olhou para o muro, tinha uns dois metros e meio de altura, e não havia portão ou grade nenhuma indicando uma entrada para o terreno. Estava a três quadras da sua casa. Nunca tinha reparado naquele muro ou naquele terreno. Escutou mais um uivo. Era sem dúvida um cachorro, mas aquele era um ruído anormal, carregado de uma agonia tão lancinante que ele ficou ali parado por minutos, querendo ouvir de novo. O bicho ganiu mais uma

vez. Ele decidiu olhar. Escalou com dificuldade o muro, calçando os dedos e pés nas reentrâncias, atrapalhando-se e despencando algumas vezes por causa da embriaguez. Depois de longo esforço conseguiu elevar a cabeça por cima do muro, mas logo caiu de volta ao chão. Naquele breve instante, tudo que conseguiu enxergar foi um vasto terreno baldio e, cercada de escuridão, a cauda imóvel de um grande cachorro.

Ele trabalhava como office boy num escritório imobiliário do centro. Ano que vem faria cursinho usando o dinheiro. Morava com os pais em um bairro de classe baixa da zona sul da cidade. Era feio e pobre demais para conseguir mulher, mas não para fumar maconha ou beber cachaça com os mais velhos que ocupavam os botecos úmidos da vizinhança. Voltava bêbado para casa toda noite, e toda noite detinha-se diante do muro, ansioso para escutar a presença do cachorro no outro lado. Na maioria das vezes, não escutava nada. Ficava ali sozinho, no silêncio dele mesmo e de seu cigarro, depois ia pra casa. Noutras vezes, contudo, escutava os uivos. De vez em quando, passos, um galho trincando, um som de animal vivo.

Depois da primeira tentativa, nunca mais experimentou olhar por cima do muro. Era impedido por uma espécie de medo, mas não era bem isso. Tinha um inexplicável receio do que poderia ver. A presença do cão e a de seus uivos ali no outro lado do muro fascinavam-no como uma aberração por trás de uma cortina: é difícil desferir o gesto rápido, capaz de revelar o horror que sabemos ali existir; no entanto, o gesto está o tempo todo engatilhado, e entendemos desde o início que ele é inevitável.

Pensava nisso quando andava de ônibus, quando aguardava em filas de banco. O que faz um cachorro dentro de um terreno abandonado e cercado por altos muros, sem nenhuma porta de entrada?

E hoje ele decidiu pular o muro.

Fuma um cigarro quando finalmente escuta a presença do cão: um uivo, e nada mais. Dá uma última tragada, profunda, e joga o cigarro longe. Levanta-se, a noite apenas vigiando o muro em completa quietude. Com cuidado, vai escalando a parede. Firma os dedos no topo e, numa flexão dos braços, eleva o peito acima do nível do muro, mantendo o corpo ereto com o apoio das mãos.

Vê o cachorro. É enorme, e seus olhos refletem dois círculos intensos, azul-metálicos. Está absolutamente imóvel, a uns sete ou oito metros do muro, e apenas olha. O estado de magreza do cão é aterrorizante: por baixo de sua pelagem amarelada, corroída em muitos locais pela sarna, pode-se enxergar cada osso, cada junta, cada uma das costelas pavorosamente salientes. Apesar de tal estado, o cão permanece sobre as quatro patas, vigoroso, estático. Não fosse pela respiração arqueando suas costelas e fazendo sair pelo focinho negro curtas baforadas de vapor, ele afirmaria que o cachorro está morto de fome, e apenas mantém-se em pé por causa da rigidez pós-morte.

A presença do bicho dentro de um terreno vazio e cercado já não lhe causa nenhuma estranheza. O fascínio agora é pela própria imagem do cão, gigantesco, mortificado, imóvel. O silêncio é tamanho que ele escuta a tensão de seus próprios músculos, a pressão sobre os ossos que apoia no muro, o sangue circulando, o seu e o do cachorro. Escuta o funcionamento dos dois corpos vivos.

E tudo mais sucede-se em apenas cinco ou seis segundos: a força dos braços esgota-se, já não é possível sustentar seu próprio peso acima da parede, e ele nem tem consciência de que tudo depende de como resolverá inclinar seu peso, se for para trás cairá de costas na calçada, se for para frente cairá para dentro do terreno baldio, para dentro do abismo onde o cachorro funde-se

à sua escuridão, e é sem um rastro sequer de dúvida que ele se precipita para dentro daqueles muros.

Observa o cachorro avançar em sua direção através das folhagens, cerra os punhos e já começa a chorar antes mesmo que a mandíbula se feche em sua garganta, que os dentes perfurem suas artérias e que um movimento selvagem, instintivo, quebre o seu pescoço.

* **Daniel Galera** é escritor e tradutor de língua inglesa. Começou a carreira publicando na internet na virada do milênio e foi um dos criadores da editora Livros do Mal. Publicou, entre outros livros, os romances *Mãos de Cavalo* (2006), *Barba Ensopada de Sangue* (2012, vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura) e *Meia-Noite e Vinte* (2016). Também foi um dos integrantes da edição *Os melhores jovens escritores brasileiros* da revista inglesa *Granta* (2012).

“A simples presença” foi publicado em *Contos de oficina 24* (2000).

Aquilo que se esconde por trás de olhos vazios

Gustavo Melo Czekster*

Chego em casa exausto, foi um dia cansativo na fábrica, eles aumentaram a produtividade das máquinas e ninguém nos avisou. Sentado na cadeira de balanço, papai aproveita o sol do fim de tarde, olhos translúcidos fixos no chão; seu semblante se altera de forma camaleônica, às vezes ele sorri, em outras parece irritado, e estas variações assustam as pessoas, exceto a mim, que estou acostumado com as suas esquisitices. Passo por ele, oi pai, oi filho, tudo bem, tudo ótimo, e assim acaba o nosso diálogo diário, pois sei que, quando voltar do supletivo, ele estará dormindo.

Na cozinha, preparo um pão com manteiga; não tem leite, o salário deste mês já está comprometido, só poderei comprar no outro, então bebo um copo d'água. Ao lado da bandeja de frutas (que sustenta esse nome com uma banana caturra estragada), o sapo na capa do livro de Biologia me lembra de que não estudei para a prova de hoje e estraga o meu apetite. Terminado de jantar, pego o livro e arrumo o resto do material que está na sala; papai quase me mata de susto com uma risada, mas não faço perguntas, tenho medo de ouvir as

suas respostas sem sentido. Digo tchau, fecho a porta com força, para que ele saiba que saí, e corro até a parada de ônibus.

Fui mal na prova de Biologia, vou ter sorte se atingir a média. Na aula de Física, o professor explica o Big Bang, uma repentina explosão de onde se originou o Universo; pena que isto não ocorre na minha vida, uma explosão capaz de romper a rotina e dar novo significado para os dias. Claro, o ideal seria que esta explosão usasse minissaias bem curtas ou decotes pronunciados: contudo, assim que imagino a mulher perfeita, esforço-me para apagá-la; nenhuma é tão idiota a ponto de namorar um homem que trabalha o dia inteiro, ganha uma miséria, estuda à noite e cuida do pai cego e louco. Sonhar é bom, mas a realidade ao menos não machuca. Saio do supletivo em meio à chuva, duas quadras me separam da parada: apesar de encharcado, durmo no banco de acrílico do ônibus, ouvindo os pingos cantarem junto ao vidro.

Entro em casa e, depois de me enxugar, arrumo o sofá-cama da sala. Enquanto coloco o pijama, escuto o ressonar do meu pai e fico contente em saber que ele está dormindo. Houve épocas em que isto era difícil de ocorrer, papai permanecia sentado na cama, balbuciando palavras incompreensíveis, dizendo que tinha responsabilidades que não permitiam o seu repouso; apesar de não fazer nada, ele julgava-se importante. Em muitas noites da minha infância, encostei o ouvido na porta e ouvi meu pai falando sobre Delfos, pitonisas e esfinges, ou ditando livros com voz enfadonha; também conversava com pessoas de nome estranho e, certa vez, ouvi-o dizer algumas frases espirituosas, espalhe estes mandamentos, está ouvindo, velho surdo? Bom, papai sempre foi esquisito.

A sexta não é muito diferente da quinta, mas, na aula de História, fico atraído pela ideia dos iluministas de que, logo após a criação do Universo, Deus desaparecera, consumido

pela imensidão da sua tarefa, deixando o mundo entregue à sua própria sorte. O professor possui nuances filosóficas e, tentando impressionar as coxas exibidas na frente da aula, cita a frase de um alemão que afirmou a morte de Deus, assim como culpou os homens por tal assassinato.

Na saída do supletivo, passo por uma forte crise depressiva ao ver os meus colegas com suas namoradas ou saindo para se divertir. Não posso acompanhá-los, o salário do mês está acabando como a areia em uma ampulheta: contudo, no meu íntimo, sei que, mesmo se tivesse o dinheiro, não sairia, pois meu corpo está moído depois de uma semana de trabalho ininterrupto, e o salário está ligado à minha sobrevivência e à de papai, como poderia me divertir com este peso na consciência? Volto para casa a pé, aproveitando a noite sem nuvens e a temperatura amena, a sombra de um velho grudada nos meus pés. Antes de dormir, lembro o passado e rezo: tudo o que peço é uma moça boa, responsável, que me aceite como sou e seja o anteparo para meus dias tristes, tem tantas mulheres na cidade, deve existir uma assim; só espero que os iluministas estejam errados, se não minha prece vai servir de chacota para os anjos.

No sábado, sentado na banheira enquanto esfrego as suas costas, papai diz que escutou a minha prece na noite anterior. Isto não deixa de ser engraçado, pois ouvi os seus roncos quando entrei em casa, mas devo estar confundindo os dias; ele pergunta se eu me sinto sozinho, e permaneço calado. Para meu horror, eis que nunca fez isto antes e está abrindo um precedente perigoso no nosso relacionamento, papai começa um discurso desajeitado: tudo é uma questão de paciência, a mulher certa existe e eu vou encontrá-la onde menos espero. Menciona o seu exemplo, mamãe parecia ter sido feita para ele, moldada nas nuvens por Deus, era

uma mulher perfeita, linda, maravilhosa. Encerro o papo junto com o banho e sinto-me mais deprimido que na noite anterior por remexer em feridas profundas e ouvir conselhos de um cego que nunca soube o quanto as mulheres são belas.

No meio da tarde, estudo Matemática no meu quarto quando papai começa a chorar na sala. Pergunto o que houve, e ele responde que tem medo de morrer e deixar o seu trabalho incompleto. Penso em perguntar qual é o trabalho, ele fica o dia todo sentado no escuro balbuciando, mas digo que sua morte não vai acontecer tão cedo; papai segura o meu braço com força, mas eu tenho responsabilidades! Desvencilho-me com brusquidão, então penso em uma alternativa. Ele fica quieto.

O resto do dia, assim como no domingo, conversamos por monossílabos. Papai está cada vez mais esquisito: conversa menos, passa os dias pensando, às vezes sorrindo, outras irritado, além dos inexplicáveis ataques de violência. Eu devia tê-lo internado em uma casa de repouso, mas não é legal fazer isto com o próprio pai. Tinha prometido para mamãe que ia cuidar dele. Vou até a cozinha e preparo o pão com manteiga. Quando volto, pergunto por que tanta agitação nos últimos tempos: papai responde que está preocupado com o futuro, o que aconteceria com o mundo depois que ele se fosse. Respondi o óbvio: o mundo continuaria igual para todos, só a minha vida mudaria; em um gesto brusco, ele grita que eu não sou nada, o problema é o Universo. Saio de casa batendo a porta com força, e o reboco da parede cai como uma chuva branca.

Quando chego do supletivo, papai me espera, desculpe, filho. Não estou mais irritado, só sinto cansaço e vontade de que amanheça logo para encontrar Débora na fábrica, tudo bem, pai. Ele vai para o seu quarto, tateando nas paredes. Quando deita,

me encara com os olhos vazios e diz que sou muito importante, pedindo uma descrição para que tivesse uma ideia minha. Cedo diante do seu capricho e digo que tenho olhos castanhos, cabelos loiros e compridos (porque não tinha dinheiro para cortá-lo no momento) e que sou alto: não menciono a verruga nascida no pescoço, os dentes cariados no fundo da boca, a barba sempre espetando por causa da má qualidade das lâminas. Ele toca o meu rosto, traça os contornos repetidas vezes, sem desmanchar o sorriso. De repente, deita de lado, estou satisfeito, agora sei a solução. Levanto-me e vou para o velho e bom sofá-cama sonhar com os olhos encarvoados da minha musa.

Os dias continuaram normais: aproximei-me pouco a pouco de Débora, e nosso interesse mútuo cresceu; de vez em quando, papai dava algumas dicas excelentes, como a flor preferida, o perfume, o tipo de música. Ele nunca errou os gostos de Débora, parecia conhecê-la muito bem. Minhas notas melhoraram no supletivo, o salário aumentou e estava pensando em fazer a faculdade de Direito.

Algumas semanas depois, tive um pesadelo horrível: sangue saía do meu rim; as costas ardiam em carne viva; centenas de milhares de pontos de dor sangrenta faziam a minha cabeça latejar, os olhos obscurecidos por uma névoa vermelha; do meu lado, homens gemem; vejo a multidão aos meus pés imobilizados, mamãe chorando, abraçada com Débora, e no fundo papai me contempla. Reúno as forças que me restam, alteio o peito e, quando a pergunta impregnada de horror vai sair dos lábios, acordo em um salto.

Sem saber o motivo, corro até o quarto do meu pai: ele está sentado na cama, atento como se estivesse assistindo a um filme. Por instantes, imagino olhos voltados para dentro do corpo, fitan-

do a escuridão eterna, dando-lhe forma, substância, cor, cheiro, aparência, sentimento: um homem que nunca viu pode criar o que bem quiser que passará a ser a sua verdade.

Viro as costas e estou na metade do caminho para a sala quando escuto:

– Eu não te abandonei, meu filho, sempre estarei ao teu lado.

Ele está falando com os seus demônios interiores. Volto para o sofá-cama; preciso dormir, amanhã é sábado, pretendo pedir Débora em namoro, não posso estar bocejando. Entretanto, não consigo dormir e logo descubro o motivo: a luz da rua entra pela janela aberta, deixando impressa no meu rosto a incômoda marca de uma cruz.

* **Gustavo Melo Czekster** é escritor, advogado, mestre em Letras (UFRGS) e doutor em Escrita Criativa (PUCRS). É palestrante, resenhista e ministrante de oficinas. Publicou dois livros de contos: *O homem despedaçado* (2013) e *Não há amanhã* (2017), este vencedor dos prêmios Açorianos, AGES e Minuano, tendo sido também finalista do Jabuti.

“Aquilo que se esconde por trás de olhos vazios” foi publicado em *Contos de oficina 24* (2000).

Na mosca

Laís Chaffe*

Admirando com orgulho seus sapatos, Osvaldo colocou a mão no bolso em busca da chave. Pela manhã, vestira o terno cinza-chumbo, o preferido de Rosana. Aproveitara o intervalo do almoço para comprar o sapato de couro preto, a única coisa que faltava para ele merecer o *tá um gato* que às vezes ela lhe dirigia.

A data era especial. Completava quarenta anos sem notar sinais da famosa crise etária. Ultimamente, ria das piadas mais tolas. Hoje tinha outro motivo para exibir a pequena rachadura do canino esquerdo, único detalhe a contradizer o ar inofensivo. Pela primeira vez nos três anos de casamento, Rosana fingira esquecer seu aniversário, e isso era garantia de que uma festa-surpresa o aguardava. Se fosse com Maria Rita, a primeira mulher, seria esquecimento mesmo. Mas com Rosana a história mudava.

O silêncio era total. Teriam cuidado pela janela sua chegada? Além da família e do pessoal da empresa, quem mais Rosana convidara? Será que o mala do Alemão do quinhentos e um estaria na sua festa? Não, certamente ela conseguira deixar os vizinhos de fora. Sabia que ele não gostava daquele bêbado chato. Só desconhecia o motivo principal, que não era o álcool, mas a Vanessa. Ainda bem, pois, se ficasse sabendo de seu caso com a mulher do Alemão, Rosana não entenderia que era coisa de

homem, só pra descontrair. Mulheres nunca entendem. Maria Rita era a prova maior disso.

Quando começou a destrancar a porta, a ausência total de ruídos o fez temer, só de relance, a possibilidade de não haver festa. Depois voltou a sorrir. Talvez Rosana tivesse optado por alguma coisa mais íntima, a dois. Perfeita, ela encomendara o camarão à grega do Chiwawa, o seu preferido, e já colocara o Côtes du Rhône na geladeira. À luz de velas, o CD da Billie Holiday estaria tocando *The man I love*, em sua homenagem, quando entrasse. Melhor do que uma festa para aquele bando de esfomeados.

Enquanto tentava virar a chave, ouviu passos em direção à porta. Alguém se aproximava, calçando pantufas. Festança ou jantar a dois? Sentiu alguma resistência na fechadura. Provavelmente ela tinha deixado outra chave do lado de dentro para ganhar tempo. Forçou um pouco, ouvindo então uma voz familiar:

— Quem é?

Quem teria perguntado? Talvez o Marco Aurélio, já meio alcoolizado, por sinal. Seria um festerê. Depois de quase entortar a chave e de ouvir a mesma pergunta novamente, ele conseguiu destrancar a porta e entrou.

Nem teve oportunidade de se assustar. Quando percebeu a doze de caça que o Alemão segurava à sua frente, já estava caído, o terno cinza marcado pelo chumbo.

Aquele bêbado, vestindo apenas uma saída de banho, agora se vingava. Praga da Maria Rita. *Ainda vão te colocar um chapéu de vaca maior do que o meu*. Na mosca, desgraçada.

A última imagem que viu foi a do sapato novo embebido em sangue. Se tivesse olhando para cima, perceberia o número quinientos e um no marco da porta. Um andar abaixo, Rosana e os convidados se perguntavam que barulho havia sido aquele.

* **Laís Chaffe** nasceu em Porto Alegre. É escritora, roteirista, documentarista. Publicou, entre outros, *Minicontos e muito menos* (2009), *Segue anexa minha sombra* (poemas, 2018, prêmios Livro do Ano de Poesia da AGES e da Academia Literária do RS), *com dedos e lábios roxos* (haicais, 2019). Criou o projeto Cidade Poema e a editora Casa Verde. Entre 2012 e 2014, foi diretora do IEL/RS. Está realizando um documentário com a escritora Maria Valéria Rezende e é uma das articuladoras do movimento Mulherio das Letras.

“Na mosca” foi publicado em *Contos de oficina 26* (2001).

Feliz aniversário

Carlos André Moreira*

O primeiro gosto que lhe vem à boca é de um desagradável amargo, misto de cigarro, álcool e do forte tempero da refeição de ontem. O sabor traz à memória Marina, o jantar à luz de velas preparado por ela, o sexo burocrático reservado aos dias de grandes efemérides e depois a discussão inútil em torno de uma minúcia qualquer, seguida da retirada intempestiva dela.

Levanta-se, as imagens dançando diante de seus olhos. Quando a visão entra em foco, percebe que não voltara ao quarto na noite anterior. Dormira na sala, estirado sobre o sofá com a luz acesa e a tevê ligada, sem camisa. Sente frio, tem os braços gelados e corre a enfiar um moletom velho que se ajusta mal à sua barriga proeminente. Pensa na musculação que prometeu começar e no regime austero que já deveria ter iniciado. Sempre fora magro, e mesmo agora não é corpulento. Ainda conserva as pernas finas da juventude, mas os excessos tornaram-no barrigudo, flácido, mais velho do que os 48 que completou ontem. As bochechas inchadas caem. Não fossem o bigode e o cavanhaque espesso, seria a aparência de um buldogue.

Vai à cozinha, abre a geladeira torcendo para encontrar ainda um resto de Coca-Cola. Retira a garrafa e bebe diretamente do gargalo. A bebida desce rascante, queimando o esôfago. Depois

de sacudir a cabeça para espantar o torpor, acende o fogão e põe uma chaleira a ferver.

É sábado, não precisará ir à rádio apresentar o programa. Tem pela frente a perspectiva de um fim de semana e se pega novamente confuso perante essas 48 horas livres. Há anos tem problemas com os feriados. Desde que começou a trabalhar, desenvolveu a compulsão de organizar seu dia de acordo com a rotina de seus horários na produção da emissora, e este é seu fim de semana de folga, o seguinte ao do seu aniversário, e foi pego de surpresa. Marina ter ido embora foi um problema. Teria pelo menos distração durante as horas mortas, a não ser nos insuportáveis momentos sem sexo, quando ela fala sem parar. Talvez há 20 anos tivesse vigor suficiente para mantê-la calada o dia inteiro, mas hoje os intervalos são cada vez mais longos.

Caminha até o quarto e abre o armário. Afasta os cabides e puxa um estojo grande de madeira. Dentro, está sua velha Fender, comprada de segunda mão 25 anos antes. Corre delicadamente os dedos pelas cordas, teias de aranha prestes a se romper. Levanta o instrumento pelo braço e expõe um volume enrolado em um pedaço amarelo de flanela. Toma o pacote e desembulha um revólver 38, cromado e reluzente. Abre o tambor, carrega uma por uma as seis cavidades. Sente o peso da arma, troca-a de uma para outra mão, brande-a no ar. Senta-se na cama desfeita, a guitarra no colo. Pousa a arma na colcha e começa a tocar uma de suas antigas composições. O som das cordas na guitarra desligada é seco, áspero, não lembra a histeria visceral que obtinha delas quando estava no palco. Mesmo assim continua. Interrompe um longo e abafado solo no meio, deita-se com a guitarra equilibrando-se sobre o ventre, leva o revólver à cabeça e aperta o gatilho.

Em vão. A trava de segurança impede a arma de disparar. Fica deitado olhando para o teto, respirando lentamente. Desde que completou 40 anos, repete o mesmo ritual a cada aniversário. Toca as composições que fez quando ainda pensava que podia viver da música e ameaça um disparo que não acontece. A cada ano, pensa que algo acontecerá para que não precise sentir vontade de repetir o gesto no ano seguinte, mas sempre o faz. Deixa a guitarra sobre a cama e volta à cozinha para desligar o fogão. Enquanto prepara o café, pergunta a si mesmo se terá ânimo para chegar aos 50 sem destravar o gatilho.

* **Carlos André Moreira** é jornalista, tradutor, editor e escritor. Recebeu o Prêmio Açorianos, Destaque em Mídia Digital com o Blog Mundo Livro, em 2009, entre outros. Publicou contos em diversas antologias e revistas literárias. É coautor de *História dos Grenais* (2009) e autor do romance *Tudo o que fizemos* (2009).

“Feliz aniversário” foi publicado em *Contos de oficina 28* (2002).

Consciência limpa

Cíntia Lacroix*

São bem uns duzentos quilos, mas ela está conseguindo. Só faltam poucos centímetros e então Elaine terá deslocado a geladeira do nicho que lhe cabe na cozinha modulada. Faz mais de vinte minutos que está absorvida por essa tarefa. A boca sem lábios, as narinas infladas, o olhar nublado pela catarata da determinação, tudo no seu rosto trai uma gana atávica, sob medida para um embate medieval. Se ela se visse agora num espelho, talvez não se visse. Entre um gemido e outro, amaldiçoa os fabricantes, por não acoplarem rodinhas na base da geladeira. Mas agora falta pouco.

Da sala, vem a voz monocórdica do telejornal. Centenas de mortos na ilha do Caribe, arrasada por um espantoso tufão. Prédios, pontes e carros voando, leves como a poeira; a lei da gravidade desrespeitada, impunemente. E o mar, encorajado pelo clima de vale-tudo, expandindo seus limites, retomando terras que um dia lhe pertenceram. O marido chama Elaine para ver aquilo, mas ela está surda de entusiasmo: a geladeira, afinal, não está mais onde deveria estar.

Elaine então olha para o que a geladeira acobertava, e bastam alguns segundos para que todos os seus músculos se retesem, forçando-a à posição de um perdigueiro no seu melhor momento:

– Eu sabia! – diz ela em tom baixo, quase sem mover os lábios, deixando que a frase se prolongue sem som, apenas à custa do calor que lhe emana da boca entreaberta.

A sujeira está ali, grassando despudorada pelo chão, pelas paredes, mostrando sua predileção pelos rejuntas dos azulejos e pelos pontos de encontro entre o vertical e o horizontal, versátil, ora exibindo-se na feição gosma, ora na feição pó, às vezes esverdeada, às vezes marrom, e de vez em quando – Deus! – quase em movimento. O estômago de Elaine dá uma cambalhota, mas ela logo se refaz, limpando com as costas da mão o frio repentino que lhe veio à testa. Não era hora de fraquejar.

O marido insiste:

– Você viu isso, amor? Pobre dessa gente!

Ele aumenta o volume. Uma sobrevivente chorosa está sendo entrevistada. Ela perdeu a casa e os quatro filhos, mas o arrastão poupou-lhe intacto o escapulário, que só arrebentou quando ela tentou usá-lo para enforçar-se: “Es la ira de Dios!”, grita a mulher, os olhos a ponto de explodirem. Segue-se a imagem de um homem correndo desnordeado pelos escombros, as mãos segurando firme a cabeça, garantindo que ao menos ela não se vá. E depois a cena de uma menina sentada no chão, compactando, com cuidadosas mãozinhas em concha, um montículo de terra e pedras.

Mas Elaine ainda não pode ouvir; agora é a fúria que a ensurdece. Com o canto do olho, ela revista o pelotão que espera pelas suas ordens: balde, rodo, água sanitária, aspirador de pó, esponja, saponáceo, e até – graças à generosidade da vizinha – um vaporeto de última geração. Sem baixar a guarda, ela calça as luvas de silicone e respira fundo. Cada molécula de oxigênio que entra nos seus pulmões pressente o que está por vir. Sempre vigiando as crostas de sujeira, Elaine, em câmara lenta, estica um braço e

agarra a alça do balde, estica outro e empunha o rodo, e é nessa situação que o marido, aparecendo de repente na soleira da porta, surpreende a belicosa Elaine:

– Meu anjo, mas pra que tudo isso?

Ela se limita a apontar o indicador de silicone, trêmulo, para o lugar onde antes estava a geladeira.

Ele olha e, estupefato, abre uma boca oval. Quando se recupera da mudez, tem de concordar com a mulher: a doméstica era mesmo uma porca. Nem era bom pensar há quanto tempo aquela nojeira toda estava ali, refestelada. Elaine, porém, não quer do marido mais que solidariedade; pode muito bem dar conta de tudo sem a ajuda dele.

Protestando, o marido volta à sala, e só então lembra da razão que o levou até a cozinha:

– Eu só queria que você visse uma coisa aqui na TV. É uma tragédia horrorosa! O mundo está de pernas pro ar!

Antes que ele tenha acabado de falar, Elaine já despejou o balde sobre a imundície. Investe agora com o rodo, combinando-o com esguichos de saponáceo, e logo puxará o gatilho do vaporeto. A sujeira, afogando-se na limpeza, envenenando-se na higiene, vai sendo aos poucos dizimada. No canto da cozinha, o ralo acolhe estarecidos microcadáveres.

Uma hora mais tarde, com os cabelos desordenados e o ciático ameaçando entrar em crise, Elaine deixa a cozinha e aparece na sala. O marido ainda está sentado defronte à televisão; assiste agora a uma partida de tênis. Ela se acomoda junto dele, exausta, mas não tanto que não possa perceber, no abraço carinhoso que a envolve, toda a admiração de que sabe ser merecedora.

* **Cíntia Lacroix** nasceu em Porto Alegre, em 1969. Seu primeiro romance, *Sanga Menor* (2009) foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura 2010 como Melhor Livro do Ano de Autor Estreante. Em 2014, lançou *Tarantata*, sua segunda narrativa longa.

“Consciência limpa” foi publicado em *Contos de oficina 28* (2002).

Um anfíbio na sala

Carol Bensimon*

Foi na visão e no saber da presença do anfíbio que tudo se alterou. Antes era uma cena quase congelada, somente interrompida pelo movimento da piscina em contato com a perna de Letícia, os círculos que vão aumentando e empurrando as folhas secas para os cantinhos, ou o subir e descer do braço de Lucas para levar a cerveja meio morna à boca ou colocá-la sobre a mesa. Marcos, largado no chão, as costas no muro, queria comentar sobre um cheiro que sentia, que acompanhava o vento, acreditava ele, cheiro de verão, não sabia se de plantas, se de churrasco – tinha sobrado um pedaço de costela na churrasqueira – ou se era só cheiro do ar de dezembro que vinha chegando. Não comentou. Só olhou para o lado, começou a abrir a boca, mas achou que não valia o esforço. Ninguém estava preocupado com sua percepção a respeito de cheiros.

O calor talvez fosse o causador da situação quase congelada. Ou quem sabe o livro do Caio que Letícia leu na banheira mais cedo, pés murchos, “só mais esse conto” e assim até o fim, talvez o bilhete azul que Lucas recebeu na empresa, mistura de auto-estima caindo com sonhos antigos subindo, ser pintor, talvez. Podia ser o Marcos também, lembrando as namoradinhas da adolescência, os gostos, os cheiros e todas as demais sensações.

E quando a Dona Heloisa entrou em cena, se movendo mais que todas as outras partes, mas também de certa forma adequando-se ao ritmo – as Havaianas arrastando no chão, mão carregada de roupas – nada se alterou, até mesmo quando houve uma falha de cálculo na distância entre a boca de Lucas e a mesa, quase provocando um acidente com cacos de vidro e cerveja derramada, o que obrigaria alguém a pegar um pano, procurar um cesto de lixo, uma vassoura, enfim, algo que deveria ser evitado dentro daquelas circunstâncias.

Dona Heloisa fez sua caminhada até o tanque, largou as roupas de qualquer jeito e iniciou o caminho de volta, circundada pelo mesmo cenário. Mas o grito que deu a seguir, já na sala, pôs todos em estado de alerta. E a visão daquela pessoinha se aproximando ofegante e trocando as pernas, quebrando o quase congelamento do cenário, foi suficiente para que todos parassem suas respectivas atividades. E ela disse, entre dedos apontando e mãos na boca de pavor, que havia algo na sala que todos precisavam ver, pavoroso, bem que o falecido marido – e, na menção dele, fez o sinal da cruz – tinha avisado que uma casa naquela parte da cidade podia ter desses incômodos. E Letícia tentou acalmar a mãe, vem, mãe, vem pra longe que os guris cuidam disso, mas Dona Heloisa não queria passar por medrosa e disse que iriam todos. Então foram. E lá estava, postada na parede, um pouco abaixo da reprodução de Van Gogh e um pouco acima da sobra da salada, aquele anfíbio com os olhinhos pretinhos, tranquilo, mexendo com ritmo a pele viscosa. Marcos riu sem explicação aparente, disse que se lembrava do tempo de escoteiro, um bicho desses, inofensivo, calma, Letícia, e deu uma leve esfregadinha em seu ombro, porque já se via o terror nos olhos dela. Então todos ficaram olhando o bichinho. Sapo não era, porque sapo é

mais gordo, disse Lucas. Ficaram entre rã e perereca. Qual era a diferença? Enfim, fosse o que fosse, parado não dava pra ficar, olhando o bicho feito museu de história natural e, pior, sem vidro e, pior, bicho não empalhado, então alguém gritou que teve uma ideia, pegar um saco plástico, capturar o anfíbio e jogar no terreno baldio ao lado. Mas ninguém quis se responsabilizar pelo ato. Nem mesmo o ex-escoteiro, que achava crueldade, pobrezinho, não se sabe se não vai estressar o animal para o resto da vida. E Dona Helena então fez alguma gozação com a sexualidade do menino, que o deixou de cara amarrada e o fez optar pela não colaboração a qualquer tentativa de tirar o bicho dali. E com a dificuldade das negociações, Letícia só piorava e se queixava da falta de diplomacia da mãe – Letícia era libriana, ascendente em virgem – e nesse estado de histeria não faltaram menções à má criação que havia recebido e aos talvez ou não muito reais motivos do infarto de Seu Luís, alguma coisa misturando adultério e um pouco de falta de cuidados com sua saúde. E, quando Lucas achou que a coisa toda estava muito estressante, não tanto para o bichinho, mas para ele próprio, disse que ia até os fundos beber sua cerveja. E todos sabiam que aquele era um momento de união, momento do grupo, de pensar junto, sem espaço para egos inflados e individualismos, e Letícia gritou vem aqui, filho da puta, vem e pega esse saco e enfia essa rã dentro, e Lucas, vermelho, alterado, mandou ela enfiar a rã naquele lugar. E Letícia, que antes de Caio tinha lido Anaís Nin, achou o comentário uma prova incontestável de machismo, saiu da minha casa, e Dona Heloísa beliscou a filha, te acalma, guria, e pega lá o saco e vamos todo mundo manter a ordem, por favor, vocês se conhecem desde o tempo da escola, e todo mundo é amigo de todo mundo, então que fique assim e pronto.

Letícia trouxe o saco, Marcos decidiu assumir o cavalheirismo e se meteu a pegar a rã, que deu uns pulinhos pela sala, acompanhados dos berros das duas mulheres, para depois finalmente ser capturada. Todos foram até o jardim, como uma espécie de procissão, Lucas se juntando ao grupo, e jogaram o saco para o terreno ao lado, aberto para que a rã conseguisse se libertar e tudo ficasse dentro do limite do politicamente correto. Vibraram no instante em que sentiram o saco tocar o chão. Esboços de sorrisos se formaram, depois desapareceram, em Dona Heloísa porque disse ter a novela para assistir, em Lucas porque algo o fazia voltar até a cerveja, em Letícia porque precisava pensar um pouco mais nos contos de Caio, com a perninha esquerda mergulhada na piscina, e em Marcos porque aquele cheiro, esse cheiro de verão ainda não fazia muito sentido.

* **Carol Bensimon** nasceu em Porto Alegre, em 1982. É mestre em Escrita Criativa pela PUCRS e uma das integrantes da edição *Os melhores jovens escritores brasileiros* da revista inglesa *Granta* (2012). Publicou, entre outros, *Sínuca embaixo d'água* (2009), finalista do Jabuti e do Prêmio São Paulo de Literatura, *Todos nós adorávamos caubóis* (2013) e *O Clube dos Jardineiros de Fumaça* (2017), vencedor do Jabuti e finalista do Prêmio São Paulo. Seus livros foram traduzidos nos Estados Unidos, na Espanha e na Argentina. “Um anfíbio na sala” foi publicado em *Contos de oficina* 32 (2004).

Greco e Helena: trigésima nona parte

Paulo Scott*

A claridade ainda levará horas deslizando pelos troncos dos coqueiros, e desse calor das duas e meia nada restará quando o frio despencar traiçoeiro logo depois das quatro.

Do lado sul da Osvaldo Aranha, bate o sol, e os dois caminham sem pressa na direção do centro da cidade. Helena segura a bengala desdobrável de alumínio azul, a uma distância de vinte centímetros do umbigo e a movimenta lateralmente, em aberturas curtas, fazendo a ponteira bater no areão. Os tapa-olhos, formato Ray-Ban, colados ao rosto, dão-lhe um aspecto fantasmagórico – Trinta dias é muito... Tu sequer consultou um médico... um especialista – Greco diz.

Helena não responde de imediato. Há dias vem usando os tapa-olhos, idealizou-os como parte do treinamento para o pequeno espetáculo solo que executará na visita do embaixador da Espanha à cidade, no início da primavera.

– Pela última vez... se terei de dançar como uma cega, tenho de saber como é não enxergar. Quantas vezes vou ter de explicar?

As buzinas dos automóveis, os pássaros, as risadas, as correias das bicicletas, o ofegar dos que passam se exercitando, o cheiro

da pipoca doce, o odor incômodo da poluição. Helena pergunta tudo. Greco ao seu lado, atento, impedindo-a de esbarrar num banco, numa pedra.

Helena brinca, lambendo o ar, diz que assim consegue os melhores cheiros.

– Cobras fazem isso – Greco provoca.

– Sinto cheiro forte de baunilha – Helena diz.

Greco não responde.

– Devem ser biscoitos – Helena prossegue.

– Não são não – Greco responde, enquanto observa o movimento dos lábios dela.

– Hoje é...

– Hoje é o décimo dia – Greco adianta. – Não sei até onde tu irá com essa loucura.

– Sou uma mulher lúcida, segura de si, lembra?

Os dois estão em frente ao Instituto de Educação, a bengala vai dum lado pro outro.

Na esquina do Museu da Universidade Federal, Helena para.

– Tu não me avisou – dobra a bengala, fica segurando-a na mão direita.

– Não há perigo, o sinal está fechado... tu mesma pediu que eu interviesse só em caso de perigo.

– Mas esta esquina é perigosa. – Helena larga os gomos da bengala, e ela se arma sozinha no ar.

Um grupo de nove meninos de rua se aproxima, do outro lado da Avenida, todos na faixa de treze, catorze. Alguns cheiram loló, ou algo parecido. Os três à frente, com porretes de madeira nas mãos, parecem agressivos.

– Esses latidos... de que raça é o cachorro? – Helena pergunta.

– Acho que é um setter irlandês, está no banco de trás dum Corsa dourado, com pescoço pra fora, parece feliz. A dona deve ser a peruinha que está na direção, rindo toda assanhada pro japonês no banco do carona. Os dois estão usando óculos de lentes grossas e roupinhas modernas, sabem que o cachorro está chamando atenção.

– Gostei do latido... – Helena se interrompe. – O que foi esse barulho?

Um dos meninos veio por trás do Corsa e deu uma porretada certeira na cabeça do animal, tão violenta que o impediu de emitir qualquer som. O grupo cercou o automóvel, o sinal abriu, a motorista arrancou assustada, um deles ainda chutou a porta do carona, o japonês se encolheu todo.

– Fica quieta. – Greco segura forte o braço de Helena.

Os meninos passam por eles, Greco encara com respeito o que está com o porrete maior nas mãos. Um que está usando uma saia rosa sobre a calça de abrigo azul se aproxima de Helena e lhe beija o rosto.

– Que é isso? – Ela o empurra.

Greco segura o seu braço ainda com mais força, até o grupo se distanciar

– O que foi isso? – Helena pergunta.

– Nada. Só alguém que passou e simpatizou contigo... Vamos sentar um pouco ali no Museu. – Sem largar seu braço, Greco a conduz através da via.

*

O museu está fechado. Os dois estão sentados num dos assentos em frente à entrada principal, Helena fala sem parar, teoriza sobre a praticidade do sorobã, sobre o novo trabalho, diz que até

o fim do ano angariará recursos para apresentá-lo em Berlim, no palco da universidade na qual se doutorou... nas praças. Greco apenas escuta.

– A propósito, como vai tua faculdade? – Helena pergunta.

– Estou pensando em trancar.

– Não acredito, vai cair na velha inércia de sempre.

– Estou cansado. – Greco não tira os olhos da boca de Helena.

Helena levanta.

– Tu tem medo da vida... Isso, eu não suporto. – Deixa a bengala se armar, sai caminhando na direção errada, esquecendo o celular sobre o banco.

Greco pega o celular, levanta, vai até o telefone público ao lado do museu, liga a cobrar para o número dela, atende, deixa o telefone público fora do gancho, põe o celular aberto dentro do bolso.

Helena grita de longe.

– Não estou me encontrando...

Greco se lembra da cena do menino batendo com o porrete na cabeça do animal, vai em direção à Helena, demora a avisá-la que a saída do Campus é para o lado oposto.

*

Ao se atirar sobre a cama, Greco percebe o celular de Helena aberto em seu bolso, levanta, sobe as escadas para devolvê-lo. A porta do apartamento está apenas encostada, Greco entra sem fazer barulho. As janelas estão fechadas, não há luz acesa. Prossegue com cautela. Helena conversa e ri no seu quarto. Greco fica parado, escutando, não chega a ter certeza (o quarto está completamente escuro), mas é isso mesmo, Helena brinca de boneca, conversa com elas, trata-as bem, diz frases carinhosas que jamais disse a Greco.

Ele tira o celular do bolso, encosta-se junto ao marco da porta, fica escutando. Helena conta a uma boneca, que chama de Sabrina, como fazer para lidar com garotos rebeldes. Greco deixa as costas deslizarem até sentar-se ao chão. Helena prossegue. Agora, está a discorrer sobre o verdadeiro amor, sua voz sai baixinho, num timbre que Greco também nunca escutou. Helena ri com candura. Greco desiste de enxergá-la, é melhor assim... encosta a cabeça no marco da porta. Já um pouco sonolento, deixa o sono vir.

* **Paulo Scott** nasceu em 1966, em Porto Alegre. Escritor e professor universitário, publicou, entre outros, *O ano em que vivi de literatura* (2015, vencedor do Prêmio Açorianos), *Habitante irreal* (2011, vencedor do Prêmio Machado de Assis da Fundação Biblioteca Nacional) e *Mesmo sem dinheiro comprei um esqueite novo* (2014, vencedor do Prêmio APCA). Foi também finalista de Prêmios como o Casa da América (Portugal), o Jabuti e o Prêmio São Paulo de Literatura. “Greco e Helena: trigésima nona parte” foi publicado em *Contos de oficina 32* (2004).

Reencontro

Cris Lisbôa*

Freia com violência o carro. Não escuta o ódio dos outros motoristas porque o corpo todo olha para acreditar. Entre os canteiros de maria-sem-vergonha, reconhece Letícia e sua sombrinha usada em dias de muito sol.

A mesma Letícia que bordava o enxoval em ponto cruz. Que escrevia cartas com juras de felicidade, poemas dedicados e pedidos de corte de seda. Que enjoava com cheiro de leite e não conhecia nada além do portão caído de azul da Chácara São Jorge.

Na manhã clarinha nascida para o casamento, a mãe de Letícia avisou. A filha teve febre alta, delírios. As mulheres correram com bacias e panos quentes. Antes de entrar já choravam. Letícia morreu no sono, sorrindo. Vestida de noiva e adornada com as flores dos arranjos de mesa da festa, Letícia foi velada sem choro. Iria virar santa, o povo tinha certeza.

Passados cinco anos, Letícia faz milagres e seu túmulo tem vigílias e procissões. Rubens, o então noivo, já não odeia Deus. Está na cidade para comprar alianças. Enxerga Letícia e sem uma palavra entende tudo. A atropela sem dor na consciência. Ninguém morre duas vezes.

* **Cris Lisbôa** lançou livros no Brasil e em Portugal. *Deles e quase o resto* (2004), *Papel Manteiga* (2006, que está sendo roteirizado para o cinema), *Sylvia não sabe dançar* (2008), *Duas pessoas são muitas coisas* (2011), *Tem um coração que faz barulho de água* (2018), *Nunca fui a garota papo-firme que o Roberto falou* (2019). “Reencontro” foi publicado em *Contos de oficina 33* (2004).

Arabesco

Robertson Frizero*

Minhas lembranças confundem-se em uma infinidade de combinações. Mas nenhuma delas é capaz de mudar o destino – tenho poucas certezas em mim além desta. Sobre aqueles dias, sei apenas que Seu Samir e sua loja de fazendas sempre existiram, ao menos em minhas memórias de criança, mesmo antes da tarde sangrenta. Na primeira vez que fui àquela loja grande e mal iluminada, acompanhava minha mãe em suas compras de tecido e aviamentos para nossos uniformes escolares. Seu Samir era sempre solícito com as freguesas, foi um dos primeiros comerciantes a instituir no bairro uma caderneta para as senhoras comprarem suas mercadorias com a condição de pagamento em módicas parcelas mensais, por preços um pouco maiores que os indicados nas peças. Recordo-me também de seus três filhos, que lhe ajudavam na loja de sol a sol, sobretudo do Khaled, o caçula, com quem fiz uma amizade eterna que não sobreviveu à tragédia. Minhas irmãs eram amigas de Samira, a quem o negociante parecia devotar um amor incondicional; ela adorava minhas irmãs, que sempre lhe ensinaram muitas coisas de nossa terra, e creio que por isso Seu Samir fazia muito gosto em atender minha mãe com especial solicitude e antes das demais compradoras.

Bashir foi o primeiro a maldizer a chegada do tio Yaman. Eu e Khaled brincávamos com minhas bolinhas de gude no depó-

sito e ouvimos quando o filho mais velho de Seu Samir deu um murro no balcão e começou a discutir com o pai naquela língua estranha dos dois. Khaled contou-me que falavam de um irmão do Seu Samir que vinha ajudar nos negócios, mas não quis me dizer a razão do choro de Samira, que se protegia da discussão atrás da caixa registradora, ou da voz alterada de Bashir, a quem caberia buscar, semanas depois, o tio e sua família na estação ferroviária.

Vi o rosto de Amal assim que ela desceu da camioneta de Seu Samir. Era pequena, frágil e caminhava com dificuldade. Bashir carregava as malas para a edícula nos fundos da loja, onde o tio Yaman, a esposa e as meninas iriam residir nos primeiros tempos. Eram quatro moças, Amal era a menor delas. Com a chegada da nova família, eu e Khaled perdemos o depósito e Samira ganhou as primas para disputar a atenção da vizinhança. A loja de Seu Samir passou a receber uma freguesia inesperada tão logo a notícia correu mundo, e o dono sorria feliz com o desfile de rapazes que iam até lá para comprar nem que fosse um único par de meias; o estoque de suspensórios esgotou-se na segunda semana e não raro Seu Samir tinha que ir à porta do estabelecimento pedir que a gurizada desimpedisse a entrada. As jovens sobrinhas de Seu Samir, que não falavam o português, sorriam do olhar de cobiça dos homens, cochichavam e cobriam o rosto com as mãos – menos Amal. Seus olhos estavam sempre voltados para Yaman, que a mantinha no depósito, escondida dos olhares dos fregueses. Enquanto disputava com Khaled nossas batalhas sangrentas com meus soldadinhos de chumbo, eu observava a menina sentada entre as tesouras e os carretéis de linha, imóvel como uma estátua de sal. Eu pensava sempre numa forma de enredar sua tristeza em meus braços franzinos de moleque.

Khaled não falava com Amal, o pai proibira-o. Bashir chamava-a de *desaventurada* na língua deles, mas também não lhe dirigia a palavra. Samira disse uma vez, para minhas irmãs, que era melhor que não mencionassem a menina para ninguém mais do bairro. As filhas de Yaman evitavam-na, e ele tratava-a com voz ríspida e gestos largos. Mas Amal, mais que Khaled, era a razão maior de minha presença na loja de aviamentos. Por ela, roubei da penteadeira de minha irmã mais velha um anel de fantasia, que joguei no depósito junto com um desenho de flores e um coração vermelho – mas Amal deixou anel e bilhete no chão, sem tocá-los. Uma laranja que rolei para ela fez com que nossos olhares se cruzassem pela primeira vez. Ela devorou a fruta com vontade, e pude então ver a cicatriz mal curada que tinha em seu braço esquerdo. Seus olhos embaçados olharam-me sem encanto algum. Apaixonei-me por completo.

Yaman espantou boa parte das mulheres do bairro, que deixaram de ir ao Seu Samir depois das primeiras grosserias do irmão. Ele insistia em lhes falar em sua áspera língua natal, era rude e cheirava a tabaco. Mirava as freguesas incisivamente nos olhos e algumas senhoras proibiram suas filhas de comprar no Seu Samir. As meninas de Yaman eram educadas, aprenderam os nossos modos e vendiam bem, mas de pouco lhes adiantou o esforço depois que o pai expulsou a socos um rapaz que ofereceu um bilhete elegante à mais velha. Seu Samir aguentava tudo aquilo sem reclamar, e só deu ouvidos às reclamações de Bashir quando o irmão espancou Amal diante da freguesia, na calçada em frente à loja. Por culpa minha.

Foi uma maçã, vermelha e succulenta. Minha mãe comprou meia dúzia delas, uma para cada um de nós. Guardei a minha ainda enrolada no papel e fui correndo levá-la para Amal. Enquanto

Khaled tentava montar o meu quebra-cabeças novo, deslizei a fruta para dentro do depósito. Amal tentou sorrir e mordeu a maçã, feliz. Yaman olhava-nos a distância, sem eu saber, e arrastou a menina pelo braço ferido até a rua, esmurrando-a sem piedade, aos olhos de todos. Um homem tentou impedir a covardia e Yaman derrubou-o com um pontapé. A polícia foi chamada, Seu Samir fechou as portas da loja e eu fui proibido pela minha mãe de brincar com Khaled.

No dia seguinte, Yaman já não atendia os fregueses, minhas irmãs contaram-me em segredo. Ele ficava na edícula o dia inteiro, enquanto sua esposa, que nunca aparecera em público, tomou o seu lugar no balcão. Perguntei sobre Amal e minhas irmãs disseram que não mais ficava no depósito. Samira contou-lhes que o tio gostava de ter a menina por perto e que por vezes Khaled e ela ouviam Amal chorando nomes feios para ele, enquanto Yaman gemia e gargalhava. Contaram ao pai e Seu Samir proibiu-os de ir para o pátio nos fundos da loja.

Antes da tragédia, eu tentei ver Amal diversas vezes, escondido do outro lado da rua, subindo o muro da esquina, trocando bilhetes com Khaled durante as aulas. Mas só na tarde sangrenta eu consegui ver uma vez mais seu rosto triste e inesquecível. A esposa de Yaman gritava seu desespero com a pequena Amal presa em sua mão pesada, o vestido ensanguentado. Populares reuniram-se em frente à loja, sem que ninguém tivesse coragem de intervir. Quando os policiais chegaram para acudir a menina, a mulher agrediu-os, transtornada. Amal ainda tinha o rosto em choque, a mão trêmula agarrando com força uma tesoura da loja.

A loja fechou-se em silêncio, mais que luto. Em pouco tempo, a vida de outras pessoas passou a ter mais importância que o sangue nas mãos de Amal. Samir e sua família não saíram mais de casa

e o assunto apagou-se nas bocas dos escandalosos. Só eu parecia importar-me com a tesoura, o sangue, a mão trêmula. Mas nada fiz.

Na semana seguinte, quando Samira veio se despedir de minhas irmãs em segredo, soubemos que o tio Yaman tinha morrido nas mãos daquela mesma menina que ele comprara como escrava para servi-lo e respeitá-lo em suas mais torpes vontades de homem. Morri um pouco também naquele dia. E essas lembranças confusas fizeram de Amal essa sombra infeliz a acovardar-me as paixões.

* **Robertson Frizero** é escritor e tradutor, mestre em Letras pela PUCRS. Estreou com *Por que o Elvis não latiu?* (2010), livro infantil agraciado com o Prêmio Crescer e finalista do Prêmio Açorianos. Seu primeiro romance, *Longe das Aldeias* (2015), foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura e do Prêmio Açorianos, bem como eleito a melhor narrativa longa do ano pela AGES. Ministra cursos livres de Criação Literária.

“Arabesco” foi publicado na antologia *Pedra, papel, tesoura – Contos de oficina 38* (2008).

Piloto

Ana Santos*

Dos parentes da velha, Piloto restava, irmão — era negro e redondo, prenhe de papas. Tinha vermes. Aos pés da dona, lambia-lhe as unhas amiúde. Beijar-lhe-ia os lábios, fosse bípede.

Era insone, essa velha. Não cansava. A hora lhe era gorda como o cão. Acendia o fogo à sétima. Bebia chá, ruidosa — e Piloto escutava.

Partiram os filhos — para o sul e para o norte, de acordo com a espécie. O cão e a velha esqueceram. Se frio, porém, pensavam num, que gostava de sopa, noutra, que roía ossos.

No escuro, em vigília, a velha tinha um sonho: visita de ladrão. Pega, Piloto! Ele buscava cheiro humano, com alarde. Um derubar de moedas. Uma sombra. Mas devolvia à velha os olhos e eram quatro, abertos para o teto.

A velha era pesada; ela e Piloto, duas manchas pretas. Tinham o coração rosado e fraco. Perdiam o pelo. Faltavam-lhes dentes — mas havia pouco o que morder.

O bicho era certeza arfante — para que a velha cortasse batatas, lavasse anáguas rotas com sabão. Latia grave se lhe tocava a testa uma bolha, de manhã. A velha o sabia sem esforço: seu vulto adiposo e eterno.

Num domingo sem bolhas, a velha viu Piloto. Ela cansara, o fogo aceso, antes do apito. Viu-o. Descobriu-lhe a cara gêmea: amou-a por um silvo, longo. A casa repleta de vapores.

Fora pego, o cão: pairou sobre ele a chaleira, nuvem de ferro, e a velha fez-lhe chuva sobre a cabeça morosa.

* **Ana Santos** nasceu em 1984, em Porto Alegre. É doutoranda em Estudos de Literatura pela UFRGS. Foi contemplada com a Bolsa Funarte de Estímulo à Criação Artística para escrever o livro de contos *O que faltava ao peixe* (2011). Estreou na poesia com *Móbile* (2017), finalista do Prêmio Açorianos. *Fabulário* (2019), outro livro de poemas, venceu o Prêmio Governo de Minas Gerais 2017.

“Piloto” foi publicado em *desAmordaçados (antologia de contos)* (2009).

Sobre robôs

Gabriela Silva*

Para Elisa...

H4c98 trabalhava na Assistência Técnica da Cybertech, foi criado para isso, para atender outros robôs. A assistência técnica funcionava da seguinte maneira: o robô ligava e falava sobre seu problema, ele mesmo tinha de resolver-se com os fabricantes, sem donos, sem compradores reclamando dos produtos. H4c98 trabalhava no setor N.U.L.O., onde era feita a triagem dos robôs para as respectivas linhas.

Uma tarde, ele atende Yzz5, uma robô que havia sido jogada do segundo andar pelas crianças da família, ela lhe conta tudo e ele a encaminha para o setor que deverá cuidar dos seus autorreparos.

Na semana seguinte, Yzz5 liga novamente, pois as crianças haviam mexido no seu sensor de direção, ela lhe conta que está acostumada com as brincadeiras das crianças, mas que seu sistema está pedindo socorro.

H4c98 volta para casa naquela noite com o som da voz de Yzz5, começa a rever em seu sistema algum tipo de ajuda que possa oferecer à robô. São 3:15 da manhã e H4c98 não consegue desligar-se para repor a bateria.

Na manhã seguinte, Yzz5 liga pedindo parafusos extras, pois as crianças haviam separado suas pernas do corpo. Dessa vez H4c98 pergunta: e você está bem? Assustada, ela responde: Não tem? Há algum tipo de parafuso parecido, então? Mudo, ele transfere a ligação.

Yzz5 procura em seu sistema lembranças de algum robô lhe perguntando se ela está bem. Ela passa, na verdade, o dia todo procurando em seu sistema explicações sobre a interferência de H4c98 em sua memória ativa.

H4c98 volta para casa, recarrega a sua bateria e na manhã seguinte espera que Yzz5 ligue. Ela não liga. Yzz5 está em casa arrumando as estantes de livros porque as crianças estão de férias. Ela não tem motivos para ligar para H4c98.

No dia seguinte, Yzz5 liga para a assistência e pergunta para H4c98 se ele pode ajudá-la: ela não para de procurá-lo em seu sistema de dados. Ele responde que não, mas que também procura muito em sua memória seletiva algo sobre ela.

No fim da semana, H4c98 é encaminhado para a assistência interna: detectaram-se sentimentos entre ele e uma cliente. Falha em dois sistemas ao mesmo tempo.

* **Gabriela Silva** nasceu em São Paulo. É doutora em Teoria da Literatura pela PUCRS, com pós-doutorado pela Universidade de Lisboa e pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões. É professora, com diversos artigos publicados, colaboradora do jornal *Rascunho* e autora do livro de poemas *Ainda é céu* (2015). “Sobre robôs” foi publicado em *desAmorçados (antologia de contos)* (2009).

Eram quatro (ou “Ensaio sobre Victor e/ou medula óssea”)

Luisa Geisler*

Percebia-se que havia onze pessoas para uma mesa de dez pessoas. O pai olhava Os gêmeos em casamentos e batizados, via-os espremerem-se para ficarem numa mesma mesa. Eram contabilizados como um grupo de quatro amigos, não cinco: Caio, Fernanda, Ana e Os gêmeos. Os gêmeos não se chateavam com a má matemática, apenas, aos risos, comentavam que eram pessoas diferentes.

Se um deles fosse adotado, se tivessem anos ou meses separando-os, seriam os mesmos. Nasceram no mesmo dia e da mesma mãe por acidente. Concordavam em certos gostos, implicavam-se, corrigiam-se, discordavam, faziam aula de basquete juntos, mas separavam-se para as aulas de reforço de Química III para Matheus, as lições de piano de Vicente. Os gêmeos apoiavam-se, discordavam em opiniões, escutavam-se ou ignoravam-se.

Os gêmeos, contudo, eram os gêmeos, nunca Vicente ou Matheus. Bastava nascer no mesmo dia. Eram bivitelinos, vestiam-se de formas diferentes, Vicente com seu cabelo curto e escuro, Matheus com

o cabelo mais longo, alguns dedos antes do ombro. O pai achava que, se tivessem irmã, a irmã teria mais em comum com um ou outro.

O pai ouviu “Os gêmeos” dos amigos, começou a usar, espalhou-se pela família. Por mais que a família, os professores, os pais e os amigos ouvissem que Os gêmeos eram pessoas diferentes, Os gêmeos eram “Os gêmeos”. Era uma palavra só: mais curto, mais rápido, mais prático, mais econômico, quase um Slap Chop multiuso desses anúncios da madrugada. Mas diziam que os gêmeos não se preocupassem, os amigos, o pai, a família, os professores, os coordenadores escolares, as namoradas, os cobradores e motoristas de ônibus que os viam todos os dias (e acabavam conversando apenas com Matheus) sabiam que os gêmeos eram indivíduos independentes.

– Sim – os amigos, o pai, (...) os cobradores e motoristas (...) diziam, olhavam-se, rindo –, completamente independentes.

Matheus mostrava interesse por ideias, só ideias, soltas, a bangu. Pensamentos. Passava muito tempo de aula deitado sobre os braços, olhando para a parede, ou para o chão, ou para a professora. Volta e meia, ria sozinho. Quando Vicente via o irmão rir sozinho, ria em uníssono. Matheus dizia que “pensava engraçado”. Na interpretação de texto que a turma inteira fazia, ele falhava.

– Pois eu pensei o contrário – ele dizia – eu achei que o autor quis dizer... – A professora tentava iluminá-lo:

– Mas qual a base no texto?

Matheus lera uma frase que o lembrou de outra coisa, então, associou-a com o parágrafo inicial do texto e pensou que talvez pudesse ser isso. Em ver uma solução nova para um cálculo, para uma resolução, via-a. As usuais, contudo, a solução de colocar uma fórmula e de seguir um método falhavam. Matheus errava as fórmulas, confundia uma regra pela outra. Talvez a dificul-

dade vocacional de Matheus viesse de não conhecer um curso superior de ideias. O que fazer quando se pode contar com elas e apenas elas? O que fazer quando não se sabe de onde as ideias vêm e você depende delas? Quando a mãe se interessava por faculdades, Matheus olhava-a no rosto:

– As pessoas acham que uma palestra de cinquenta minutos vai me dar as respostas? Um teste? Que pressão.

E Vicente tocava piano desde sempre. Tinha ideias, claro, em forma de sons. E seguia bem o que alguém premeditara, ou seja, um multitasker nato. Vicente conhecia e amava o teclado de casa, era-lhe um irmão. A professora de piano incentivava Vicente desde que ele tinha oito anos de idade, dizia que deveria seguir na carreira musical. Vicente nunca dissera: “quero cursar Música”, mas nunca disse outro curso superior. Após as tias perguntarem-lhe, Vicente sorria, falava baixo, olhava para o chão, dizia que precisava pensar um pouco mais. As tias, ou avós, ou madrinhas, ou amigos, ou mãe, ou os professores, ou coordenadores escolares, enfim, diziam:

– Mas você não passa horas naquele piano? Estuda música.

Foi nesse segundo ano do ensino médio que Vicente ganhou a bolsa de estudos de inverno durante o mês de férias. Inverno no Brasil, mas verão em Londres. A professora de piano conhecia alguém lá. Ela recomendara Vicente, fez uma reunião com um grupo da igreja, conseguiu que pagassem o voo e alimentação do menino. Matheus reagiu com um sorriso de inveja e esperança, o irmão faria o mesmo por ele. Abraçaram-se no aeroporto, fez calor e fez frio.

Vicente estudou.

A escola de música quis que Vicente ficasse. O diretor com sotaque posh cuspiu de leve ao falar do jovem. Levava jeito, diziam,

pegava rápido o que ouvia dos professores, um mês fora pouco tempo. Tinha de resolver questões de visto, estudar até o próximo julho numa turma mais avançada inclusive. Poderia fazer ensino médio numa escola pública, estudar música à tarde, arrumariam alojamento na escola. Seria difícil, mas eles não erravam ao ver potencial. Vicente manteve a postura correta, apoiando-se na cadeira macia. Ao responder, Vicente errou conjugações do verbo *to be*, a voz enrolava-se, fazia longas pausas entre uma frase e outra, deixou de lado auxiliares do presente simples. Despediu-se em português e corou enquanto fechava a porta.

Quando Vicente ligou para a família para conversar sobre a proposta, o pai quis conversar sobre algo antes. Precisavam que Vicente voltasse, precisavam de um doador de medula óssea. Não, não diriam para quem era, mas precisavam que ele voltasse.

O diretor da escola de música disse a Vicente que resolvesse o que precisava, podia tomar o tempo que precisava. Precisava, precisava. Se ainda surgisse vontade, deveria entrar em contato e ver o que poderia se ajustar: achariam algo mais tarde, com certeza.

O pai viu os amigos visitarem Os gêmeos no hospital diariamente, mas Vicente e Matheus eram pessoas diferentes e, portanto, incompatíveis.

Vicente não entrou em contato com a escola de música.

O bixo em Psicologia arrumou uma vaga numa república próxima. O pai ajuda Vicente a arrumar as coisas para a mudança, bem como decidir o que ficará na casa. O pai conforma-se. Não pergunta se Caio, Fernanda, Ana passaram no vestibular, se já estavam na faculdade há muito tempo, no cursinho, estagiando, quem sabe. Na última vez que o pai perguntou do “pessoal”, Vicente enchia mais uma caixa cheirando a livros:

– A gente perde o contato. – E prosseguiu com as caixas.

Desde aquele inverno no hospital, Vicente passou a metade daqueles dois anos dedicando-se às atividades mais odiosas e estúpidas que poderia. Mas é porque ele não tem talento, o pai diz a si mesmo. Essa vilania vem de perceber que faz tudo errado. Começou em torno daquele inverno. Aquele verão europeu o perverteu, talvez seja isso. Talvez a escola de Londres tenha mostrado que as coisas não são simples assim, não basta acertar umas notas. E em Vicente, o pai sabia, faltou a vocação para artes.

Entre caixas, pôsteres, livros, papéis, cheiro de naftalina e roupas, o pai sabe que Vicente e sua musicalidade nunca prestaram. Talvez nem Matheus e suas ideias houvessem prestado, mas não agora, o pai não tem como saber. O pai tem, com tanta frequência e com tanta insegurança, olhado para o passado. E entristece o pai saber que o teclado, as caixas de cadernos com partituras, livros de música, tudo aquilo não irá para a república com Vicente. Não seguirá.

* **Luisa Geisler** nasceu em Canoas (RS). É escritora, tradutora e mestre em Processo Criativo pela National University of Ireland. Escreveu, entre outros, *Luzes de Emergência se acenderão automaticamente* (2014), *De espaços abandonados* (2018) e *Enfim, Capivaras* (2019). Já foi agraciada com o Prêmio APCA, o Prêmio Açorianos e duas vezes o Prêmio Sesc de Literatura, além de ter sido finalista de outros, como o Jabuti e o Prêmio São Paulo de Literatura. Tem textos e livros traduzidos em mais de quinze países.

“Eram quatro” foi publicado na antologia *De tudo fica um pouco* (2011).

Sissone

Marana Borges*

O caminho escrito nas partituras eram degraus de sorte. Sobre eles, a bailarina saltava, girava, tremia. Nunca teve medo de cair, o voo de borboletas não tropeça. Treinava com afinco o mais difícil dos passos para a noite da estreia. Entre um salto e outro, às vezes, lhe ocorria sangrar os pés.

O marido, no canto do palco, reverenciava com deleite o cochicho das sapatilhas na madeira. Vestiam pés inquietos, cobriam de sutileza o enigma do espetáculo. Cada pé, meia lua imaginando sua metade. A dança do homem era com os dedos, percorrendo as trilhas do piano. Puxava cada nota pelas mãos, em um convite ao baile.

Os dois haviam se conhecido por acaso, como se diz do repertório de saberes que nasce sem adubo. Encontram-se em um fim de tarde, enquanto voltavam de bonde para casa. No começo, emaranhavam-se um no outro como as notas que se juntam à primeira e ecoam o harmônico. Depois, empenhados para a noite da grande estreia, passaram a ensaiar todos os dias no sobradinho onde viviam, a duas estações da sala de espetáculos.

Partitura é uma casa habitada por gotas de chuva. Em cima do palco, *retirés* viravam *pas de chats* e *adagios*, *prestos*. Mas as gotas estavam secando, ninguém percebeu.

Tiveram muitas brigas e duas traições, uma de cada lado. A casa, no entanto, nunca interrompeu a festa: as sapatilhas continuaram em movimento; os olhos do homem seguiram dançando, guiados pelas notas que saltavam do papel.

Na noite da estreia, porém, o homem desmaiou o dedo sobre uma nota e não saiu som algum. Como se vida breve, como se noite tudo. Aquilo não era uma pausa, não constava na partitura. Era mudez dilacerada. Um horror sem face suspendeu o movimento. A vida bifurcada foi precedida pelo vácuo, como se rédea rota, como se contra o tempo. Era o silêncio que se adianta à cisão, o silêncio devorando a festa.

O caminho das partituras é pó negro soprado pela noite. Desintegrou-se com o vento. Como se degraus de morte que desabam.

Foi ali, em cima de um palco habitado por duas sapatilhas, cercado por personagens anônimos. O silêncio alagou a sala, a casa, o palco, a contramão da rua. Não houve tempo de trocar os botões do jérsei novo do marido, de comprar a cortina que a mulher tanto queria. O amor sequer esperou a chegada do filho, concebido em sonhos no dia anterior.

A mulher não aguentou o peso do *sissonne*, o mais belo dos saltos, e caiu.

* **Marana Borges** é mestre em Teoria da Literatura pela Universidade de Lisboa e escreve para as revistas *Quatro Cinco Um* e *Forma de Vida* (Portugal). Seu romance *Mobiliário para uma fuga em março*, vencedor do Prêmio Governo de Minas Gerais, sairá da gráfica em 2021.

“Sissonne” foi publicado na antologia *De tudo resta um pouco* (2011).

Outubro, 26

Emir Rossoni*

Outubro, 26

Acordei como se acorda todos os dias. Todos os dias. Todos os dias o mesmo café, a mesma estética. O mesmo café e a mesma falta de coragem. O mesmo café, a mesma falta de coragem e agora a ansiedade por saber onde você andou nos últimos dias.

“Tenho um segredo pra te contar.”

Será que você ouviria? É possível que preferisse o valor do segredo em notas de cinco. Mas hoje acordei achando que o segredo não era meu.

“Agora você está com segredinhos, menino.”

Queria dizer-lhe. Queria. Queria saber por que motivo você não aparecia há três dias no ponto. Primeira vez em meses. Primeira vez. Talvez, por isso, a que mais causa ansiedade. Como se isso já fosse possível de ser contida.

Hoje é vinte e seis de outubro. São onze e trinta e dois da noite. Mas, de manhã, depois que meu marido saiu para trabalhar, preferi antecipar a sessão.

“Rosana, sou eu, preciso ver o Horácio o quanto antes.”

Ele me atendeu.

“É a mesma história, Horácio”, eu disse antes de entrar no consultório. “Mas agora é pior.”

Ele achou por bem que eu começasse a escrever.

“E eu lá sei escrever, Horácio?”

Um diário, ele disse.

Um diário?, eu disse.

Você precisa colocar pra fora, ele disse.

Mas um diário?, eu disse. E escrever tudinho que fiz no dia?

A sessão terminou perto das catorze. Paguei triplicado. E pra agradecer o Horácio, paguei também um almoço na Usina das Massas. O Horácio é um gordo adorável.

Mas não consegui comer. Tomei café. Quatro. Quatro cafés. Depois voltei pra casa sem passar pra ver se ele havia retornado. Recomendação do Horácio. Para controlar a ansiedade. Chamei a farmácia. Sinceramente, não lembro o que fiz das dezenove até agora. Acho que meu marido chegou. Por que não lhe peço ajuda? As únicas coisas que escrevi nos últimos anos foram cheques nos lugares que não aceitam cartões de crédito.

Talvez eu sinta sono. Talvez eu sinta preguiça de ir para a cama. Ou seria outra coisa?

O Horácio tinha razão. O Horácio tinha razão.

Outubro, 27

O Horácio obriga-me a escrever antes de deitar. Mas como fica a situação quando se deita e se levanta várias vezes por noite?

Ele acha que é bom eu conversar com o papel. Mas não estou aqui conversando com essas folhas. Estou apenas contando como foi passar algumas horas acordada sem ir ao psiquiatra.

Terá o Horácio cansado de mim, por isso receitou uma espécie de substituto? Melhor ligar pra ele.

O Horácio disse que pretende atender-me para o resto da vida se for necessário e que jamais vai me abandonar. Sinto-me melhor agora. Vou voltar para o diário. Disse que era apenas uma forma para desafogar um pouco alguma possível angústia.

Possível angústia.

Pos-sí-vel?

Como você é gentil, Horácio.

Seria melhor ter dito se existe alguma possível mulher nessa angústia.

Estacionei pela manhã em frente ao Salão. Nem havia aberto ainda. Fiquei lá, observando se você aparecia.

Depois fiz unha, para ver se você aparecia. Depois fiz pé, pra ver se você aparecia. Fui ao lado tomar um café. E nada.

Depois voltei ao Salão, fiz esfoliação, para ver se você aparecia. E, próximo ao meio-dia, fiz banho de argila no cotovelo que nem sei o benefício que traz. Mas você não apareceu.

Quem apareceu, perto da uma, foi um sujeitinho raquítico meio perdido e arisco.

Então parei com os tratamentos e desisti do almoço e do café à tarde e das meninas.

Ele pediu cinco reais, o raquítico. Levou um.

Dor no pescoço de tanto virar pra enxergar a rua durante a manhã. Devia ter escolhido uma massagem ao invés do banho de argila.

E você não apareceu.

28 de outubro

O que menos queria fazer agora é estar escrevendo. Será que assim eu te acho?

Acabei de ligar para o Horácio.

“Você pode não achá-lo”, ele disse. “Mas talvez se encontre.”

Então vamos lá.

07h19

Era a hora que marcava o relógio do carro. Descobri agora que tenho memória visual. Cheguei pouco depois ao Hospital de Pronto Socorro. Gente por todos os lados. Algemados. Quebrados. Bêbados. Eu estava ciente que o encontraria ali. Mas frente ao balcão de informações, congelei. Você não tinha documentos, pelo menos achei que não portasse. “Julio”, eu disse. “Julio Cortázar”. A moça balançou a cabeça. Voltei para o final da fila. Deveria haver alguma forma de encontrá-lo que não fosse pelo nome. Deveria.

10h11

Era a hora que marcava no relógio do café. Seria bom aquecer o estômago com uma bebida e algo salgado. Pedi um chocolate quente e uma torta de maçã. E peguei as três Zero Horas que havia disponíveis. Vinte e cinco, vinte e seis e vinte e sete de outubro. A de ontem, faltava o Segundo Caderno. E a de anteontem portava uma foto enorme na capa. Deixei o café pela metade, a torta de maçã esmagada e o carro no estacionamento. Chamei um táxi. “Duque, ali no Museu Julio de Castilhos.” Sentei atrás. O espelho mostrava que eu não estava bem. Ao chegar, tirei a capa da Zero da bolsa. Sim, eu havia pegado do café. Mas na de ontem pegaram o Segundo Caderno inteiro. Ainda havia resquícios no local. Marcas, cinzas, como se um cigarro de dois metros tivesse sido apagado ali. Um pouco de sangue no cercado, acima. E nada das fitas amarelas, que a foto mostrava. E nada da flanelinha presa no cercado, que a foto mostrava. Parei outro táxi. “Santa Casa”.

11h45

Além da hora, o totem da Dom Feliciano mostrava vinte e nove graus. A Santa Casa é um labirinto. Será que o Horácio tem

certeza de que preciso escrever isso? Tem tanto hospital lá dentro que ninguém sabia para onde eu poderia ir. Encontrei uma enfermeira em final de expediente, esqueci de perguntar seu nome. Conduziu-me a uma salinha. “Este é o Jorge”. Era um menino. No crachá dizia estagiário e parecia saber tudo de informática. Disse que por cem reais se arriscaria. Cretino.

14h

O mesmo totem marcava algumas horas a mais e alguns graus mais quente. O filho da puta não aceitou cheque. Mas aceitou um brinco. Bichona. Para dizer que ninguém havia entrado no complexo Hospitalar Santa Casa com queimaduras no dia blá-blá-blá. Tomara que se entupa de cocaína com o valor do meu brinco, vou lembrar do nome dele, Jorge, tenho uma memória visual e agora está escrito aqui nessa porra. Será que se eu continuar a escrever o diário de hoje no dia de amanhã ainda vale? Será que ligo para o Horácio?

15h59

O Palácio da Polícia não é o melhor lugar do mundo para encontrar um sorriso. E dá pra perceber que existem quase tantos criminosos na triagem daquele lugar quanto no HPS. Esperei duas horas, meu filho, para dizerem “Não, senhora, nenhum registro aqui de mendigo queimado.” “Mas ele não é um mendigo.” Chamaram o próximo. E o próximo era um sujeito que havia saído de cana há pouco e precisava de algum documento para dormir no albergue. Pela vontade da atendente, temo pensar que nesse momento ele está dormindo sob uma marquise. Ou roubando estepes. Meu dia não acabou às seis da tarde. Mas já chega, né Horácio?

Vintenove

Hoje dormi até tarde. Não porque eu queria. Mas porque precisava. Tomei uma dose que não me permitiu sequer ter sonhos.

PS.: Pedir para Horácio se quando a gente não lembra dos sonhos a gente não sonhou ou apenas não lembra.

Quinta

Consultei com o Horácio.

Tomei café.

Você não apareceu.

Não dei gorjetas.

Vi a novela.

Sem sono.

Estou esperando a meia-noite para olhar as estrelas.

Novembro, 06

Não é por causa do Horácio que volto a escrever. É por sua causa. Ou por minha. Aí o Horácio voltaria a ter razão, mas foda-se ele.

Sua indignação era justa, meu filho. Quando poderei finalmente chamar-te assim? Quando vou poder contar esse segredo? Vi suas marcas. Mas vi, principalmente, as marcas que não estavam na pele. Temo, até agora, essas marcas. Será que algum dia você se livrará delas?

Queria ter pagado mais sanduíches, mais coca-colas. Dado mais dinheiro.

Mas tudo que você queria era acabar com o sujeito que estava no ponto. Você está com uma flanelinha nova. Mas seu dedo continua igual. Seu modo de enrolá-la e agitá-la: Bandeirola.

Entendo que o ponto era seu.

Entendo mesmo sem entender. Queria ter encontrado você no hospital. Queria saber o que se passou entre o ocorrido na Duque e hoje. Entendo que no seu mundo as coisas devem ser resolvidas desse jeito. O que não entendo é seu ódio.

Nem entendo que você deveria ter feito algo.

Por isso fui embora enquanto você andava na direção do raquítico. E até agora tento me perguntar se a sirene atrás de mim era da polícia ou da ambulância. Amanhã, talvez eu descubra. Amanhã, meu filho. Farei unhas. Farei pés. Farei tudo que puder para ficar observando você pela janela.

* **Emir Rossoni** é mestre em Escrita Criativa pela PUCRS e professor de oficinas literárias, autor de *Caixa de Guardar Vontades* (2018, crônicas, Prêmio Açorianos e Prêmio Guarulhos), *Domanda Nísio* (2019, contos, Prêmio Governo de Minas Gerais) e *Erros, errantes e afins* (contos, Prêmio Cepe 2020).

Emir Rossoni participou da Oficina de Criação Literária da PUCRS em 2011.

O assessor

Guilherme Azambuja Castro*

Antes de conhecer o doutor Herculano, meu ofício era tomar mate com halls na praça, todo santo dia. Acordava seis, seis e meia, punha a chaleira no fogão, limpava a bomba com um grampo espichado, deixava a erva inchar na cuia, tudo preparado pra ver o Bom Dia Rio Grande tranquilo; oito, oito e meia, saía. Até a praça dava o quê?, quatro, cinco quadras. Passava na padaria e comprava um pacote de halls preto – gosto de chupar halls e tomar mate, dá um choquezinho dentro da boca que é bem bom –, daí tomava meu mate olhando o movimento. Quando não tinha mais bala pra chupar, ia pra casa. Fritava um bife, cozinhava arroz, almoçava tranquilo. Matava duas cumbucas de arroz de leite e voltava à praça. Tudo normal.

Defronte à Câmara de Vereadores de Canoa Branca tem um banco, ali eu sentava. Via a chegada dos vereadores, quando tinha sessão. Quando não tinha, assistia à chegada dos funcionários, dava no mesmo; importante, importante, era o movimento. Certo dia, o Beto, um vereador que fazia questão de ir de bicicleta pra Câmara – tá que o partido proibisse mostrar carro na frente da Câmara, mas ele que era exibido – me disse que o doutor Herculano queria gente pra assessor. Não que precisasse de dinheiro, tenho uma casinha alugada que me basta, todo caso fui até o gabinete

do doutor e perguntei sobre esse negócio de ser assessor. Fez uma cara de agora é que me lembro e me mandou ficar à vontade. Sentei. Abri a mateira. Sevei um mate.

– Sabes bater à máquina, Brizola? – me chamam assim pelas sobranceiras, sempre esfiapadas.

– Com um dedo, doutor – fui sincero.

– Me conta das tuas experiências, então – ele prosseguiu.

– Olha... Ultimamente tenho mais é tomado mate na praça, doutor.

– Então és um AMH.

– Sou?

– Analista de Movimento Humano – me explicou.

– Sim, claro – achei interessante essa coisa.

– Joice, me tira um coelhinho da cartola, sim? – pelo telefone ele pediu à secretária, que logo apareceu com uma folha datilografada.

– Assina aqui, meu assessor – me disse ele, riscando um xis no pé da página.

Termo de Posse, dizia.

Assinei.

– Agora espera que eu te chamo, tá?

Queria saber do salário, quanto era, mas como ele não tocou no assunto, e nem eu, ficou por isso.

Voltei à praça, tinha a térmica ainda pela metade, isso dava o quê?, cinco, seis mates.

Dia seguinte: seis, seis e meia, acordei. Aqueci água, pus erva pra inchar, limpei a bomba, Sidney Sheldon na mateira; pra mim, escritor é Sidney Sheldon; vi o Bom Dia Rio Grande tranquilo: ia chover em Pelotas. Bom, oito, oito e meia, saí. Tudo normal.

Sentei no banco e logo vi o doutor Herculano chegar à Câmara. Gritei: “Ô, chefe!”. Com as mãos, me mandou esperar; o portão, que fechava sozinho, me foi tirando o doutor de vista. Pensei: bom,

mas que sou assessor, isso eu sou, pra mim papel assinado é o que conta. Segui tomando meu mate e chupando halls.

Por um mês, mais ou menos, eu gritei “ô, chefe!” quando via o doutor chegar à Câmara; e ele, com as mãos, me dizia: “Te acalma, Brizola!”.

Um dia, tomava meu mate e lia Sidney Sheldon bem na parte dum incêndio alucinante quando ouvi ele me chamar. Fui até o gabinete.

– Grande Brizola! – me recebeu com festa. – Joice, traz uns coelhinhos, sim?

A Joice trouxe: três. Desenhou o mesmo xis no pé das folhas: *Folha Ponto*, dizia.

– Assina aqui, meu assessor!

Assinei.

– E aqui.

Assinei.

– Mais aqui.

Tudo assinadinho.

– Te chamo em seguida, fica tranquilo – ele disse, e já me deu as costas.

Mas continuei ali, parado, esperando alguma ordem, sei lá, alguma coisa. Então ele tapou o bocal do celular e disse *vai embora* com outras palavras: “Fica tranquilo!” foi o que ele disse. E de fato fiquei. Pra mim papel assinado é o que vale, e nesse dia assinei três coelhinhos.

Não sou de me queixar, mas teve a primeira vez. É que fim do mês recebia em casa dez pacotes de erva-mate e cinco de halls como salário; conseguia me manter o quê?, vinte, vinte e um dias, nem isso. Fui ao gabinete.

– Tá me faltando erva, doutor – desembuchei todo corajoso. Foi mais fácil que pensei: me deu um aumento na hora; fecharia

os trinta e um dias folgado; a partir daí, mês de trinta sobrava o quê?, um pacote inteiro de erva. Ganhando mais, hora de mostrar trabalho, pensei.

O gravador eu já tinha, um portátil da Gradiente; o crachá, mandei imprimir colorido na Canoa Press e ficou assim: *AMH* em cima, *Assessor* embaixo, num canto a minha foto três por quatro de terno e gravata. A partir de então, se perguntassem qual era o meu ofício, eu respondia: sou assessor do doutor Herculano, e ainda mostrava o crachá pra quem não acreditasse.

Um dia o doutor mandou dizer pelo Beto que era pra eu me tocar a Pelotas. Me entregou um celular e uma cartola cheia de coelhinhos, Missão de Estado. Cueca, meia, camisa, calça de brim, japona, três ou quatro potes de Minancora – pra mim, desodorante é Minancora –, joguei tudo na mala; a mateira, já carregava; e o crachá, raramente tirava do pescoço.

– Mando teu salário pelo ônibus, fica tranquilo – me disse o Beto. Fiquei mesmo.

Entreí no Embaixador. O ônibus não passava de oitenta, isso dava o quê?, três horas, três horas e meia até Pelotas. Ultrapassado o pórtico de Canoa Branca, os campos de arroz surgiram no para-brisa, um verde uniforme lindo de se ver; nessa hora senti pena de, por causa do meu novo ofício, ter de sair de lá, eu que só deixei a cidade uma vez, quando precisei trazer uma tia-avó de Camaquã e fui dar em Jaguarão. Todo caso, vida de assessor é assim, dura, devia eu desconfiar. Passando o Texaco, fechei a cortina, começava eu a sonhar e um piparote do cobrador me acordou.

– Já estamos chegando? – perguntei, meio dormindo.

– Vai pra onde, Brizola?

– Pelotas – respondi.

– Nem do Taim passamos – ele respondeu. – Vinte pila até Pelotas.

O doutor havia me dado o quê?, cem, cento e vinte, mais umas quantas bolsas de supermercado com erva e halls. Um adiantamento, exigência minha. Paguei os vinte e virei pro lado.

Tranquilo.

Pelotas, como toda cidade grande, tem mais auto que gente. Na rodoviária é uma quantidade de táxi esperando realmente que tu pague uma fortuna pra meio-metro de corrida. Me nego. Mesmo. Dar dinheiro eu pra taxista? Saí a pé e achei o Naite Pelotense, um hotel em conta, pegado à rodoviária, bem bonzinho: quinze cruzeiros o pernoite, direito a café da manhã e tudo: pão torrado, café preto, iogurte e uma banana. (Quando que eu ia tomar iogurte, e de garrafinha?) Paguei dois pernoites adiantados à Baronesa, proprietária e moradora do Naite. No quarto, escondi a cartola mais a mateira dentro do box, por segurança. E fui dormir com o celular preso ao elástico da cueca, também por segurança; pânico de cidade grande.

Seis, seis e meia, levantei. Crachá no pescoço, gravador com pilha nova que era pro relatório não desandar na minha primeira manhã pelotense. Não vi o Bom Dia Rio Grande – no Naite só tinha rádio –, tomei café, iogurte, e escondi a banana na mateira, pra mais tarde. Oito, oito e meia, perguntei à Baronesa onde era a praça da cidade.

– A mais próxima? – me perguntou.

– Ah, tem mais de uma...

– Olha, daqui? Umas doze quadras.

Coisa muito complicada, e longe, quase que uma Canoa Branca inteira. Resolvi relaxar. Sentei na frente do hotel numa cadeira de praia e sevei o mate. Logo a Baronesa abriu outra cadeira ao lado: “Posso?”, perguntou. E eu vou negaciar? Sevei um mate

pra ela. Dia seguinte sevei outro. Fui sevando, sevando, todos os mates que ela pedia eu sevava. Às vezes colocava capim-cidró na térmica, só porque ela pedia; tava em Pelotas mesmo... Nenhum conhecido vendo é a conta; porque, pra mim, mate só com halls.

Mas tinha uns olhos puxados, a Baronesa, tinha uma boca graúda ela, uma bunda que me segurava pra não beliscar quando passava rebolando. A gente foi se conhecendo melhor e, no decorrer do quê?, mês, mês e meio, já chamava ela de Barô, só Barô.

Com mulher no meio a coisa fica mais profissional, organizada, é inevitável isso. Foi ideia dela: passar a limpo e fichar os relatórios em pastinhas: por turno, dia, mês, ano. Foi ideia minha: fixar uma placa de bronze na frente do Naite: Unidade de AMH, dizia. Ela que pagou. Outra ideia, nossa: grampear cartões de visita nos recibos dos hóspedes, que, aliás, eram praticamente dois: seu Alexandre, vendedor itinerante de alpargatas, e eu.

Resgatamos uma escrivaninha de compensado abandonada no porão do Naite. Duas, três pinceladas de tinta branca, ficou como nova. Placa na parede, cartões na praça, unidade pronta. Tirei então da cartola uns quantos coelhinhos pra Barô assinar.

– Que que é isso? – me perguntou.

Beije a testa dela e disse:

– Fica tranquila, é coisa séria.

Ela amoleceu e começou a assinar, um por um, como uma boa fêmea deve ser, obediente. Todos devidamente assinados, tomei-lhe os coelhinhos e guardei na cartola. “Te ligo em seguida, minha assessora”, disse apressado, porque o Embaixador saía em quê?, uma hora, hora e meia no máximo. E saí a pé; táxi, me nego.

* **Guilherme Azambuja Castro** (Santa Vitória do Palmar/RS) é doutor em Escrita Criativa pela PUCRS. Foi premiado em diversos concursos literários de contos, como o Luiz Vilela (2011). Em 2014 foi finalista do Prêmio Sesc de Literatura. Em 2015 venceu o Prêmio Cepe, o que resultou na publicação de seu primeiro livro, *O amor que não sentimos e outros contos* (2016), finalista do Prêmio Açorianos. “O Assessor” foi publicado na antologia *Estranhas ficções de tempo, morte e utopia* (2014).

Fim da linha

Daniel Gruber*

Assim que a massa de trabalhadores se dissipou, Nera venceu a ruela em frente à fábrica, tomada de ciclistas, e acompanhou a vertente que se dirigia à parada de ônibus, puxando os dois meninos pela mão. Fez uma careta para o relógio e respirou fundo.

Viu um homem correndo na sua direção, puxou as crianças contra a barriga e baixou o rosto. O ônibus vinha chegando. Nunca foi de tirar vantagem, mas colocou os meninos na frente para conseguir entrar primeiro.

Sentiu-se premiada ao encontrar dois acentos vagos. Rômulo sempre pedia para sentar na janela, mas desta vez não disse nada. Nera sentou com ele no colo e pôs Remo de pé no corredor. No outro banco, largou a mochila que lhe envergava as costas. Os olhos agora não se punham mais sobre as crianças, que também não se mexeram de seus lugares, atentos à movimentação lá fora: os moleques jogando bola na rua, a fumaça cinza que se misturava ao sol de novembro, mulheres voltando com sacolas de supermercado, ainda nenhum sinal de que o frágil equilíbrio da vizinhança estivesse se quebrando.

O ronco do motor disparou adrenalina em seu corpo, o rugido de uma fera, a sensação de liberdade. No sacolejar do ônibus só havia tempo para sorrir.

Nera alcançou o telefone na bolsa e ligou:

– Mãe, presta atenção que vai acabar meus créditos. A gente tá indo aí agora. A senhora enrola uns potes de comida que eu passo pra pegar. – O silêncio no outro lado indicava hesitação. – Depois a gente vai direto pra rodoviária.

Ao desligar, percebeu o olhar insistente do cobrador, cara de poucos amigos. Pensou se tinha dado o dinheiro certo, contou com a ponta dos dedos as moedas no bolso. O ônibus entrava na avenida, uma viatura dos bombeiros passou com a sirene gritando, o movimento de final de ano dançando com o caos.

Notou que o cobrador não tirava os olhos dela. A impressão era a de que os passageiros também a cuidavam: um homem que erguia as vistas por cima do jornal, uma senhora que se abanava com um encarte de magazine, um jovem de fones de ouvido mexendo no celular. Então, quando alcançaram a praça, o motorista se virou e olhou para ela também. Depois se voltou ao cobrador e cochichou qualquer coisa. O que é que ela tinha, afinal? Estava suja, rasgada, com a roupa do avesso? Era como se estivesse carregando uma marca, como se fosse outra pessoa naquele ônibus — o ônibus que pegara todos os dias de sua vida, exceto aos domingos, desde que se casara.

Rômulo deixou rolar uma lágrima pelo rosto pequeno e sujo, mas Nera não fez caso. Quantas vezes deixou secar sozinhas as lágrimas debaixo dos óculos escuros, sem ninguém saber. Agora os hematomas já não lhe doíam mais.

Disse ao filho que não se preocupasse, que tudo iria ficar bem. Puxou as crianças com força assim que o ônibus parou e eles foram levados pela física como bonequinhos. Remo também começou a chorar.

As portas do ônibus se fecharam às suas costas e ela nunca mais teria que ver aquela gente outra vez.

A mãe entregou os potes no portão, sequer a deixou entrar. Tudo que disse foi:

– Já tá dando no rádio.

Nera e os filhos cruzaram as avenidas enlouquecidas do centro, ela sentiu pela última vez o cheiro de cachaça num boteco fuleiro às margens do viaduto. Às três da tarde já estavam embarcando. O isqueiro ainda pendia no bolso quando teve a última lembrança do marido, gritando “você é louca”, e depois desmaiado sobre o chão da cozinha, enquanto o fogo começava a tomar as cortinas.

* **Daniel Gruber** é escritor e professor, natural de Novo Hamburgo. É doutor em Escrita Criativa pela PUCRS. Seu primeiro livro, *O Jardim das Hespérides* (contos, 2017) foi finalista do Prêmio Sesc de Literatura e do Prêmio Minuano. Em 2019 publicou *Animais diários*. “Fim da linha” foi publicado na antologia *Melhor não abrir essa gaveta – Contos de razão e loucura* (2014).

Valsa vento

Marcela Dantés*

Ela viajava com a mãe porque não podia ficar sozinha em casa. Então, a mãe saía para mais uma daquelas reuniões intermináveis e ela ficava lá, no quarto do hotel, sem piscina, academia ou salão de jogos. Tinha TV, um frigobar, que poderia mas não fora abastecido na recepção, e calor. Uma coxa grudando na outra e todo o corpo grudando num lençol já úmido de suor. O quarto tinha um cheiro torpe, e ela pensava nas muitas outras pessoas que haviam deixado os seus fluidos ali, na cama, no travesseiro, nas toalhas ásperas e banais. Não adiantava tomar banho, ela não parava de suar. Esparramada no colchão, escancarada como as janelas, tentava sentir algum vento na pele quente, rezando para sobreviver. Uma garrafa de água, outra de refrigerante – igualmente sem gás – e meio pacote de biscoito. Uma música conhecida vinha de longe, ela acompanhava com os dedos da mão nos pés da cama. Tinha ritmo, desde pequena. Não que fosse grande, agora. Pernas finas, ombros ossudos, braços compridos. Olhos molhados. Unhas fracas e pressão baixa. Nada se sabe sobre o pulmão e, ainda assim (ou talvez por isso), foi lá fora fumar um cigarro. Do oitavo andar ela via o mundo. Sentia a fumaça enchendo os seus pulmões enquanto acompanhava um cachorro que latia sem parar pra qualquer coisa que se mexesse. Soprava,

devagar, se divertindo com a possível reação de sua mãe diante de um improvável flagrante. Era tão desorientada que nunca ia perceber a ausência de um ou dois cigarros no maço. O ar, do lado de fora, continuava sufocante. Mais um trago. A música, lá longe. O cachorro, lá embaixo. As unhas pintadas com um esmalte vermelho escuro, bordô. Pés apoiados no parapeito da varanda, pele macia, ossos de menina. Foi quando ela viu. No prédio da frente, do outro lado da rua, uma mulher em pé na varanda. Um líquido espesso gelou as veias, o ar faltou aos pulmões. Bonita, a mulher. Os cabelos compridos presos num coque displicente no alto da cabeça, algumas mechas lânguidas escorrendo pelo rosto. Os olhos fixos no chão. Lá embaixo, onde os carros passavam sem imaginar o que estava para acontecer. Onde o cachorro continuava a latir. Pouco espaço para o corpo, muita força nas mãos, precisava quase nada para que ela se acabasse no asfalto. Mas não era isso que ela queria? Quis chegar perto, afastar do rosto aquela mecha de cabelo que talvez não a deixasse ver que, em algum lugar, ainda existia qualquer coisa bonita no mundo. Quis dizer seu nome, oferecer um cigarro, comentar do calor sufocante que devia ser o culpado de tudo. Mas ele não ia passar. Quis gritar por socorro, voltar correndo pro quarto e fechar os olhos e ouvidos pelos próximos três dias. Quis ir junto, de mãos dadas, como duas amigas na piscina. Quis sugerir um vestido mais escuro, para não chocar demais os transeuntes. Quis salvar uma vida, nem precisava aparecer na TV do quarto do hotel, bastava um abraço da mulher bonita e da sua filhinha, também loira, também bonita, se houvesse uma. Quis muita coisa, mas ficou ali. Imóvel. Os olhos fixos na mulher em pé na varanda. Na mulher caindo da varanda. Na mulher morta no chão.

* **Marcela Dantés** (Belo Horizonte, 1986) estudou Comunicação Social na Universidade Federal de Minas Gerais e é pós-graduada em Processos Criativos em Palavra e Imagem, pela PUC Minas. É autora de *Sobre pessoas normais* (2016, contos, semifinalista do Prêmio Oceanos) e *Nem sinal de asas* (romance, no prelo).

“Valsa vento” foi publicado na antologia *Naufrágios urbanos* (2015).

Dançando ballet com Zelda Fitzgerald

Débora Ferraz*

Quando ele perguntou Como?, eu lhe respondi Dançando. Disse. Respondi à sua pergunta sinceramente, Consegui esses hematomas pelo corpo dançando, mas não tinha como saber a confusão que isso ia dar.

Pois ele ficou quieto como se tivessem apagado todas as luzes da cidade, sentou no primeiro banco que apareceu, e só depois de um longo silêncio que não consegui cobrir com mais nada, depois, muito depois de ele ter passado um tempo enorme encarando, alternadamente, as próprias mãos, o rio, os meus ombros, só aí foi que ele perguntou, olhando pro lado Mas você só dança? Ou faz algo *mais*, depois de dançar? Não me olhou mais nos olhos, não apertou a mandíbula. Ao fim disse Ora!, como quem gosta da ideia.

E aposto que ele estava de pau duro. Esses caras são engraçados.

Eu não sei. Ele perguntou aquele Algo *mais* depois de dançar, com aquela ênfase toda, e eu fiquei tentando entender como, sim, como, em sua cabeça pervertida, ele conseguiu juntar o substantivo dança à violência dos hematomas e daí associar que, claro, em sua lógica pernicioso, uma mulher com mais de vinte anos, que arruma hematomas dançando deve ter também muitos homens observando

essa tal dança. *Stripper*. Talvez puta. Ele jamais pensaria ballet, sobretudo ballet clássico, Tchaikóvsky, *pas-de-deux* e frescurada toda.

Eu, num dia melhor, teria rido, Como eu não ri, como não me indignei com sua pergunta e apenas disse Não. muito séria, Neste caso, eu só danço. Como eu apenas respondi que me foi perguntado, ele sorriu. Meu deus, pensei quieta, com curiosidade, deve ser um inferno ter uma cabeça dessas. Apertei os lábios um contra o outro, fiz que sim em movimentos lentos com a cabeça pra cima e pra baixo. Eu só danço.

E, Que interessante, ele disse. Sorriu e disse Eu não esperava por isso. E nem eu. Nem eu esperava pelo que saiu da minha boca logo depois. Pois a pergunta é por quê? Sim, por que, quando ele pergunta, pede (Deixa eu ir te ver dançar um dia), por que é que eu digo que sim (Vou tentar)? Por que explico, que isso (Não pode ser agora), ou que aquilo (E Madame não gosta que eu leve amigos lá)? Pra que acrescentar detalhes (Tenho uma amiga se escondendo do marido, a Zelda...), e ainda, como se fosse pouco, lhe lançar promessas (Vou tentar algo novo para o dia que você for)?

Quero dizer: onde eu estava com a cabeça?

Pirouette. Minha cabeça está fixada na *pirouette*. Ao meu lado, Zelda se alonga, repete os comandos da coreografia, as orientações de Madame, A culpa é sua, ela me diz, você precisa treinar mais, prestar mais atenção pra onde olha, ela me diz, Seus olhos, ela prossegue explicando, Você precisa deixá-los num ponto fixo, imóvel, e manter a cabeça ali, entende? O corpo gira, mas cabeça sai por último, vê? Eu escuto Zelda, mas ainda não entendo. Dá pra acreditar?, lhe pergunto, mas a culpa foi mesmo minha, admito. Foi sua, e como se ainda falasse do mesmo assunto diz que Não devia ficar toda constrangida, não há por que se envergonhar por dançar ballet depois de velha.

Desisto. É difícil tentar convencê-la. Quer parar, Zelda, de bancar a certinha e vir aqui me ajudar com o *grand écart*, eu peço. Eu me endireito apoiada num só joelho, estendo uma perna pra frente e os dois braços pra cima. Cuidado, es peço a ela, Não vai me soltar de uma vez que do lado esquerdo é mais difícil. Mas sempre que ela me segura, sempre quando aperta meus bíceps e tríceps com sua força enorme, eu acabo gritando. Solta!, eu peço a ela, faço uma careta horrível de dor, e distendo o músculo ou quase.

Madame entra na sala e ao nos ver em nosso esforço messiânico, suspira. O lado esquerdo..., ela lamenta, sempre temos um lado podre.

Sempre temos um lado podre, ontem eu disse a ele. Não conseguia cruzar as pernas direito por causa da distensão da virilha. Meus braços exibiam hematomas, braceletes roxos de dor, Isso é estranho... ele quis mais detalhes, Pois normalmente não se pode tocar nas mulheres que dançam. E como ele disse assim, com tanta autoridade, foi a minha vez de perguntar Como sabe?

Sim, me conta, pedi pra ele, Como é que você pode saber das regras assim tão bem?

Ele riu seu riso falsamente constrangido, encenou um *Ops*, como se fosse a criança apanhada no meio de uma travessura. Disse Fui num lugar desses ontem, disse, e “um lugar”, neste caso, significa “onde crianças não podem entrar”. Ora, justificou, Eu procurava por você.

Não consigo me furtar da graça nisso. Mas que bela merda, hein?, e devo ter dito essa parte em voz alta porque ele riu mais. Riu, e eu olhei seu rosto rindo. Mais uma vez entendeu tudo errado: “Que bela merda” significava “onde é que eu fui me meter?”.

Zelda, eu conto a ele sua história, se não encontrar a mim procure pela Zelda. Ele começa a prestar mais atenção. Ela que dança no

mesmo lugar que eu, que tem passos parecidos com os meus. Eu vou te contar o caso da Zelda, Ele sabe que eu estou falando sério.

Zelda começou a trabalhar com Madame porque estava entediada. É assim que começa a história dela. As reuniões sociais a enfadavam, e passar o dia dentro de casa, e os homens, e os amigos, e Paris, ah, tudo isso pode ser tão chato... E ele faz que sim, compreensivo, Ela tentou de tudo: tentou um casamento com um artista, tentou uma filha, festas, tentou um amante francês, bolsas novas vestidos, bebida... ele continua fazendo que sim. Daí encheu o saco. Essas coisas enchem o saco.

E foi parar neste lugar?

Sim, confirmo, Então, ela deixa tudo de lado, marido, filha, roupas, comida, vai até Madame e... Você precisa vê-la trabalhando. Dá tudo de si, até a medula, dança como se quisesse tangenciar a morte, e volta pra casa pacificada. Deve dormir feito um bebê.

Ele continua me olhando daquele jeito. Não sei o que acontece... Mas o fato de ele ter me imaginado assim como dançarina de boate, como uma *stripper*, ou como puta, não me excita, não me faz cruzar as pernas com mais força. Isso são perversões anacrônicas, coisa da geração dele. Ninguém fica excitada mais com a ideia de encarnar o papel da prostituta. E Zelda já me disse isso também, semana passada: Você devia procurar um homem mais jovem, ela falou, gente mais normal da cabeça. Parar de perder tempo com velhos tarados. Deve estar certa, ela.

Não posso, explico pra ele, Eu estou preparando um número só pra você e não está pronto. Minto. As palavras saem sozinhas da minha boca como se fossem ditas por outra pessoa. Ele suspira. E se eu te encontrar antes?, eu me pego alarmada como se isso fosse de fato possível, ao me ouvir, ouvir minhas próprias frases tenho um sobressalto, Puta que pariu, eu penso, será que estou perdendo a razão?

Daí não vou poder evitar, respondo pra ele, Se você me achar por conta própria, se chegar lá sem minha ajuda, daí não vou poder evitar.

Eu minto e acredito na minha própria mentira como fazem os apaixonados. Não estou apaixonada, mas, apesar disso, mais uma vez, em vez de dizer Por que não me procura na puta que o pariu, seu doente?, em vez disso digo Não quero parecer convencida, sorrindo, vejo seus olhos abrirem ainda mais, seu corpo inteiro voltar-se pra mim com atenção, Não quero parecer convencida, mas nenhuma das danças que você anda vendo por ai, nenhuma delas é tão extrema quanto a minha.

Ele se endireitou dentro da roupa. Deve ter ficado de pau duro de novo.

Procurar razões que justifiquem as artes é uma coisa tão imbecil quanto inevitável. Eu não lembro quem foi que disse, talvez Barthes: o esforço, nós o fazemos, porque como humanos tudo que queremos é ser amados um pouco mais. Os humanos, seguindo este raciocínio, com todas as suas vantagens evolutivas, sua capacidade de raciocínio, a ideia de uma vida privada, a conquista da solidão, apenas conseguiram tipos mais requintados de danças do acasala mento. O ballet não é diferente. E não sei, não sei se essa dança triste, esses treinos que fazemos com tanto esforço, Zelda e eu, cheios de falhas, se isso pode ser chamado arte. Mas a questão é: Zelda já tinha amor.

Concentração, vocês duas, Madame ralha conosco.

E sempre quando, em dupla, tentamos girar e caímos, Madame apenas assiste e comenta, É a coisa mais triste do mundo ver vocês duas aí, como dominós em fila, ela diz. Dvá-dvá! Estão fazendo tudo errado. Arrumem uma marcação de cabeça. Um ponto de equilíbrio.

Será que é isso mesmo?, será que equilíbrio é mesmo a resposta?

Eu explico: Zelda já era amada e ainda assim toma seu lugar ao meu lado na dança. Repete toda a base, os passos, mentalmente. Zelda tenta algo com isto? Mesmo já sendo tarde. Claro que ela cai e eu não sou diferente.

Passamos toda a vida esperando por algo que não vem, eu digo pra ele, Que não veio, que desistimos de esperar, e agora morremos de medo que isso, que essa coisa, nos alcance e nos atropеле quando já não adianta mais, quando não podemos subir a bordo. Temos medo e ficamos perseguindo trens pelo lado de fora da estação, num jogo besta de gato e rato. Persequimos algo.

Amor, sapatilhas de ponta, equilíbrio, uma mulher, uma *pirouette*, dá na mesma. Zelda quer, na verdade comprar um saiote de bailarina, isso eu não digo. Este é o objetivo dela: cada dificuldade vencida aponta, no fim dessas dores, das brigas com o marido, para o tão sonhado saiote de bailarina.

Eu só estou perseguindo você, ele diz.

E ele quer me achar por conta própria. Procurar cada puteiro, um por um.

Deve estar perto, digo, minto de novo, crio a ilusão de que ficamos mais próximos a cada mulher que se despe em sua frente, filas e filas de bundas desnudas rebolando, de peitos saltando. Você vai lá me ver dançar? Mas ele também está ficando cansado. Estamos todos muito velhos e o ballet demora demais.

Afastei os móveis da sala, calcei as sapatilhas meia ponta, e depois de uma longa fase de aquecimentos, grudei meus olhos na mancha do espelho, girei, errei, girei, errei. Mas insisto: separo os movimentos por etapas, pratico mais *pliés*, mais *passés*, mais marcações de cabeça, vou de novo, erro de novo, e depois mais uma vez. E mais outra. Maldita gravidade, droga de tontura.

Ele vai achar que estou falando de mim mesma, que Zelda e eu somos a mesma mulher. As pessoas sempre fantasiam isso, mas não é assim. Não somos. Zelda querendo um saiote é só uma ideia da tenacidade humana a troco de nada. Um saiote não é uma arma, não é um remédio tarja preta, ela compra um na hora que quiser sem precisar de credenciais.

E eu, em minha casa, treinando uma *pirouette* é outra coisa. Porque ele se entenece, se volta, cada vez mais incisivo sobre meus cortes, hematomas. Então minha busca é uma enorme interrogação no espaço. Eu só posso me perguntar como, como exatamente, isso de fazer uma *pirouette* na frente de alguém, como isso de funcionar igual bicho adestrado em circo, como é que isso resolveria minha vida? Afinal.

Pois ele volta. As retinas fatigadas, ele diz, já não aguenta mais ver tanto peito, tanta bunda, tanta boceta. Não sei o que ele pode querer de mim dizendo isso. Não me toca, sequer me beija. Você não está em lugar nenhum!, reclama. Eu volto pra casa decepcionada. A base da *pirouette* é sempre a mesma: *plié*, impulso, *en dehors*, braços colocados, marcação de cabeça.

A base da *pirouette* é sempre a mesma. Mas se é assim. então, e se eu estou fazendo cada etapa perfeitamente, então francamente, onde está o erro e se não encontro como e que vou consertar?

Ontem ele me encontrou no estúdio de dança. Me seguiu a semana inteira, fez buscas, tocava Tchaikóvsky: me encontrou. Entrou no meio da aula, primeiro olhando pra todos os lados como se houvesse algum engano, valsa das flores, ele me viu: meias brancas, sapatilhas brancas, collant e saia pretos. Não fez nada. Não fez cara de raiva, não apertou as mandíbulas, não acenou, discretamente, com a cabeça

Ficou ali, quieto, imóvel, o que eu podia fazer? Madame gritou *Pirouette*, eu joguei meus olhos dentro dos dele, usei sua imobilidade como ponto de equilíbrio, consegui girar duas vezes e daí continuei com a insolência de *jetés* pra trás e *attitudes*. Ninguém falava.

O quê? ele me perguntou, depois, enfurecido, O que exatamente você pretendia com isso?, enfiou as mãos no meu pescoço, O quê? Depois de ele ter confessado cada fantasia: o fascínio no despir, a frase “*we’re not allowed to touch*”, depois dele ter, metaforicamente, se postado nu na minha frente com seu ódio, seus fetiches. O quê?, me aborda no meio da rua, na saída do estúdio, O que diabos você pretendia? Com a pergunta dele algo chega ao fim. Nada. Com esse fim tiraremos de verdade nossas roupas, trocamos a provocação pelo sexo e depois acabaremos, fedidos e odientos, como acabam todos depois que as luzes apagam.

A *pirouette* lhe põe no limiar entre a perfeição da patética, eu disse a ele, devagar, Uma queda que destrói não apenas suas unhas, sua integridade física, mas também seu orgulho e a imagem que tem de si mesma. Eu disse: Nada. Você não pretende nada com a *pirouette*. Você pretende a *pirouette*, apenas

Ele disse que me amava, depois de brochar.

E quando a coreografia acabou, quando me virei, ele já tinha ido embora.

* **Débora Ferraz** nasceu em Pernambuco, mas vive em João Pessoa. É jornalista, doutora em Escrita Criativa pela PUCRS, autora da coletânea de contos *Os Anjos* (2003) e do romance *Enquanto Deus não está olhando* (2014), que venceu o Prêmio Sesc de Literatura e o Prêmio São Paulo.

“Dançando ballet com Zelda Fitzgerald” foi publicado na antologia *Onisciente contemporâneo* (2016).

Sete

Irka Barrios*

– Tem moeda?

Conversa sem sentido, essa, de moeda. Irritou Dan assim que ele entrou no táxi. Ele vinha calmo, olhando para a rua, escolhendo o momento certo de acenar para um carro que viesse vazio. Decidiu que sacaria a arma só quando chegasse ao destino. Seria tudo bem rápido, o motorista entregaria o que tivesse na carteira e Dan saltaria. Sem violência, sem traumas. Porque Dan não era ladrão comum, pé de chinelo, desses que dispara uma arma no susto. Era profissional, frio, inteligente. Poderia ministrar cursos preparatórios para quem optasse pela carreira do crime. Orgulhava-se de seu *modus operandi*. Mas tem dias que as coisas não tomam o rumo programado. Uma palavra mal usada, uma frase fora do contexto, e tudo soa como um convite. Dan nunca teve, mesmo, muita paciência com gente sonsa. Era estourado, os amigos diziam. Também não gostava de conversa mole. O cara tem que ouvir o endereço, dirigir até lá e pronto, pensava. Nada de papo sobre o tempo, os preços do supermercado, o trânsito lento. Veio com essa de moeda, Dan não pensou duas vezes: mostrou o revólver e anunciou o assalto.

Chinês corpulento, da cara gorda, o motorista. O alto da cabeça quase não tinha mais cabelo. A testa suava. Maldito chinês comedor de frango frito, pensou Dan. Encostou o cano da arma

bem no ouvido dele. Pelo retrovisor, viu seus olhos se estreitarem ainda mais. Nem parecia mais olho, só dois rasgos no meio da cara. Como conseguia dirigir com este pequeno ângulo de visão?

– Anda, chinês de merda!

O homem redondinho pisou fundo. O pneu cantou, e Dan abriu um sorriso. Como se ouvisse a trilha sonora marcada pelo baixo e pela sirene do carro quadrado da polícia, nos filmes dos anos 70. Escorou-se no assento traseiro, relaxou a mão que apontava a arma e acendeu um baseado. Na primeira tragada uma onda de torpor o atingiu. Deixa que o chinês me conduza enquanto eu fico de boas, pensou. Explicou o endereço com calma. Nada muito difícil, uma carona até Cachoeirinha, um empréstimo e o chinês estaria livre. Se fosse boa gente, Dan deixaria vintão para a coxa de frango. Não, vinte era muita generosidade. Cinco, melhor deixar cinco. Uma bela gorjeta para um serviço de qualidade duvidosa.

O Classic desceu a Bento desviando das tartarugas que trafegavam no domingo à noite. Parou no sinal da Princesa Isabel, e um carro encostou do lado. O chinês tentou uma comunicação, com os olhos.

– Te comporta aí, Chino! Tô de olho em ti – Dan ameaçou.

Pressionou o cano da pistola contra o banco, cutucando bem no meio das costas do motorista. Ele fechou o vidro e não olhou mais para o lado. Seguiu pela João Pessoa, concentrado no trajeto. Parou no primeiro sinal. O celular, posicionado num apoio de plástico, preso ao painel do carro, vibrou. Uma foto de mulher, com uma blusa rosa *pink* decotada, cobrindo apenas os bicos dos seios, apareceu na tela.

– Dá isso aqui! – Dan esticou o braço e puxou o celular. – Quem é a gostosa? – Desbloqueou a tela, a foto reapareceu. Lolipop Angel era o nome da moça. Moça só de corpo, porque a carinha era de criança. No máximo quinze anos, Dan calculou. – Chino pedófilo

filho da puta! – Acertou uma coronhada na testa do motorista. Riu alto, largou a arma e voltou ao celular. Procurava mais fotos da moça, ou de qualquer outra que interessasse. Cogitou retornar a ligação, apresentar-se, marcar um encontro, mas o carro parou de novo, no segundo sinal vermelho. A mão de Dan largou o celular e agarrou a arma, mais uma vez.

Dois garotos de pés descalços se aproximaram. Deram toques na janela e pediram trocados para o lanche. O gesto não comoveu Dan. Chino sequer abriu o vidro, fez cara de desprezo. Já não bastava o ladrão levar suas economias? Teria, ainda, que sustentar mendigos? Movimentou-se no banco, procurando melhor acomodação, torcendo para que Dan não notasse a bolsa de pano que escondia no bolso interno da calça, recheada com notas de cem.

O terceiro sinal, verde, convidava a avançar. Chino passou ao lado do viaduto que leva ao centro e contornou a esquina da Redenção. Antes de dobrar à esquerda para o Viaduto da Conceição, reduziu. O trânsito congestionou. Lançou um olhar que indagava o caminho, Dan mandou ligar o rádio.

– Merda de gurizada que bebe e se mata. Garanto que é acidente – Dan acusou.

– É o movimento da rodoviária – o Chino defendeu.

Ajeitou o retrovisor, ficou cuidando os carros. Anda, para, anda, para, anda, para. O rádio não informava as condições do trânsito, Dan pediu que trocasse para a Continental. Uma boa música para relaxar. Agora eram dois executivos que retornavam para suas casas após um dia de grandes investimentos. Passaram a tarde lucrando rios de dinheiro, pelo celular, contatando quem lhes devia grana ou favores. Pouco importava o valor do taxímetro, afinal de contas. Tocou *We are the world*, tocou aquela, *I Just called*, do Steve Wonder, grande cantor, tocou *Stairway to heaven*, que é muito comprida, e

nada de alcançarem a saída da Castelo Branco. Quando conseguiram contornar a rodoviária, os balões brancos anunciavam a blitz. Estava explicada a tranqueira: balada segura. A esta altura Dan já estava de saco cheio, e mandou o Chino pisar fundo. Inclinou-se para a frente e aumentou o volume do rádio. Tocava *Highway to hell*, música incomum na trilha da Continental. O Chino obedeceu e passou como um louco pelo guarda que apontou um trabuco, sem coragem de atirar. Uma das viaturas saiu atrás, o agudo da sirene atrapalhando a música que Dan apreciava. Ele se inclinou para a frente mais uma vez e girou o dial até o fim.

– Pega a ponte! Vamos pra Guaíba.

O Classic avançou para o viaduto em curva à esquerda, soltando fumaça do escapamento. Na subida, encostou numa caminhonete escura, suja de barro. No volante um homem quase sem queixo, com a cara mais larga que comprida. Ostentava um rabo de cavalo e a falta do dente da frente. Escancarou a boca numa gargalhada que quase tragava Dan, o Chino, o Classic e a ponte em curva. O tubo de seu esôfago atraía, exatamente como um olho de furacão atrai objetos, voando em torvelinho. O homem sem dente não deixou o Chino passar. Emparelhou e jogou a caminhonete contra o Classic. Abriu o vidro traseiro e três cabeças de cães furiosos saltaram, latindo, prontos para avançar. O Chino se assustou, não teve braço para segurar a direção. O Classic perdeu o controle e deu com tudo na mureta.

Dan apreciou, congelado, aquele instante de suspensão que precede a queda.

E então a terra os puxou.

Despencaram. O carro girou sobre si e caiu capotado.

Minutos se passaram até que Dan se livrasse das ferragens. Chutou o que havia sobrado da janela traseira e saiu escorre-

gando. Fez um breve exame dos ferimentos, estranhou que não possuía cortes, mesmo com tanto estilhaço. Avistou o Chino logo adiante, em pé, escorado num dos pilares do viaduto. E foi bem quando ele veio, de novo, com o papo da moeda. Dan ia partir para cima, acertar a cara dele. Mas ele fez um gesto com a mão espalmada, depois apontou para o rio.

Dan não notara a noite tão fria e nebulosa. Tudo ao redor muito silencioso, de repente não havia mais sirene. Olhou mais uma vez para o Chino e ele insistiu, apontando para a água. Lá longe, no meio da bruma, um barquinho se movia. Único barulho audível na noite escura, o do homem remando no rio. O remo mergulhava de um lado, deslizava para trás, e saía, para mergulhar de novo, do lado oposto. O estranho vinha, sem muita pressa, até os dois. Esperaram, não havia muito o que fazer. Conforme o barquinho se aproximava, a figura ficava mais nítida. Tratava-se de um homem com uma roupa bem escura, com capuz, e um manto longo, que cobria os pés. Quando ele chegou na margem, suas mãos brancas, muito enrugadas, ficaram evidentes. Por baixo das mangas, viam-se as unhas compridas, afiadas como garras. Ele encostou o barquinho, e Chino não disse nada. Só entregou sua moeda e embarcou. Olharam, os dois, para Dan. Ele entendeu que era a sua vez. O barqueiro estendeu a mão, firme. Dan esvaziou os bolsos da calça, procurou na carteira de couro rasgado. Mas nada. Ele não tinha uma moeda.

* **Irka Barrios** é contista e romancista, mestre em Escrita Criativa pela PUCRS. Foi premiada no Concurso Brasil em Prosa (2015) e participou de diversas antologias. Atua no coletivo Mulherio das Letras. Em 2019 publicou o romance *Lauren*.

“Sete” foi publicado na antologia *Onisciente contemporâneo* (2016).

A noite não tem fim para as crianças

Luiza Mussnich*

Outra noite em que o sono não vem, a excitação das férias com os primos. O dia havia sido longo e de muito sol. A casa na praia era larga e barulhenta. A madrugada caminha na mesma direção, a lua redonda lá fora. Dizem que criança dorme fácil; não acredita nisso.

Aliás, Benjamin já é quase não criança, os pelos nascendo pelo corpo, o pinto endurecendo de vez em quando, embora a contração ainda não diga muito.

Enxerga aquela poeira brilhosa de quando os olhos se acostumam à escuridão, o contorno das outras camas, o braço despencado de uma das gêmeas. Sua cama é a maior e mais perto da porta: pequenos privilégios concedidos ao mais velho. Há planetas e estrelas fosforescentes no teto. O quarto dos netos tem dessas coisas que sua mãe jamais permitiria em casa, mas, em casa de sogra, nora não opina.

A mãe é dessas mulheres bonitas demais e que precisam provar que são mais que aquilo escancarado aos olhos. Sempre tem uma opinião forte, é doutora em ciências políticas e vira e mexe aparece na TV, encabulando os apresentadores do sexo masculino com seus comentários certos.

Ou serão os cabelos pesados, a boca que parece carregar todas as palavras do mundo?

Benjamin vira de um lado para o outro, as pernas inquietas, o coração rápido demais. Os pés de meias, a barriga cheia, o travesseiro numa altura boa. Por que não o sono? Em vermelho, duas e trinta e quatro no relógio digital da estante.

O pai de Benjamin teve que viajar a trabalho, amanhã está de volta. O pai trabalha como louco, terno e gravata, avião toda semana, conferências telefônicas mesmo em viagens, sempre trocando de secretária. Certa vez os pais discutiram, o nome de uma mulher aparecendo como refrão de música. O pai dormiu fora de casa, depois voltou com flores. Já aconteceu outras vezes. Tem tempo que não acontece.

Chegaram na casa de praia tem três dias. Vão passar a semana, pelo menos uma vez no ano faz-se o esforço de juntar todos os primos. Os três irmãos homens se dão bem, mas as mulheres, ah, as mulheres.

O mais velho é casado com uma mãe dedicada e dona de casa, que nunca tem nada muito interessante pra contar. Largou a faculdade pra acompanhá-lo no mestrado fora, depois não retomou. O do meio casou com a namorada do Ensino Médio, demoraram anos pra conseguir ter filho.

Os pais de Benjamin se conheceram quando ela prestava consultoria para uma empresa para qual ele advogava. Todo mundo queria comer aquela gostosa. Quando uma mulher, além de bonita, é inteligente, aí fodeu. A primeira vez que eles transaram foi num banheiro do escritório, depois do happy hour. Os dois namoravam firme na época.

O verão na praia poderia ser longo como essa noite.

Pensa em acender as luzes, mas acordaria os menores. Pensa na calma da noite, uma agonia para quem não tem sono. Pensa na menina bonita da outra turma, os olhos desacostumados a vê-la. Não vai conseguir dormir agora.

Levanta da cama em passos de quem sai do esconderijo para bater pique.

No corredor, um barulho fino, um sino tocando longe. À medida que avança, o sino parece mais perto, acompanhado de uma batida baixa.

A porta entreaberta da cozinha, sobre a pia três rolhas borradas de lilás destoam do lava-louças e bucha. E um som metálico.

Será um intruso, um besouro atraído pela luz, zanzando pela única luminária acesa, num canto afastado?

Agora pisa em nuvens, prende o ar, contrai mesmo os pelos do corpo. Tem medo do coração fazer barulho, as batidas fortes e aceleradas. Ouve sons sem sentido, respirações esforçadas. Para atrás da mesa e se agacha. Reconhece as sandálias de miçanga, uma de ponta cabeça, a outra mais afastada. Tiradas às pressas. Se fosse ele largando os sapatos assim pela casa, a mãe reclamaria.

Mas é ela ali, a própria, os cabelos comprimidos tapam os seios nus, segurados com força por uma mão que remava com ele mais cedo; as nádegas e as mãos apoiadas na bancada da copa; as pernas em laço abraçando um dorso de calças abertas, uma gaveta com talheres se movendo. Aqueles corpos colidem com voracidade, mas sem violência. O impacto regula o volume dos grunhidos. Um dimmer.

Benjamim dá marcha a ré. Não consegue ouvir o silêncio da noite; o quarto é ensurdecador. De volta na cama, um volume se

forma entre suas pernas. As mãos afinando um instrumento. Como se tivesse lido rótulo de suco de caixinha, *agite*. Agita.

Um alívio bom percorre o corpo.

A noite não tem fim para as crianças.

* **Luiza Mussnich** nasceu no Rio de Janeiro em 1991. Publicou os livros de poesia *Microscópio* (2017), *Lágrimas não caem no espaço* (2018) e *Para quando faltarem palavras* (2018). Também participou da coletânea de contos *Identidade* (2018) da Amazon Brasil.

“A noite não tem fim para as crianças” foi publicado na antologia *Moldes para oxigênio* (2018).

Desce logo

Karen Garbo*

São cristalinos os princípios, as certezas. Até o momento de botá-los à prova. De uma hora pra outra, aí está você, sozinha e desesperada, cogitando, se perguntando o que fazer. Você que tinha certeza absoluta de que nunca faria isso. Essa coisa toda não tem nome. E mesmo no meu caso, adulta e com parceiro fixo, com a certeza do apoio dele, com o apoio dos meus pais, com as facilidades de uma situação familiar e financeira relativamente confortável. Ontem fui tomada por um desespero enorme, uma desilusão completa. Baixando a minha calcinha de meia em meia hora. Duas semanas. Que os dedos julgadores estariam em risco qualquer que fosse a minha situação, isso não há dúvida. Se eu tirasse, seria criminosa e assassina. Se tivesse, seria a mais nova mãe irresponsável de primeira viagem abrindo mão de sua carreira para criar um rebento. Pensei nas minhas tetas crescendo, se enchendo de leite, igualzinho a uma vaca, prontas para alimentar a sua cria. Nojento. Não tenho condições de ser mãe. Talvez daqui alguns anos, talvez em outras circunstâncias. Hoje a mera possibilidade me dá medo e nojo. Acho uma pachorra absurda um ser que cresce dentro de mim sem permissão, que modifica o meu corpo e vida sem ao menos perguntar como me sinto, e exige em troca a infinita oferta do amor. Um amor pesado,

mais intenso do que qualquer outra coisa, um amor pelo qual você passa a respirar, caminhar, a razão de existir, pra sempre. Claro que amaria um filho meu, que desejaria para ele toda a felicidade e lutaria com todas as forças para provê-la, mas não posso aceitar com tanta naturalidade um amor que não é escolha. Talvez nenhum amor seja escolha. Mas mesmo assim. Senti raiva. Ser mulher é uma porra de uma de injustiça, do começo ao fim. Olha pra mim, implorando por cólicas. O que mais dá raiva é o tom resignado com que todas dizem isso. “Pois é, menstruação, cólica, assédio, menopausa, depilação, é, pois é, fazer o que né, hehe”. E voltam a olhar para as cutículas arrancadas pela manicure. Quando foi que tirar a cutícula se tornou tão aceitável? Há qualquer coisa de intrinsecamente injusta no mundo, eu sei. A natureza é um pouco psicopata. Mas tenho a impressão de que falhei ontem. De que minhas voltas em tentar me convencer e convencer a Deus sobre a necessidade de um aborto, procurando justificativas como um viciado justifica uma última dose, isso de algum jeito me tornou mais vil. E agora aqui estou, do outro lado da ausência da linha vermelha, de volta ao mundo de jovem solteira, meus sonhos restaurados. Mas algo daquela angústia ficou comigo. Mais uma ruga no rosto da minha alma, experiências que só te fazem mais velha e cansada. Hoje sonhei com o Douglas. Meu colega da escola, símbolo perfeito da imoralidade juvenil, desde os nossos 14 anos ele era um *outsider*, o jovem violento que não temia ninguém. Eu olhava para ele com um misto de respeito e medo. Em sonho peço para ele um cigarro. Fumo olhando para quadra de esportes decadente da escola. “É, eu me tornei isso.” O cigarro se tornou finalmente um símbolo de alívio de tensões, adereço previsível de minha biografia. Soprando vaporadas nos meus preceitos. A resignação diante do vício e da

morte enquanto eu olhava para aquela quadra foi uma alegoria perfeita da minha situação. Eu sou a pessoa que abortaria, se fosse o caso. Mesmo tendo chorado antes de digitar “plantas abortivas” no Google, mesmo pedindo “Deus, não me faça ter que digitar isso, não me faça chegar a esse ponto”.

O Leo foi mais pragmático do que eu. Eu queria esperar até quarta para comprar o exame de gravidez. Eu teria surtado até quarta. Com medo de ir à farmácia, percebe? Medo de não saber disfarçar o meu desespero diante da pessoa que me atendesse, medo do primeiro olhar julgador, o primeiro de vários olhares desconfortáveis, o receio perscrutador antes de me dar parabéns. E por que deveriam? Por que essas fotos de banco de imagem com sorrisos de felicidade nos artigos da internet? Esses hipócritas sabem perfeitamente que a felicidade da gravidez não é nem de perto algo incontestável. Para uma parcela não desprezível de pessoas pode ser simplesmente uma merda. Uma merda, sem substituição de termos para não ferir o bebezinho. “Na hora de fazer foi bom!”, eu já disse no passado. E hoje respondo pra mim mesma que me preveni, sim, que tomo anticoncepcional, mas diante desse atraso me pergunto se aquele dia que atrasei para tomar a pílula não foi fatal. Só pode ter sido.

Pensei nisso enquanto o Leo comprava o exame. “A viagem de ônibus foi horrível”, me contou. Veio de pé com o exame no bolso, pensando em um bebê deformado pela minha recente caxumba, e com vergonha de sugerir um aborto. Porque ele já conhecia os meus “princípios cristãos”. Mal sabia ele que eu já tinha passado a fase da vergonha e chegado à fase da simples afirmação, embora soubesse a marca que isso deixaria em mim depois, independente do que fizesse. Engraçado eu falar disso no passado. Não menstruei ainda, depositei todas as minhas certe-

zas naquela única listra vermelha. Tanta esperança contida num pedaço de plástico. Depois que ele chegou, seu nervosismo me acalmou, como ocorre conosco com frequência. Ele caminhava de um lado para o outro, enquanto eu esperava a vontade de fazer xixi chegar. Achei fofa a inquietude dele, o receio de me encarar, o medo de piorar meu pretenso estado de nervos em frangalhos. Nessas horas a personalidade das pessoas se aguça. Ele andando de um lado para o outro enquanto eu olhava para o computador, sem pensar muito no que estava prestes a fazer. Finalmente eu estava calma. Um pouco antes dele chegar, havia alcançado o estado de embotamento, que sempre tenho na iminência de momentos decisivos. Comecei a varrer a casa como tinha planejado durante o dia. Quando a vontade de fazer xixi chegou, tomei o cuidado para mijar somente na fita e vi o líquido subindo na janelinha como se não fosse a minha vida ali dentro. Vi formar-se a primeira linha vermelha, ainda com a alma suspensa, e assim se passaram os próximos minutos, o teste em cima da mesa e nós dois na tentativa de manter uma conversa no quarto, ele indo e vindo da cozinha com o alívio crescente: a segunda linha não tinha aparecido. Depois de passados os definitivos cinco minutos, não nos abraçamos aliviados. Por fim senti a liberdade de chamá-lo de imbecil por me fazer sempre a mesma pergunta desconfiada diante do mais leve mal-estar que eu tivesse: “Não tá grávida, né?” Porra, que saco. A minha paranoia já basta. Claro que eu não estaria nesse nível de desespero se a minha menstruação não estivesse tão atrasada, e ainda não entendo o que está acontecendo comigo, mas não quero mais me submeter à dúvida. O Leo já comprou um segundo teste, vou refazê-lo na semana que vem caso a minha menstruação não desça. Inflamação nos ovários devido à caxumba e mesmo uma

infertilidade decorrente não me parecem tão graves quanto uma gravidez. Mas estou na espera do fim disso. Agora acendo um cigarro e inalo a fumaça com força.

* **Karen Garbo** nasceu em Xaxim (SC), vive em Porto Alegre, é graduanda em História e mestranda em Crítica e Teoria Literária (UFRGS). Participou de antologias como a *Machado de Assis* (2015) e a do concurso Mansueto Bernardi (2016).

“Desce logo” foi publicado na antologia *Qualquer ontem* (2019).

Ainda renascem os dentes

Michel de Oliveira*

Única mulher que amei.

Ouçõ ainda: Deus precisava de um anjo e levou ela. Só alguém sem mãe pra fazer tamanha maldade. Tentei arrancar meus dentes, puxando forte com os dedos. Depois bati a cabeça contra a parede, seguidas vezes. Tia Berta me segurou pelos braços, apertou forte ao ver o sangue vazar na testa e escorrer pelo canto do olho.

Não bastasse viver, ainda suportar a falta de mãe. Mordi o pulso até sentir o gosto salgado na ponta da língua. Tia Berta ouviu meus grunhidos e me salvou de mim com safanão tão forte que ecoou o zunido por dentro da cabeça. Aquele ato de violento afeto quase me fez amá-la.

– Pelo amor de Deus, meu anjo – tia Berta disse, enrolando as ataduras nos meus pulsos, mesmo o que não mordi.

Mãe estava morta, se eu me quebrasse nada resolveria, não a traria de volta pra passar os dedos por entre meus cabelos e repetir:

– Sorria, antes que caiam os dentes.

Frase que me encheu de pavor quando desabou o primeiro incisivo. Chorei num desespero que corroía as tripas. Mãe afagou meus cabelos, sorriu e disse:

– Espere.

Depois voltaram a crescer.

Mãe não renasceu após a queda.

Chegaram com mãe embalada pra viagem, acomodada no caixote de madeira.

Eu não queria ver. Não queria.

Tia Berta me deitou na minha cama estreita. Levantei e corri pro quarto da cama grande. Abri a porta do guarda-roupa e me agarrei aos vestidos, impregnados com o cheiro de madeira velha, seu cheiro, mãe, que tantas vezes quis fixar à pele quando brincava dentro do vestido de musseline bordô.

Me agarrei a mangas, barras e babados quando tia Berta me puxou pela cintura. Consegui manter nas mãos o vestido de tricoline salpicado de florezinhas amarelas. Poderia ficar com ele se promettesse me acalmar, tia Berta falou, ressoando a agonia. Amoleci o corpo e ela me deitou nos travesseiros de mãe. Caí no sono agarrado ao vestido, com tia Berta me encarando tomada de suspiros.

Acordei como dente que rasga gengiva. Despi camiseta, short e cueca, e me protegi atrás do tecido floral. Dei um nó na barra do vestido pra não arrastar no chão. Olhei no espelho e suspirei fundo.

Caminhei até o caixão. Agarrei a borda de madeira, o cheiro não era o mesmo das tábuas do guarda-roupa. Segurei a mão rija de mãe e afaguei os dedos com meus cabelos. As pessoas na sala me olhavam sem entender. Tia Berta me deixou ficar com o vestido toda a noite, talvez pensasse que era minha forma de lidar com a perda. Não era.

* **Michel de Oliveira** (Tobias Barreto – SE, 1988) é escritor, fotógrafo, jornalista e doutor em Comunicação e Informação pela UFRGS. Autor de *Cólicas, câimbras e outras dores* (2017 – finalista do Prêmio Sesc de Literatura e da Maratona Carreira Literária) e de *O sagrado coração do homem* (2018 – finalista do Prêmio Açorianos).

“Ainda renascem os dentes” foi publicado na antologia *Qualquer ontem* (2019).

Cão

Tobias Carvalho*

Não sei explicar. De uma hora pra outra, ele começou a babar excessivamente, mais que o normal até pra raça dele. Um fio de saliva escorreu pela boca e formou uma poça. Tentei ver o que era, fechei a boca dele à força, fiz carinho e disse que ia ficar tudo bem, mas não adiantou. Os minutos passaram, e, depois de encharcar o tapete, a baba foi em direção aos cantos da sala, por debaixo dos móveis. Meu apartamento é pequeno, mas aquilo era inusitado. A saliva subiu alguns centímetros acima do chão, pouco a pouco, e eu sentia que em pouco tempo estaria debaixo d'água. Eu não sabia o que fazer. Liguei pro veterinário do ímã da geladeira. Eu disse que meu cachorro estava salivando demais, e ele disse que era normal, pediu que eu levasse ele até o consultório. Quando voltei pra sala, o cachorro estava nadando a todo vapor na própria saliva, e me dei conta de que talvez pra um cachorro de apartamento aquilo era o máximo, fazia todo sentido, talvez fosse isso o que meu cachorro queria: nadar.

* **Tobias Carvalho** nasceu em Porto Alegre em 1995. *As coisas* (Record), seu livro de estreia, foi vencedor do Prêmio Sesc de Literatura 2018.

Participa da atual edição (2020) da Oficina de Criação Literária da PUCRS.

EDITORA UNIVERSITÁRIA DA PUCRS – EDIPUCRS

A Editora Universitária da PUCRS já publicou mais de 1.500 obras impressas e mais de 250 livros digitais.

Siga a EDIPUCRS nas redes sociais, fique por dentro das novidades e participe de promoções e sorteios.



www.editora.pucrs.br



www.facebook.com/edipucrs



www.twitter.com/edipucrs



www.instagram.com/edipucrs

Para receber as novidades no seu *e-mail*, cadastre-se pelo nosso *site* ou envie um *e-mail* diretamente para comunica.edipucrs@pucrs.br.

Acesse o *QR Code* abaixo e conheça os livros impressos, os *e-books* pagos/gratuitos, os periódicos científicos, os próximos lançamentos e os conteúdos exclusivos da EDIPUCRS.



Av. Ipiranga, 6.681 – Prédio 33
Caixa Postal 1429 – CEP 90619-900
Porto Alegre – RS – Brasil
Telefone: (51) 3320-3523
E-mail: edipucrs@pucrs.br